

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

DOUGLAS RUNDVALT

COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR BIOTECNOLÓGICO E REESTRUTURAÇÃO
ECONÔMICA E HEGEMÔNICA DOS ESTADOS UNIDOS

PONTA GROSSA

2013

DOUGLAS RUNDVALT

COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR-BIOTECNOLÓGICO E REESTRUTURAÇÃO
ECONÔMICA E HEGEMÔNICA DOS ESTADOS UNIDOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM GEOGRAFIA, pelo programa de Pós-Graduação em Geografia: Mestrado em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Edu Silvestre de Albuquerque

PONTA GROSSA

2013

**Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação
BICEN/UEPG**

Rundvalt, Douglas

R941 Complexo industrial - militar -
biotecnológico e reestruturação econômica e
hegemônica dos Estados Unidos/ Douglas Rundvalt.
Ponta Grossa, 2013.
120f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do
Território - Área de Concentração: Gestão
do Território), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Edu Silvestre de
Albuquerque.

1.Biotecnologia. 2.Complexo
industrial-militar. 3.Biodefesa.
4.Reestruturação econômica. 5.Hegemonia.
I.Albuquerque, Edu Silvestre de. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em Gestão do Território. III. T.

CDD: 32 0.12

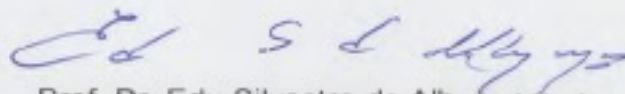
TERMO DE APROVAÇÃO

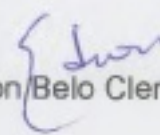
Douglas Rundvalt

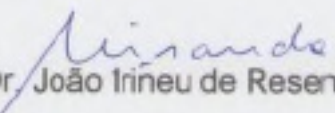
“COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR-BIOTECNOLÓGICO E A REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E HEGEMÔNICA DOS ESTADOS UNIDOS”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:


Prof. Dr. Edu Silvestre de Albuquerque
UEPG/UFRN


Prof. Dr. Edson Belo Clemente de Souza
UNIOESTE


Prof. Dr. João Irineu de Resende Miranda
UEPG

Ponta Grossa 02 de julho de 2013.

Dedico esse trabalho aos meus pais Sueli Rundvält e Félix Rundvält Filho que sempre me apoiaram nos estudos e me aguentaram nesse período.

Aos meus grandes amigos que estiveram ao meu lado.

E a todos que acreditaram em meu trabalho!!!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus guias espirituais e à Grande Mãe Divina que me deram forças para essa caminhada.

Ao Prof. Dr. Edu Silvestre de Albuquerque que muito me ajudou, sempre estava a disposição para me orientar e ajudar, suas dicas, orientações e conversas me levaram a perceber como é bom trabalhar com Geopolítica.

Aos meus pais que sempre me apoiaram nos estudos e nunca deixaram faltar nada.

À minha amada Meryellen que sempre esteve ao meu lado aguentando todo esse tempo.

A todos os meus amigos que estavam do meu lado e me aguentaram.

Às pessoas que souberam que minha ausência era por esse motivo e tiveram paciência comigo nesses dois anos.

Quem Somos Nós?

Ricardo Letenski

É um fato e não tem graça
pois quem pensa, logo rechaça
julga ser um disparato
esquecê-lo é o mais sensato.

Embora sejamos todos um
humanóide comum, nunca foi capaz
de compreender na integridade
o que ele é de verdade.

E o que dizer de outro ser
que não sou eu, nem é você.

Se intitulam como homens
que disso tudo é o mais estranho
pois se forem bem cotados
nunca passam de um rebanho.

Se amontoam e tem medo
de ficarem cara a cara
de se entenderem mais a fundo
Morrem sempre solitários
da mesma forma vêm ao mundo

Uns rebanhos são burgueses
outros são miseráveis
uns rebanhos são tão gênios
outros mais são tão amáveis

Outros tantos são uns tolos
e alguns inconsoláveis
cada qual um universo
em cada verso solitários

Cada vida separada
de outra vida
por outro abismo

Afastados pelo egoísmo
afastados por vaidades
afastados por escolha própria

Se batermos apanhamos
mas se perdoamos
então somo perdoados

Todos levamos um vazio
ele tem o tamanho do céu
mas quando amamos
uma luz brilha entre nós

Dois abismos então se unem
como que por encanto
numa ponte de improviso
se uma alma canta
a outra é o canto.

RESUMO: A importância geohistórica da Guerra Fria nos chega até o presente na forma da corrida armamentista geradora de tecnologias duais no âmbito do que se convencionou chamar de complexo industrial-militar (CIM). As inovações no campo militar proporcionaram aos Estados Unidos a retomada do crescimento econômico e da hegemonia nas décadas de 1980-90. Uma das ramificações desse CIM nos tempos atuais lidam com a manipulação de seres biológicos para servirem como armas de guerra. No início do séc. XXI, presenciamos a criação de um novo inimigo sem território definido e sem endereço para atacar, o terrorismo internacional, eleito como justificativa para a continuidade de investimentos em novas tecnologias militares. Neste trabalho demonstramos essas novas táticas desenvolvidas no âmbito da Segurança Nacional, que convergiram diversos interesses privados na criação do Escudo de Biodefesa. Daí que definimos essa nova ramificação do CIM de complexo-industrial-militar-biotecnológico (CIMB), viabilizadora de novos lucros a partir de parcerias entre militares e civis, e já testada no caso das pandemias gripais globais.

Palavras-chave: Biotecnologia, complexo industrial-militar, Biodefesa, Reestruturação econômica, Hegemonia.

Abstract: The geo-historical importance of the Cold War to the present comes in the form of arms race generating dual technologies under the so-called military-industrial complex. Innovations in the U.S have provided the recovery of economic growth and hegemony in the decades of 1980-90. One of the ramifications of this military-industrial complex in the current times deal with the manipulation of biological beings to serve as weapons of war. At the beginning of the century. XXI, are witnessing the creation of a new enemy without a defined territory and no address to attack, international terrorism, elected as justification for continued investment in new military technologies. In this present study we demonstrate these new tactics developed within the National Security, which many private interests converged in the creation of Bioshield. Thence we define this new ramification of the MIC - complex military-industrial-biotech (CMIB), enabler of new profits from partnerships between military and civilians, and already tested in the case of global flu like pandemics.

Keywords: Biotechnology, military-industrial complex, biodefense, Economic restructuring, Hegemony.

Resumen: La importancia geohistórica Guerra Fría nos llega hasta el presente en forma de carrera de armas generando tecnologías duales bajo el llamado complejo militar-industrial (MIC). Las innovaciones en los militares de EE.UU. proporcionaron la recuperación del crecimiento económico y de la hegemonía en las décadas de 1980 a 1990. Una de las ramificaciones de esta MIC lidiar la actualidad con la manipulación de los seres biológicos para servir como armas de guerra. A comienzos del siglo. XXI, presencié la creación de un nuevo enemigo sin territorio definido y sin dirección a los ataques, el terrorismo internacional, elegido como justificación para seguir invirtiendo en nuevas tecnologías militares. En este trabajo se demuestra estas nuevas tácticas desarrolladas dentro de la Seguridad Nacional, que muchos intereses privados convergieron en la creación Del Escudo de Defensa Biológica. Por lo tanto se define esta nueva rama de la MIC - complejo militar-industrial- biotecnológico (CMIB), facilitador de nuevos beneficios de las alianzas entre militares y civiles, y ya probadas en el caso de una pandemia mundial de gripe.

Palabras clave: Biotecnología, complejo militar-industrial, biodefensa, La reestructuración económica, hegemonía.

Lista de Figuras

Figura 1: Foto do medicamento Tamiflu	37
Figura 2: Folder da Organização Mundial da Saúde para prevenir e proteger-se da gripe 'A'....	39
Figura 3: Donald Rumsfeld divulgando seu livro “Know and Unknow: A Memoir” em 22/02/2011.....	43
Figura 4: Norbert W. Bischofberger atual vice presidente Executivo da empresa Gilead Scienses Inc.	46
Figura 5: Alguns membros do Conselho Administrativo da empresa posam para fotos. No centro da fotografia, o descobridor do Fosfato de Oseltamivir (Tamiflu) Norbert W. Bischofberger.....	46
Figura 6: Carla Anderson Hills na conclusão do tratado do NAFTA, em 1992.....	50
Figura 7: Carla Anderson Hills empossada como Secretária de Habitação e Desenvolvimento dos EUA pelo presidente Gerald Ford em 1975.	50
Figura 8: Números de casos e mortes confirmadas em Maio de 2009	66
Figura 9: Números de casos e mortes confirmadas em Junho de 2009	67
Figura 10: Países, territórios e áreas com casos e número de mortes reportadas pela OMS	68
Figura 11: Países, territórios e áreas com casos e número de mortes reportadas pela OMS	69
Figura 12: Notícia da Revista Veja on-line	73
Figura 13: Interior de um ônibus no RS com folder explicativo	74
Figura 14: Notícia da Revista Veja on-line	75
Figura 15: Dados oficiais de casos e mortes oriundos da Gripe H1N1 (Gripe A) em 2009	76

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Investimentos do governo estadunidense em Biodefesa - 2001/2011	58
Gráfico 2: A ascensão na arrecadação da empresa Gilead Sciences Inc. com o recebimento dos <i>Royalties</i> referentes à comercialização do TAMIFLU.....	63
Gráfico 3: Arrecadação com <i>Royalties</i> do Tamiflu nos anos de 2007-08 - surto da gripe 'A'	65
Gráfico 4: Arrecadação do antiviral Tamiflu entre os anos de 2004 a 2010.....	70
Gráfico 5: Comparativo dos casos confirmados de Dengue e Gripe A em 2009	78
Gráfico 6: Relação de mortes confirmadas Dengue-Gripe A em 2009	79

Lista de Tabela

Tabela 1: Casos confirmados de Dengue na Brasil em 2009	76
---	----

Lista de Anexos

ANEXOS 1: REPORTAGENS	93
ANEXOS 2: DOCUMENTOS.....	117

Sumário

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: A crise de hegemonia estadunidense e a retomada do imperialismo pela via da “acumulação por espoliação”	20
1.1 Sistema Internacional e hegemonia.....	20
1.2 A crise de hegemonia dos Estados Unidos.....	23
1.3 O ciclo sistêmico de acumulação norte-americano e a crise atual	23
1.4 O papel do hegemom na crise atual e o futuro da economia mundial.....	27
CAPÍTULO II: Complexo industrial-militar e os falcões da indústria de Biodefesa	32
2.1 A descrição do Complexo Industrial-Militar.....	32
2.2 O potencial da biotecnologia nos CIM's.....	33
2.3 Estruturação de um Complexo Industrial-Militar-Biotecnológico.....	35
2.4 O TAMIFLU e o monopólio das gripes.....	38
2.4.1 Donald Rumsfeld no topo dos interesses privados.....	42
2.4.2 John Madigan, braço direito de Rumsfeld	45
2.4.3 Norbert W. Bischofberger	45
2.4.4 James M. Denny.....	47
2.4.5 John F. Cogan	48
2.4.6 Carla Anderson Hills.....	49
2.4.7 Gayle Wilson Edlund	51
CAPÍTULO III: A Emergência do Complexo industrial-militar-biotecnológico	53
3.1 O interesse pela Biotecnologia	53
3.2 Soft Power e o poder de persuasão da grande mídia	55
3.2.1 Das estratégias de segurança nacional ao projeto de Biodefesa.....	55
3.2.2 TAMIFLU, remédio para gripes e para a crise.....	62
3.2.3 A mídia e seu papel na sociedade moderna.....	70
3.3 Da célere autorização, aos céleres lucros	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	85
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	90

INTRODUÇÃO

As conexões entre políticos, militares e empresas de biotecnologia nos Estados Unidos viabilizam a apropriação privada de parte dos fundos públicos daquele país. As ameaças representadas por essa parceria público-privada no âmbito do complexo industrial-militar (CIM) estadunidense foi aventada inclusive pelo então presidente D. Eisenhower, indicando a perigosa influência dos militares sobre a vida política americana no contexto da Guerra Fria.

Entretanto, na presente pesquisa optamos por demonstrar a formação de monopólios privados também no interior do CIM, descortinando as conexões entre Estado e Empresas de Biotecnologia e de Mídia no contexto da hegemonia americana. O medo de pandemias planetárias e do terrorismo são usados para viabilizar os superlucros privados monopolistas.

Para que haja esse 'desvelar' das conexões, mostrou-se necessário na metodologia seguir alguns parâmetros aos quais obedeceram a uma ordem à qual iniciou uma pesquisa bibliográfica para fosse elaborada a base teórica, em seguida passou-se para a busca de documentos aos quais confirmassem os elos de ligação da empresa de biotecnologia e do Estado. Após análise desses documentos fez-se necessário equiparar os lucros da empresa Gilead Sciences Inc. nos períodos de crise e também dos supostos riscos de pandemias gripais. Para o caso brasileiro comparamos os casos confirmados da gripe H1N1 e da Dengue no ano de 2009, levando em conta a questão de que ambos são considerados problemas de saúde pública e pra finalizar elaborou-se gráficos para uma visualização tridimensional dos lucros dessa empresa, tornando-se assim mais perceptível aos olhos do leitor, esses gráficos contém informações do lucros na arrecadação do *royalties* do medicamento Tamiflu durante os períodos de frenesi das possíveis pandemias de gripe.

Abordou-se à problemática do novos recursos tecnológicos oriundos do CIM como ferramentas para a reconstrução da hegemonia norte-americana em meio À crise. Essa possível reengenharia da hegemonia seria viabilizada pelos repetidos boatos de vírus mutantes e bactérias mortais, divulgados a partir dos meios de informação acessíveis a grande parte da população mundial. Pegou-se como exemplo as pandemias globais da gripe H1N1 e da gripe aviária, e também das cartas contendo antraz. O questionamento é se a biotecnologia serviria como uma

nova ferramenta para auxiliar no atual processo hegemônico e de reestruturação econômica estadunidense.

Ante essa problemática alguns conceitos se mostraram fundamentais para o entendimento da problemática da pesquisa proposta, especialmente hegemonia e complexo industrial-militar. Encontramos no realismo e na geopolítica o instrumental para estabelecer a relação entre geografia, história e política, enquadrando as análises empíricas de documentos oficiais do governo americano.

A Geopolítica “estuda a influência dos fatores geográficos na vida e evolução do Estado com o objetivo de tirar conclusões de caráter político, guiando o estadista na construção política interna e externa do Estado que por fim orienta o militar na defesa nacional” (RACY, SILBERFELD, 2009, p. 58). É simultaneamente uma arte e um campo científico, como denota Albuquerque (2011, p. 26):

Ciência porque apresenta um objeto de estudo definido e que se confunde com as bases geográficas do poder do Estado. Arte porque produz leituras de mundo que envolvem representações e percepções individuais e coletivas diversas, inclusive com cartografias sempre singulares [...]. A geopolítica desconfia da dimensão normativa universalista das relações internacionais, bem como se nega a ‘colocar no mesmo cesto’ todas as geoestratégias nacionais e rotulá-las de ‘projetos autoritários e conservadores’.

A geopolítica do *hegemon* projeta o interesse nacional americano no plano internacional. E as diferenças entre política interna e política externa são cada vez mais tênues a medida em que a configuração dos mercados é crescentemente global. Assim, procuramos desvelar uma parte do complexo jogo onde os Estados movem-se segundo a máxima realista de manter ou ampliar seu poder e segurança no sistema internacional.

Ainda que alguns autores marxistas prefiram empregar o termo imperialismo para desvelar as atuais geoestratégias estadunidenses - lembrando o período da unipolaridade britânica, onde as estratégias do *imperium* eram descritas como um conjunto de ações militares das potências centrais -, optamos aqui pelo conceito de hegemonia, este mais focado na expansão econômica, e algo mais próximo do conceito de *Soft Power*, elaborado por Joseph Nye (2004).

Entretanto, o conceito de hegemonia não implica desconsiderar as velhas práticas imperialistas, pois a extensificação de determinadas práticas econômicas pode exigir a intervenção militar na defesa dos interesses do *hegemon*. Para Harvey,

o modelo neoliberal depende de um “Estado facilitador”, que garante “a integridade da moeda como estoque de valor e meio de circulação” (2003, p. 120), mas que paradoxalmente acaba por “produzir sérias e crescentes instabilidades que culminam em crises crônicas de sobreacumulação” (2003, p. 120).

Essas crises de sobreacumulação podem ser resolvidas pela retomada das estratégias de “acumulação por espoliação”, onde a desvalorização de ativos na periferia servem para liberar um conjunto de ativos concentrados nos países centrais, tudo isto a um custo muito baixo. Em outras palavras, a produção de instabilidades regionais é uma pré-condição para o funcionamento global do sistema financeiro.

Mas nosso foco aqui recai nas estratégias não-militares - paradoxalmente desenvolvidas no âmbito do complexo industrial militar estadunidense - de manutenção da hegemonia americana no século XXI. Por vezes, apenas a mobilização do *Soft Power* é suficiente para provocar essa desvalorização de ativos na periferia, caso das privatizações na América Latina durante os anos 90. A questão é se essas estratégias de recomposição da hegemonia:

[...] assinalam o nascimento de um novo regime de acumulação, capaz de conter as contradições do capitalismo durante a próxima geração ou se marcam uma série de reparos temporários, constituindo assim um momento transicional de dolorosa crise na configuração do capitalismo no final do séc. XX. (HARVEY, 2011, p.177)

No passado, a Inglaterra ativava mais intensamente os mecanismos de acumulação por espoliação à medida que sua crise hegemônica se evidenciava:

O medo da emulação levou a Inglaterra, por exemplo, a evitar que a Índia desenvolvesse uma dinâmica capitalista vigorosa, frustrando assim as possibilidades de ordenações espaço-temporais na região, a dinâmica aberta da economia atlântica favoreceu muito mais a Inglaterra do que o império colonial reprimido na Índia, de que o país por certo conseguiu extrair excedentes, mas que nunca funcionou como campo importante para semear o capital excedente britânico. (HARVEY, 2011, p. 117).

O deslocamento da dinâmica da economia atlântica aos Estados Unidos representou a ascensão deste como potência hegemônica global. Assim é inevitável nos perguntarmos se as distintas estratégias de acumulação por espoliação mobilizadas desde a América Latina até o Oriente Médio podem ser um sinal de que o ciclo sistêmico estadunidense estaria finalmente entrando em colapso.

A privatização de ativos públicos para empresas privadas e fundos públicos estrangeiros foi alcançada na América Latina sem que os Estados Unidos disparassem um único tiro:

A mistura de coerção e consentimento no âmbito dessas atividades de barganha varia consideravelmente, sendo, contudo possível ver agora com mais clareza como a hegemonia é construída por meio de mecanismos financeiros de modo a beneficiar o *hegemon* e ao mesmo tempo deixar os Estados subalternos na via supostamente régia do desenvolvimento. O cordão umbilical que une acumulação por espoliação e reprodução expandida é o que lhe dão o capital financeiro e as instituições de crédito, como sempre com o apoio dos poderes do Estado (HARVEY, 2003, p.126).

Ao longo desta dissertação vamos andar no sentido de uma concepção mais ampla da noção de “acumulação por espoliação” desenvolvida por David Harvey, de modo a considerar também a “produção do medo” como uma desconstrução de ativos mentais necessária para permitir a aceitação pública de novas medicações ainda não devidamente testadas e de eficácia duvidosas. Como diz Michel Foucault (1979), as microfísicas do poder se manifestam acima de tudo nos corpos dos indivíduos.

A produção do medo é uma fórmula mobilizada a partir do CIM estadunidense para simultaneamente sair da crise econômica e retomar a hegemonia, através da articulação entre meios de comunicação - a ‘Grande Mídia’ - e atores influentes na política americana, que garantem a afirmação do discurso hegemônico.

Como afirma Dugin (2013), a partir de Gramsci, no discurso hegemônico é também fundamental a participação da ‘coletividade intelectual’, onde existe um ‘poder oculto oriundo da classe intelectual criativa’. Essa é também a essência do conceito elaborado por Joseph Nye de ‘*Soft Power*’ (2004) ou ‘Poder Brando’, usado para descrever a habilidade que um corpo político tem em influenciar o comportamento ou interesse de outros corpos políticos através do discurso.

A “ciência, tecnologia e informação são a base técnica da vida social atual” (SANTOS, 1998, p. 44), e nesse sentido a biotecnologia e seu considerável avanço nas últimas décadas, aliada ao meio informacional e a velocidade com as informações chegam até nós através da grande mídia, representam os casos estudados nesta pesquisa.

Os países hegemônicos lançam-se como pioneiros no desenvolvimento da biotecnologia, mas os velhos ‘senhores da guerra’ continuam em destaque ao se

apropriarem de um leque crescente de novas tecnologias duais. É justamente na área da biotecnologia que apresentamos uma determinada rede de influência criada para manobrar o orçamento público em função de interesses privados. Militares e políticos americanos tem manipulado vírus e bactérias para o uso como armas, e manipulado a mídia e a sociedade americana e mundial para a necessidade e urgência da 'Biodefesa'.

Este trabalho demonstra alguns acontecimentos aos quais apontam para o medo de uma pandemia causado pelo vírus da gripe 'A' trouxe lucros exorbitantes a uma única empresa de biotecnologia que detém a patente do medicamento conhecido como Tamiflu. Refizemos todos os nexos entre o corpo administrativo dessa empresa de biotecnologia e a criação do projeto de Biodefesa (Ver anexo Projeto de Biodefesa, pgs. 115-117), que tem como objetivo prevenir a população civil e os militares de possíveis ataques biológicos.

A empresa em questão é a Gilead Sciences Inc., que desde 2004 viu seus lucros crescerem vertiginosamente graças ao medo de uma possível pandemia gripal: seus lucros aumentaram praticamente 50 vezes em um período de seis anos (2004-2010). Demonstramos essa movimentação financeira através de diversos gráficos, com seus picos coincidindo com episódios como o surto da gripe aviária no continente asiático e o surto da gripe suína a nível mundial.

As políticas e práticas governamentais e empresariais aqui analisadas apontam para a emergência de uma ramificação do CIM, de menor porte, mas com enorme potencial ao se destacar nesses tempos de crise, que chamaremos de complexo industrial-militar-biotecnológico (CIMB).

CAPÍTULO I

A crise de hegemonia estadunidense e a retomada do imperialismo pela via da “acumulação por espoliação”

Neste capítulo inicial, primeiramente apresentamos o conceito de hegemonia, mais abrangente que o conceito de imperialismo e mais realista que a noção de sociedade civil mundial. Num segundo momento, apresentamos o processo de acumulação por espoliação, conceito retomado por David Harvey (2003) para desvelar as saídas esboçadas pelo *hegemon* para a crise estrutural capitalista, e relacionamos à ideia de ciclos sistêmicos de acumulação de G. Arrighi (1996), formando assim uma base teórica entrelaçada para o melhor entendimento da ascensão do complexo industrial-militar-biotecnológico.

Para alcançarmos a profundidade e o sentido da crise hegemônica atual, abordaremos neste item os conceitos de Ciclo Sistêmico de Acumulação e de Acumulação por Espoliação, além da Análise do Sistema-Mundo e da Teoria da Estabilidade Hegemônica. Esperamos demonstrar que todos esses conceitos e análises encontram-se interligados, como de resto o próprio Sistema Internacional.

1.1 Sistema Internacional e hegemonia

Assim como o conceito de imperialismo, o conceito de hegemonia também se forma no interior do pensamento marxista, pois para Antonio Gramsci este se inicia:

[...] quando um grupo ou classe social inicia um processo de sobreposição em relação às classes subalternas. Exercendo assim uma liderança moral e intelectual, tal grupo, em um primeiro momento, exerce uma liderança sobre outros grupos e, depois, procura chegar ao poder e, conseqüentemente, se firmar nesse poder (GRAMSCI, 2001, p. 58).

[...] cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função social da produção econômica, cria para si, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político. (GRAMSCI, 2001, p. 1513)

Para Gramsci (2001) os “intelectuais orgânicos” aparentemente não possuem ligações diretas com interesses dos grandes capitalistas, mas agem influenciando as demais camadas da sociedade ao ponto de serem considerados “funcionários da superestrutura” e, portanto, acabam moldando o mundo à “sua imagem e

semelhança”. Na atualidade, A. Dugin¹ denomina esse grupo como “Classe Intelectual Criativa”, detentora de um poder oculto sobre as massas, podendo assim direcionar suas reais intenções e, assim, moldando a sociedade conforme seus ideais. Essa classe intelectual geralmente não se encontra diretamente ligada à esfera política, no entanto, moldam pensamentos visando uma instrumentalidade política². Arrighi (1996, p. 29) também reinterpreta a leitura gramsciana ao acrescentar que a “Hegemonia em seu sentido etimológico de ‘liderança’ e em seu sentido derivado, normalmente se refere às relações entre Estados. Gramsci provavelmente usou como metáfora para esclarecer as relações entre grupos sociais através de uma analogia entre Estados”.

Podemos ainda acrescentar que a hegemonia pode ir além da luta de classes no interior do Estado nacional, alargando sua escala ao nível global, onde determinados países e estruturas econômicas se apropriam do discurso de grupos intelectuais para influenciar nas decisões em outros países. Caso conhecido é a tese de Samuel Huntington expressa no livro “O Choque das civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial” (1997), que reforça a ideia de que evolução do sistema internacional se pauta no paradigma do choque civilizacional, justificando a necessidade de uma aliança do “Ocidente contra o resto”, entendendo o resto essencialmente como China (civilização confuciana) e Estados Islâmicos (BRIGOLA, p. 18, 2009).

Para Agnew “a participação de outros no exercício de seu poder os convencendo, bajulando ou coagindo a querer aquilo que você quer” (2005 *apud* GARCIA, 2010, p. 08). Percebe-se que a construção hegemônica norte-americana encaixa-se no modelo gramsciano, onde intelectuais orgânicos como Samuel Huntington remetem à formação da base discursiva da alta política estadunidense. Em famoso discurso de 2006, George W. Bush é claro ao defender que:

¹ Ativista e ideólogo russo pertencente à escola contemporânea de Geopolítica russa, comumente designada por “neo-eurasiana. Ver entrevista intitulada “Alecsander Dugin: Hegemonia Cultural, Gramsci e Alain de Benoist”. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=65vv20wtvsQ> acessado em 07/01/2013.

² Para Dugin (2013): “Gramsci pensava que a política pode ser autônoma com relação à infraestrutura do sistema e que de fato, controla essa infraestrutura. Onde haveria outra esfera que Gramsci a chamou de sociedade civil que compreendia como a coletividade dos intelectuais ativos: artistas, filósofos e cientistas que não entram, estritamente, no processo econômico, essa classe não detêm meios de produção, portanto não pertencem à classe burguesa, porém não são proletários. Consequentemente, sua classe econômica é indefinida”. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=65vv20wtvsQ> acessado em 07/01/2013.

Se não derrotarmos agora estes inimigos, deixaremos que nossos filhos enfrentem um Oriente Médio dominado por Estados terroristas e ditadores radicais que possuem armas nucleares. Estamos em uma guerra que determinará o curso deste novo século, que determinará o destino de milhões de pessoas no mundo.³

Assim, os motivos econômicos das guerras de intervenção naquela região são maquiavelicamente evitados no discurso político oficial. Bush usa sempre a terceira pessoa do plural, que define o pensamento de uma hegemonia benevolente⁴ levando a opinião pública a crer que realmente se faz necessário uma guerra para conter o terrorismo.

Mas, apesar do discurso em contrário, em realidade as estratégias hegemônicas norte-americanas são essencialmente econômicas:

[...] os EUA exercem hegemonia no momento em que as grandes empresas multinacionais se instalam em pequenas e médias potências, convencendo-os de que todos possuem interesses em comum, prevalecendo nesse instante não apenas o poderio militar, mas também o poder econômico e ideológico, ou seja, a supremacia norte-americana pela combinação de 'força militar + força econômica' (GILPIN, 1975 *apud* GARCIA, 2010, p. 17).

A hegemonia estadunidense é reflexo do sistema internacional montado a partir da segunda metade do século XX, quando este país emerge da guerra como única grande potência capitalista, sepultando os velhos sistemas coloniais europeus e resgatando algumas características do modelo liberal holandês, pois “a hegemonia holandesa e a dos Estados Unidos fundaram-se, ambas, na liderança de movimentos de autodeterminação nacional, de um modo que nunca fizera a hegemonia britânica” (ARRIGHI, 1996, p. 71).

Daí que essa complexidade da estratégia global estadunidense acarreta na maior aceitação do termo hegemonia – em detrimento do conceito de imperialismo - o meio acadêmico, desde o novíssimo campo das Relações Internacionais até a filosofia política.

³ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99986.shtml> Notícia em Folha on-line: “Bush defende união do povo americano na guerra ao terror” (11/09/2006). Acessado em 05/12/2011.

⁴ A hegemonia norte-americana é chamada de benevolente por ter investido na reconstrução da Europa Ocidental devastada pela Segunda Guerra Mundial – Plano Marshall -, e também do Japão (HOBSBAWN, 1995)

1.2 A crise de hegemonia dos Estados Unidos

A partir da primeira década do atual século, a hegemonia estadunidense passa por nova crise, talvez não de hegemonia e nem estrutural como alguns autores acreditam, mas certamente uma crise de relativização de poder em relação a um mundo crescentemente multipolar. As consequências do ponto de vista geoestratégico se manifestam na ‘migração’ da sua área de influência, intervindo menos na América Latina e mais no Oriente Médio, região que muito interessa aos Estados Unidos enquanto fonte de petróleo, ainda mais diante do ávido interesse chinês para dar "continuidade a sua expansão de sua capacidade econômica e militar" (BRIGOLA, 2012, p. 23).

Para David Harvey (2003, p. 120), o “modelo neoliberal produz sérias e crescentes instabilidades que culminam em crises crônicas de sobreacumulação”. Essas crises provocam o poder hegemônico no sentido de reinvenção do poder, incluindo o *Soft Power*, que nada mais é que uma forma benévola ou pacífica de poder (AGNEW, 2005). Balizados pela solidez das instituições democráticas estadunidenses, esse novo projeto de poder se dissemina com a ajuda da grande mídia local e global. Mas evidente que, quando a estratégia do *Soft Power* falha, mobiliza-se então as velhas praticas imperialistas da intervenção direta em nações estrangeiras.

1.3 O ciclo sistêmico de acumulação norte-americano e a crise atual

A “ideia de sucessivos ciclos sistêmicos de acumulação derivou da observação de Braudel de que todas as grandes expansões comerciais da economia capitalista mundial anunciaram sua ‘maturidade’ ao chegarem ao estágio de expansão financeira” (ARRIGHI, 1996, p. 88). Para Arrighi (1996, p. 87), “as fases de expansão financeira e expansão material se alternam ao longo da história”, sendo que ao final da fase de expansão financeira ocorre a mudança do ator principal, dando início a um novo ciclo.

Arrighi (1996, p. 87) argumenta que o Estado mais poderoso “lidera o processo de acumulação de capital, processos de gestão e do Estado e da guerra”. No caso norte-americano, o país tornou-se uma potência mundial no momento de

um 'caos sistêmico' derivado da Segunda Guerra Mundial, representando o centro de uma nova ordem mundial:

No fim da Segunda Guerra Mundial, já estavam estabelecidos os principais contornos desse novo sistema monetário mundial: em Bretton Woods foram estabelecidas as bases do novo sistema monetário mundial; em Hiroshima e Nagasaki, novos meios de violência haviam demonstrado quais seriam os alicerces militares da nova ordem; em San Francisco, novas normas e regras para a legitimação da gestão do Estado e da guerra tinham sido explicitadas na Carta das Nações Unidas. (ARRIGHI, 1996, p. 283).

Essa 'sucessão' hegemônica representada pela passagem de poder da Inglaterra para os Estados Unidos apresentava uma base consistente derivada da expansão material norte-americana. Entretanto, na medida em que o país hegemônico vai ampliando sua capacidade financeira a tal ponto que o retorno das taxas de lucro esperadas torna-se inviável, a crise de reprodução do capital e o 'caos sistêmico' se instalam.

Como há a necessidade de um ator hegemônico no sistema internacional para estabelecer a ordem e o comércio, esse papel coube aos Estados Unidos. Assim, a *Pax Americana* "foi uma forma benévola de ordem mundial, na qual as instituições e regimes internacionais foram privilegiados para organizar a coesão contra a ameaça soviética" (GARCIA, 2010, p. 13). Robert Gilpin acrescenta que as "empresas multinacionais são um dos instrumentos da hegemonia global americana e que outros pilares dessa hegemonia são a posição do dólar como moeda de troca internacional e a supremacia militar e nuclear" (GILPIN, 1975 *apud* GARCIA, 2010, p. 13).

Giovanni Arrighi (1996) e David Harvey (2003) apontam que a hegemonia estadunidense pode estar agora também chegando ao fim, cujos primeiros sinais foram ainda nas décadas de 1970-80. Quando os árabes elevaram quatro vezes o preço do barril de petróleo num período de apenas três meses, atingiram diretamente setores industriais ocidentais, como siderurgia, indústria de química pesada, construção naval e, principalmente, a indústria automobilística.

Esses acontecimentos ocasionaram a desvalorização do dólar perante o ouro, elevando a inflação e o desemprego nos países desenvolvidos. Posteriormente, a revolução xiita no Irã e a invasão soviética no Afeganistão pareciam agravar o caos sistêmico. Nas palavras de José Luís Fiori (2007, p. 78) "pela primeira vez durante

anos começou-se a pensar em ‘crise de hegemonia’ norte-americana”. Entretanto, a própria:

[...] crise do dólar, no início dos anos 1970, não foi nenhum acidente nem foi uma derrota, foi o resultado de um período de sucesso econômico e foi também uma mudança planejada da estratégia econômica internacional dos Estados Unidos, feita com o objetivo de manter a autonomia da política econômica e preservar a liderança mundial da economia norte-americana. (FIORI, 2007, p. 85).

Se a própria crise foi produto do sucesso da economia estadunidense, então suas lideranças perceberem que também a saída da crise seria produzida a partir da reinvenção desta economia. Assim, suas estratégias para fugir da crise obedeceram algumas etapas (FIORI, 2007, p. 27):

- A substituição do padrão cambial dólar/ouro pelo padrão dólar/títulos da dívida pública americana;
- A venda desses títulos do tesouro estadunidense gerou capitais para a criação de novas tecnologias a partir dos CIM's;
- Surgem novos complexos produtivos baseados na agregação de valor tecnológico nos Estados Unidos;
- As indústrias dos Estados Unidos puderam ser realocizadas em países periféricos oportunizando o surgimento de uma nova constelação de estados-nações industrializados.

A derrota na Guerra do Vietnã e a paranoia da guerra nuclear havia obrigado os Estados Unidos a desenvolverem novas tecnologias militares depois repassadas ao uso civil, caso dos celulares, internet e GPS. A economia industrial-militar foi mobilizada para fugir da crise, trazendo novas tecnologias a partir dos gigantescos complexos industriais-militares (CIM's), regados com amplos fundos públicos.

Os CIM's são formados por empresas bélicas onde os proprietários e sócios, na maioria das vezes, envolvem ex-militares; fato esse que levou o presidente Dwight D. Eisenhower, em 1950, a cunhar esse termo após verificar que os militares estavam dispostos a colocar em risco a própria democracia em nome do lucro: “capazes de manipularem o orçamento do país para favorecer os projetos de construções de novas armas” (HOBSBAWN, 1995, p. 233). Nesse período da Guerra Fria, o medo de uma nova guerra oportunizou que determinados

personagens ligados aos CIM's aproveitassem para lucrar a partir da apropriação dos fundos públicos.

Destaca-se que a fusão entre Estado e Mercado não é um desvio do Estado Democrático como pensava Eisenhower, mas uma característica presente desde a fundação do Estado-nação, onde essa junção de poderes estatal e militar formam uma unidade a partir do mercado:

Do ponto de vista histórico o Estado moderno se dá no contexto da fase primitiva do capitalismo. Ele representava, para a nova classe dominante que se formava, de início um organismo institucional subordinado ao mercado e, também a expressão de poder da aristocracia. (COSTA, 2008, p. 261)

[...] passou a ser fundamental, por exemplo, a unidade do “poder do Estado” com o “poder militar”, mesmo que para isso os exércitos fossem compostos por mercenários. Também se processou uma centralização dos serviços e da administração em geral e estabeleceu-se uma hierarquia em seu interior. (*idem*, 2008, p.262)

Importante essa ressalva, pois a segurança nacional sempre esteve presente nas prioridades do Estado nacional, tanto para proteger quanto para expandir seus territórios. O desenvolvimento bélico da era industrial trouxe aos Estados Unidos muitos benefícios: o “país conseguiu desenvolver ampla superioridade militar e formar o maior arsenal de armas do mundo, tornando-se uma potência bélica poderosa que, posteriormente auxiliou a sair da crise que assolou o mundo nos anos de 1970-80” (HOBSBAWN, 1995, p. 233).

A reação do *hegemon* à crise dos anos 1970-80 dera a impressão de que o sistema capitalista teria extinguido a crise, e falou-se até mesmo no retorno da “*belle époque*” do sistema capitalista, onde grandes empresas obtiveram lucros vertiginosos com o monopólio tecnológico derivado do estímulo governamental estadunidense ao desenvolvimento de tecnologias de uso dual, isto é, aquelas tecnologias produzidas para uso militar, mas com aplicações civis (FIORI, 2007).

Com efeito, as tecnologias *duais*, que Dagnino (2008) chama de “efeito *spin-off*”, propiciaram a retomada do crescimento econômico norte-americano e global:

“[...] o *spin-off* foi um fenômeno real, observável. É bem conhecido de que durante a Segunda Guerra Mundial, em função de um investimento colossal de recursos materiais e humanos em atividades de Pesquisa e Desenvolvimento para a produção de Material de Defesa, foram geradas importantes inovações”. (DAGNINO, 2008, p. 4).

1.4 O papel do hegemom na crise atual e o futuro da economia mundial

Gilpin afirma que os momentos de paz no sistema internacional podem ser relacionados à “estabilidade hegemônica” oportunizada pela liderança global (GILPIN, 1975 *apud* GARCIA 2010). O ator hegemônico garante o equilíbrio do sistema internacional, trazendo a paz e a estabilidade necessárias ao bom funcionamento de uma economia liberal internacional. Mas quando o ator hegemônico entra em crise, suas bases tornam-se frágeis, levando a colapsos individuais e ao caos sistêmico.

A Teoria da Estabilidade Hegemônica (TEH), elaborada por Robert Gilpin e Charles Kindleberger no início dos anos 1970, representa a dimensão política da Análise do Sistema-Mundo desenvolvida por I. Wallerstein. A TEH oportuniza ainda o encadeamento teórico entre os conceitos de Ciclos Sistêmicos de Acumulação (ARRIGHI, 1996) e de Acumulação por Espoliação (HARVEY, 2003), devidamente compreendidos no âmbito de uma ‘teoria da hegemonia’.

Essa teoria surge exatamente da necessidade de explicar as “primeiras manifestações da crise internacional que se seguiu ao fim do Sistema de Bretton Woods e à derrota dos Estados Unidos no Vietnã” (FIORI, 2005, p.1) daí sua extrema atualidade diante do redespertar da crise no ocidente.

A TEH parte do pressuposto de que “uma economia internacional liberal estável só seria possível se sustentada por uma potência hegemônica que garanta a provisão de bens públicos internacionais: uma ordem internacional, um sistema monetário estável e fornecedor de empréstimos, em última estância, internacional”. Gilpin (1987, p. 88) ressalta que “ao longo do tempo fez-se possível compreender que, na ausência de um potencial liberal dominante, tornou-se extremamente difícil de alcançar ou manter uma cooperação econômica internacional”.

O estabilizador é uma necessidade sistêmica ao ditar e fazer respeitar as regras e conter as tensões no sistema internacional. Vários autores realistas foram pelo mesmo caminho, como Edward Carr quando, ainda no início da Segunda Guerra Mundial, fala que “a condição para a Legislação Internacional é o superestado mundial” (2001, p. 313), e que “teoricamente, a força poderia, da mesma forma, ser eliminada da solução dos litígios internacionais por um superestado poderoso e autoritário” (2001, p. 316).

Também Raymond Aron (1962) trabalhava com teoria similar, no entanto usava o termo “Estado Universal”. Aron privilegiava o “império da Lei” (FIORI, 2005), ressaltando a importância da política do poder para a preservação da paz, porém baseada na necessidade de algum poder político supranacional como condição de uma ordem mundial estável.

Tais teorias sempre foram duramente criticadas ao longo dos anos. Mas é fato que atualmente os Estados Unidos são herdeiros e considerados responsáveis pela estabilidade econômica mundial, “mantendo ao mesmo tempo um poder incontestável nos planos industrial, tecnológico, militar, financeiro e cultural”, ainda que o mundo tenha vivido “nesse período uma conjuntura de grande instabilidade sistêmica, tanto no campo financeiro como no das relações político-militares” (FIORI, 2005, p. 3).

O unilateralismo norte-americano do período imediato ao pós Guerra Fria e a reação aos ataques do 11 de setembro de 2001, começou a ser questionado por Rússia e China, e mesmo eventualmente por alguns aliados.

Para Vesentini (2006, p. 282), mesmo os “estrategistas norte-americanos perceberam afinal que não podem dominar o mundo sozinhos, nem mesmo via OTAN, e que é necessário haver uma base legal de sustentação, um fórum internacional que legitime determinadas medidas duras”. Essa é a vontade do próprio Gilpin, para quem as “políticas de apoio dos Estados mais fortes e as relações de cooperação entre eles constituem a base política necessária para uma economia mundial estável e unificada (2004, p. 26), pois uma ‘governança global’ exige do *hegemon* o apoio de uma vasta rede de aliados.

Com o retorno da crise no século XXI, novamente debate-se qual o novo projeto de ‘reinvenção da América’, e se este contemplará um sistema uni ou multipolar. Essa crise do sistema vigente tornou-se perceptível aos olhos do mundo entre os anos de 2008-2009, quando algumas instituições financeiras norte-americanas aparentemente sólidas entram em colapso junto com as insolvências no setor imobiliário.

Essa crise econômica também parece se transformar numa crise de hegemonia, afirmando o caráter multidimensional da crise atual. José L. Fiori (2007) elenca alguns sintomas desta crise hegemônica⁵:

⁵ O artigo foi escrito antes da crise se mundializar, mas o autor percebe que alguns empecilhos já davam mostras dessa crise.

- Na América Latina surgiram vários governos de esquerda e nacionalistas, de bandeiras anti-imperialistas, como na Venezuela, de Hugo Chávez, e na Bolívia, de Evo Morales;
- A negação pela maioria dos países latino-americanos da ideia do bloco ALCA;
- O fortalecimento do bloco econômico do MERCOSUL;
- O fracasso das invasões militares na Guerra ao Terror e a dificuldade na reconstrução de Iraque e Afeganistão;
- O encorajamento do desafiante chinês;
- A emergência de competidores econômicos regionais.

Algumas questões ainda permanecem em aberto. Essa crise de hegemonia é produto da emergência de um mundo multipolar que se industrializa e militariza velozmente? A necessidade de limitação dos objetivos geoestratégicos norte-americanos – como reforçar suas posições militares e investimentos econômicos na Ásia em detrimento da América Latina -, decorre novamente dos problemas orçamentários impostos pela nova elevação histórica do preço do petróleo, que pouco antes da crise ultrapassou os 100 dólares por barril?

Como estamos em meio a um processo histórico em maturação e certas tendências ainda não podem ser precisadas, a única certeza é que a crise atual é real e profunda. Nos EUA entre os anos de 2008-09, segundo a *Federal Deposit Insurance Corporation* (FDIC), o número de bancos falidos chegou a 343. Grandes empresas como a *General Motors*, que construiu um império global, chegou a anunciar possível falência, declarando necessitar em torno de US\$ 15 bilhões para se reestruturar.

A venda de títulos da dívida pública americana foi estrategicamente retomada, incentivando inclusive indústrias tradicionais como a *General Motors* a incorporarem novas tecnologias para garantir seu crescimento. Analogamente, as empresas inovadoras articuladas aos CIM's são novamente chamadas para gerarem as tecnologias do futuro breve.

Se nos anos 1970-80 as novas tecnologias desenvolvidas a partir dos CIM's foram essencialmente tecnologias de informação, na atualidade o escopo é mais amplo. A indústria farmacêutica estadunidense movimenta bilhões de dólares e gera lucros exorbitantes, potencializadas tanto pelas 'novas doenças que surgem no

planeta, como a Gripe 'A' (H1N1) e pela histeria gerada pelos meios de comunicação relacionados às pandemias globais.

Suspeitosamente, ao mesmo tempo em que o vírus H1N1 aparecia, o medicamento que o combate encontrava-se disponível no mercado, quando sabe-se que novas cepas de vírus da gripe exigem ao menos um ano de pesquisas. Mais intrigante é que apenas uma empresa detinha a patente do medicamento, e que essa empresa era presidida por nomes influentes da política e do meio militar norte-americano no governo Bush.

Em meio a crise econômica, com anúncio de falência de grandes corporações, algumas indústrias presenciam lucros em escalada vertiginosa, caso das empresas ligadas à biotecnologia, demonstrando a importância de outra geração de tecnologias duais para a saída da atual crise.

Ainda sobre as ligações íntimas entre políticos, militares e industriais nos Estados Unidos, destacamos outro vírus surgido na fronteira com o México, vulgarmente chamada de 'Gripe suína'. Uma das empresas farmacêuticas que mais lucrou com o episódio tem justamente em seu corpo administrativo figuras bastante conhecidas no meio político norte-americano. Nessas condições, o discurso de semear o caos na sociedade civil estadunidense e global acaba sendo funcional à busca do 'lucro' privado como demonstraremos adiante.

Alguns destas figuras se ligam à 'Escola de Chicago', cuja influência nas decisões de Estado ocorre desde quando determinados grupos políticos subiram ao poder nos Estados Unidos, ainda na década de 1970. A partir daí:

[...] todos os países que adotaram as políticas da Escola de Chicago nas últimas três décadas, o que surgiu foi uma aliança determinante e poderosa entre algumas poucas corporações de grande porte e uma camada de políticos muito ricos - com linhas turvas e cambiantes entre os dois grupos.[...] nos Estados Unidos, os "pioneiros" da campanha Bush-Cheney. Longe de libertar os mercados da tutela do Estado, essas elites corporativas e políticas simplesmente se juntaram para trocar favores a fim de assegurar o direito de abocanhar valiosos recursos que estavam anteriormente sob domínio público. (KLEIN, 2008, p.21)

Essas figuras da 'Escola de Chicago' eram liderados por Friedman, e ligados à ala conservadora norte-americana, em grande maioria ao partido republicano, e seguidores da doutrina neoliberal. Pessoas que, ao mesmo tempo em que defendem o *laissez-faire*, advogam o direcionamento do crédito público e das compras governamentais para empresas de biotecnologia que possuem as patentes de

alguns medicamentos destacados a partir da mídia como estratégicos no combate às 'novas ameaças virais'.

Essas empresas absorverem valores consideráveis do orçamento público para a venda de seus produtos, tendo como principal cliente o próprio governo americano, que distribuí as vacinas às tropas militares estacionados pelo mundo e também à sociedade civil.

Assim, a partir do próximo capítulo será trabalhado o conceito de complexo industrial-militar e biotecnológico, demonstrando as intensas e promíscuas relações entre políticos e empresários americanos na atualidade. Em especial usamos exemplos de empresas de biotecnologia que tem passado incólumes aos efeitos da crise graças às ligações com políticos e militares norte-americanos.

CAPÍTULO II: Complexo industrial-militar e os falcões da indústria de Biodefesa

Nesse capítulo pretende-se demonstrar a importância do complexo industrial-militar para a economia e o projeto hegemônico dos Estados Unidos, desde a Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje. A afirmação de uma crise hegemônica norte-americana é ainda algo prematuro, quando se considera as possibilidades do *hegemon* se reinventar.

Abordaremos o papel do complexo industrial-militar (CIM) durante o período da Guerra-Fria e já em pleno século XXI, apontando as ramificações que tem seus representantes nos velhos 'senhores da guerra'. As articulações entre meio político, militar e privado no interior dos CIM's beneficiam algumas poucas empresas, que demonstraremos neste capítulo através de um pesquisas envolvendo conhecida empresa de biotecnologia. A cúpula dessa empresa tem desde meados do século XX intensas ligações com políticos norte-americanos, especialmente com a ala republicana.

2.1 A descrição do Complexo Industrial-Militar

O termo Complexo Industrial-Militar (CIM) é usado pela primeira vez pelo então presidente dos Estados Unidos, general Dwight D. Eisenhower, em discurso de despedida de mandato. O mandatário estava preocupado com a 'nova fase do poder político' na América, especificamente com o poder de articulação entre os militares e a indústria bélica, capazes de manipularem o orçamento do país e, conseqüentemente, favorecer os projetos de construção de novas armas. Para ele, a democracia norte-americana estava correndo riscos devido à 'febre' dos militares por inovações tecnológicas, produto da histórica corrida armamentista entre Estados Unidos e União Soviética. Segundo Eric Hobsbawn:

Os dois lados viram-se assim comprometidos com uma insana corrida armamentista para a mútua destruição, e com o tipo de generais e intelectuais nucleares cuja profissão exigia que não percebessem essa insanidade. Os dois também se viram comprometidos com o que o presidente em fim de mandato, Eisenhower, militar moderado da velha escola que se via presidindo essa descida à loucura sem ser exatamente contaminado por ela, chamou de "complexo industrial-militar", ou seja, o crescimento cada vez maior de homens e recursos que viviam da preparação da guerra. (1995, p. 233).

A Guerra Fria foi marcada pela divisão do mundo em dois blocos de sistemas sociais, econômicos e político-ideológico distintos, onde duas superpotências se lançaram numa corrida armamentista jamais vista em outros períodos da história. No auge da Guerra Fria reinava o medo de uma Terceira Guerra Mundial, que aparentava ser apenas uma questão de tempo (HOBSBAWN, 1995).

No que diz respeito à corrida armamentista, diversas inovações foram geradas a partir do meio militar. Um exemplo interessante a ser citado é o caso do avião de espionagem norte-americano U-2. Turner, quando se refere a esse modelo de avião, deixa claro a importância dos maciços investimentos nessa área: “antes de o U-2 entrar em ação, em 1956, as fotografias aéreas sempre haviam sido feitas com algum risco considerável para os pilotos. Voando a cerca de 70 mil pés, o U-2 parecia ser invulnerável a fogo antiaéreo” (2008, p. 105).

Todo esse investimento colossal deveria ter algum retorno econômico. Num primeiro momento, as superpotências mantinham o monopólio da inovação tecnológica militar, obtendo lucros através do repasse aos aliados aquelas tecnologias militares já obsoletas. Esse é o caso dos acordos militares com os EUA firmados pelos governos militares brasileiros nos anos 1960 e 70. Por meio destes, o governo brasileiro passa a receber recursos financeiros e materiais bélicos norte-americanos para combater as guerrilhas de esquerda que se formavam no país (HOBSBAWN, 1995).

O ponto nevrálgico que determina a importância dos CIM's para o desenvolvimento bélico e econômico reside principalmente nas 'tecnologias sensíveis', daí que pretende-se acrescentar na análise também o interesse pela biotecnologia por parte dos militares norte-americanos (e também soviéticos) ainda durante a Guerra Fria.

2.2 O potencial da biotecnologia nos CIM's

É conhecido os avanços na área da biotecnologia em diversas áreas. Nas palavras de Joaquim Albenísio da Silveira (s. d, s. p), a biotecnologia “é uma área de aplicação da biologia para fins tecnológicos e comerciais⁶”, onde “utiliza-se de organismos vivos para a geração de novos produtos, processos ou serviços visando agregar valor, renda a bem-estar na população”. Percebe-se que a biotecnologia

⁶ Grifo nosso.

também oferece produtos, ainda que sejam organismos vivos. Para o mesmo autor, a 'biotecnologia moderna' é "um conjunto de técnicas e processos de manipulação de células ou de microrganismos passando pelo nível de transformação do DNA, visando a obtenção de novos produtos" e representa "uma área nova de exploração do homem para fins comerciais, com aplicação nos diversos setores da economia tais como: saúde humana, saúde animal, agropecuária, meio ambiente, indústrias e prestações de serviços" (SILVEIRA, s. d., s. p.)⁷.

A biotecnologia é uma ferramenta importante em áreas como a saúde, mas também apresenta uma finalidade comercial que representa a disseminação social destas ferramentas pela via do mercado. Mas qual sua relação com os militares e qual sua importância para os Estados Unidos no atual contexto da crise econômica mundial?

A ramificação biotecnológica dos CIM's fica evidente na pandemia global da Gripe 'A' de 2005, mais exatamente no medicamento usado para controlar e erradicar seus sintomas. Figuras influentes na política estadunidense estão envolvidas diretamente com empresas de biotecnologia, como o ex-secretário de Defesa Donald Rumsfeld, e John Madigan, que aparecem na lista de acionistas da *Gilead Sciences Inc.* Ambos são oriundos da conhecida 'Escola de Chicago', com ideias embasadas no neoliberalismo de Friedman, e todos os membros do Partido Republicano. Os adeptos dessa escola além de amigos íntimos de Martin Friedman (principal elaborador do pensamento neoliberal) são também os veteranos 'senhores das guerras' e também das chamadas intervenções através do "tratamento de choque econômico" (KLEIN, 2008, p. 17), Donald Rumsfeld (personagem que pretende-se dar maior ênfase adiante) homem sempre ligado à política, iniciou sua carreira política ligado aos ideais republicanos, sempre defendendo a política de defesa, rendendo-lhe muito respeito entre os militares⁸. Em 1975 já intervinha militarmente no Chile do então presidente Salvador Allende, sendo o mais jovem secretário de defesa dos EUA, essa intervenção teve muito da "terapia de choque" seguido pelo caos econômico instaurado no país onde "o medo e a desordem foram os catalisadores de um novo salto para a frente" (KLEIN, 2008, p. 18) forçando o Chile à abertura econômica e adesão ao livre-comércio, sendo um dos episódios que

⁷ Texto retirado da página da Universidade Federal do Ceará. Disponível em: http://www.biotecnologia.ufc.br/biotecnologia_por_silveira.html acessado em 23/01/2013.

⁸ Disponível em <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rumsfeld.htm> acessado em 02/10/2010.

marcam a grande influência de Donald Rumsfeld no meio político e militar estadunidense.

Já com relação ao uso da biotecnologia para fins militares remontam à corrida armamentista da Guerra Fria, quando laboratórios militares foram criados para o desenvolvimento de novas vacinas e remédios. Aqui também a tensão de uma possível guerra entre União Soviética e Estados Unidos estava na paranoia de que 'o outro' possuía armas biotecnológicas. Os 'Falcões da Biodefesa', principalmente no governo Bush, se aproveitaram destas pesquisas biotecnológicas desenvolvidas ainda na Guerra Fria, vislumbrando oportunidades de lucros elevados usando suas ligações com políticos e militares.

A paranoia global gerada das pandemias gripais da 'gripe aviária' de 2005 à 'gripe suína' de 2008 permitem a ascensão extraordinária dos lucros da empresa de biotecnologia Gilead, no mesmo momento em que outras empresas ligadas a ramos tradicionais da economia norte-americana estavam quase falidas em decorrência da crise econômica.

O próprio governo norte-americano reserva doses elevadas dos medicamentos desenvolvidos por essa empresa para proteger os militares a serviço em outros países contra ataques terroristas com organismos vivos. O conceito de Biodefesa, então, aparece em documentos do Senado Americano como forma de conter um possível ataque bioterrorista.

O '*Project Bioshield*' - 'Projeto Escudo de Biodefesa' – é um exemplo do debate entre os congressistas americanos quanto à circulação do perigoso antraz a partir de cartas anônimas contendo a substância que foram despachadas para órgãos públicos. O referido projeto disponibilizou milhões de dólares a uma única empresa, a VaxGen, que iniciava seus trabalhos na biotecnologia, para produzir 75 milhões de doses do medicamento capaz de combater uma epidemia de antraz.

2.3 Estruturação de um Complexo Industrial-Militar-Biotecnológico

Como exposto anteriormente, ainda durante a Guerra Fria se iniciam as encomendas militares visando dar suporte ao desenvolvimento biotecnológico, criando um novo complexo industrial-militar ainda que menor diante dos já existentes. As encomendas na década de 1960 eram principalmente para a criação de vírus e bactérias mais resistentes:

Robert S. McNamara, o novo secretário de Defesa (1961), executou uma ampla visão dos programas militares, incluindo as armas biológicas⁹. As Forças Armadas consideraram que estas armas possuíam vantagens únicas, em especial a incapacitação, ao invés de matarem. Eles apoiaram vigorosamente um programa de choque, destinado a preparar os germes para a guerra (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2002, p.67).

Os militares norte-americanos (e soviéticos) viam-se interessados nessas novas armas: “os militares americanos estavam fascinados com esta arma de destruição em massa, de custos tão reduzidos, em comparação aos das armas químicas e da bomba atômica, recentemente inventada” (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2002, p. 51). Medeiros (2004 *apud* ALMEIDA, 2006, p. 268) ressalta que “a velocidade do desenvolvimento tecnológico teve a influência da competição pelas armas” e, nesse caso o desenvolvimento biotecnológico teve o mesmo destino, pois com a criação de laboratórios especializados em armas biológicas, nos Estados Unidos, as pesquisas criaram vírus e bactérias cada vez mais resistentes ao mesmo tempo em que desenvolviam as vacinas para poderem controlá-las (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2002).

Os estudos relacionados à biotecnologia foram reforçados ainda no início da década de 1950, com o uso de organismos vivos como armas, e com o propósito de reduzir os custos da guerra quando comparados às armas nucleares (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2005), além da vantagem de "apenas" matar pessoas e deixar incólumes os territórios.

A partir daí são desenvolvidos processos de produção em massa de antibióticos e vacinas para combater possíveis ataques biológicos dos inimigos. Vacinas e antibióticos começaram a ser descobertos numa velocidade espantosa, caso da tetraciclina, descoberta em 1953 (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2005).

Com o fim da Guerra Fria, uma das questões que surgiam era o que fazer com todo o investimento realizado no campo da biotecnologia?! A ameaça de novas doenças – ou apenas o medo de pandemias – fez com que certas patentes biotecnológicas fossem desengavetadas e as barreiras aos lucros monopolistas das empresas de biotecnologia levantadas. Desta maneira, “a retomada dos estudos relacionados à biotecnologia, a partir da década de 1980, serviu justamente para

⁹

Grifo nosso.

que os EUA retomassem sua hegemonia mundial” (2004 *apud* ALMEIDA, 2007, p. 548).

Nosso primeiro apontamento pretende-se apresentar o ‘Fosfato de Oseltamivir’, genericamente chamado de TAMIFLU imagem presente na figura 1 mostrando com o logotipo da Roche na parte inferior da embalagem. Na parte superior aparece o logo do Ministério da Saúde, demonstrando que foram compras efetivadas pelo próprio governo brasileiro. Esse medicamento antiviral usado no tratamento de qualquer tipo de gripe sazonal ou do tipo ‘A’ e ‘B’. Essa substância foi descoberta em 1996 por Norbert W. Bischofberger, que ocupa atualmente dois cargos na empresa *Gilead Sciences Inc.* que detêm a patente do remédio, além da vice-presidência executiva de pesquisa e desenvolvimento e o cargo de diretor científico da empresa.



Figura 1: Foto do medicamento Tamiflu

FONTE: Jornal Diário da manhã
<http://www.diariodamanha.com/noticias.asp?id=34896>

Na Guerra do Golfo, o Iraque foi um excelente laboratório para a aplicação das vacinas supostamente imunizantes nos militares norte-americanos. Documento da CIA:

[...] assinalava que Bagdá possuía vários meios de lançar armas químicas, desde geradores de aerossóis que podiam ser transportados em caminhões, barcos ou helicópteros, até bombas, reservatórios de pulverização para aviões altamente sofisticados, peças de artilharia e mísseis [...] apurou-se que as forças iraquianas só utilizarão armas biológicas como último recurso. (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2005, p. 134)

Baseado em fatos reais ou não, uma vez que essas armas não foram encontradas pelas forças de ocupação aliadas, esse documento oficial tornou viável munir os militares deslocados para os campos de batalha com vacinas e antibióticos. E “à medida que fossem produzidas mais vacinas, iria aumentando o número de militares imunizados” (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2005, p. 135); assim, se antes da guerra, o exército estadunidense dispunham de ‘apenas’ 10 mil doses de vacinas contra o antrax, em agosto de 1990, com a divulgação desse relatório foram feitos esforços de modo que em setembro do mesmo ano o “Pentágono contava com 140 mil doses prontas e que eram suficientes para proteger cerca de 46 mil soldados” (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2005, p. 136). Como será visto adiante, relatos dos próprios militares demonstram a aceleração da produção de medicamentos para a Guerra do Golfo.

2.4 O TAMIFLU e o monopólio das gripes

A *Gilead Sciences Inc.* surge em 1987, com Michael Riordan, pesquisador na área de biotecnologia. A empresa logo começou a desenvolver e comercializar medicamentos antivirais, tendo como foco principal o desenvolvimento de tratamento para o vírus HIV¹⁰ e também drogas para o tratamento de vários tipos de gripe ‘A’ e ‘B’, essas gripes provocaram tanto medo à população que a própria OMS disponibilizou um folder explicativo para prevenir e se proteger dessas gripes (Fig. 2). Relatando sobre a empresa, durante anos, a empresa apresentou *déficits* em seu orçamento, mas a partir de 1991 recebe um financiamento privado de 8,5 milhões de dólares para desenvolver bloqueadores no combate ao câncer. Em 1996 apresenta ao mercado o VISTIDE, um dos seus primeiros medicamentos, usado no tratamento de infecções nos olhos, onde conforme divulgado pela empresa foram gastos em torno de 93 milhões de dólares nas pesquisas.

¹⁰ Recentemente foi anunciado pela grande mídia um medicamento que será usado para prevenir o vírus HIV, conhecido como TRUVADA, que provavelmente será o carro-chefe de mais um levante nos lucros da *Gilead Sciences Inc.*

Gripe A (H1N1)

Como se pode proteger a si e aos outros



Sempre que tossir ou espirrar tape o nariz e a boca com lenço de papel



Deite no caixote do lixo os lenços de papel usados



Lave as mãos frequentemente com água e sabão



Se tiver sintomas de gripe, ligue para a linha **Saúde 24:
808 24 24 24**



Se tiver sintomas de gripe guarde uma distância de, pelo menos, um metro, quando falar com outras pessoas



Se tiver sintomas de gripe fique em casa, não vá trabalhar, nem à escola e evite locais com muitas pessoas



Se tiver sintomas de gripe, evite cumprimentar com abraços, beijos ou apertos de mão



Se não tiver as mãos lavadas, evite mexer nos olhos, no nariz e na boca

Mais informação em:
 Direcção-Geral de Saúde <http://www.dgs.pt/>

Direcção-Geral da Saúde
www.dgs.pt
Ministério da Saúde

Organisation mondiale de la Santé
Bureau régional de la Méditerranée orientale

Adaptado para a Direcção-Geral de Saúde, pela Direcção de Serviços de Promoção e Protecção da Saúde, Divisão de Saúde no Ciclo de Vida e em Ambientes Específicos

Figura 2: Folder da Organização Mundial da Saúde para prevenir e proteger-se da gripe 'A'

Fonte: <http://www.who.int/en/>

A empresa deslança na segunda metade dos anos 1990, com um crescimento inegável. Em 1997, a primeira fusão de empresas de biotecnologia envolve a *Gilead Sciences Inc.* com a *Nexstar*. As vendas e comercializações da *Gilead* continuam a crescer de forma espantosa, e no período de apenas três anos (1998-2001), relata um aumento de 501% na arrecadação.

No início do século XXI, outra droga surge no mercado, o TAMIFLU (Fosfato de Oseltamivir)¹¹, que descoberto em 1996, em apenas 5 anos receber o aval da FDA¹² (*Food and Drugs Administration*) para comercialização. No mesmo ano, a empresa recebe a aprovação para comercializar também o TENOFOVIR, medicamento usado para o tratamento do HIV.

Em poucos anos a empresa consegue a aprovação da agência reguladora norte-americana de vários medicamentos para serem comercializados a nível mundial, e numa agilidade incomum nas permissões dos órgãos público para colocar tais medicamentos em circulação, o que bem evidencia o excelente nível dos contatos do corpo administrativo da mesma.

Apesar de ser uma empresa nova no ramo da biotecnologia, a mesma se destaca por inúmeras descobertas no campo biotecnológico. A fusão e parceria com outras empresas ajudaram a expandir seu prestígio, e principalmente, os mercados para a comercialização de seus produtos. Conforme anunciado pela própria empresa:

[...] a ameaça global de uma pandemia de gripe aviária em potencial tem desafiado os governos, as autoridades de saúde pública e a indústria farmacêutica, a ideia de se unir tem como propósito estabelecer um plano global de luta contra esta doença mortal. Pois além de se tornar uma ameaça, a gripe sazonal também aponta surtos que resultam em centenas de milhares de mortes todos os anos em todo o mundo. E nesse momento a nossa disputa terminou com a Roche, em esforço para trabalhar em conjunto, com a máxima diligência para resolver esta necessidade de saúde pública global (16/11/2005)¹³.

A notícia da fusão entre essas empresas coincide temporalmente com a criação pelo senado americano do 'Fundo de Emergência para Combate a uma Possível Pandemia Gripal', que reservou aproximadamente US\$ 7,1 bilhões de dólares para a compra do medicamento TAMIFLU em caso de pandemia de gripe pelo mundo. A intervenção do secretário de Defesa Donald Rumsfeld (ex-presidente da *Gilead*) ocorre na forma de alerta aos congressistas quanto aos riscos das novas

¹¹ O Fosfato de Oseltamivir, princípio ativo do TAMIFLU é encontrado em uma planta conhecida como aniz-estrelado, porém outras plantas também contém o ácido chiquímico. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/cimplamt/Edicoes%201/CIMPLAMT2.pdf> acessado em 16/12/2012.

¹² A FDA é a agência governamental que controla a comercialização e venda de medicamentos nos EUA, assemelha-se à ANVISA em nosso país.

¹³ Gilead Sciences, Inc. disponível em http://www.gilead.com/pr_783456 acesso em 02/10/2010.

gripes que estavam surgindo no planeta e necessidade de vacinação das tropas militares estacionadas no exterior.

Tanto a Roche quanto a Gilead produzem medicamentos antivirais, e reportagem de 2005 mostra que o fim da disputa comercial entre as empresas beneficiaria ambas, formando um mercado global para o medicamento que combateria a 'gripe aviária'. Essas empresas eram concorrentes diretas no ramo da biotecnologia, mas com a fusão e início da produção do TAMIFLU em larga escala, ambas lucraram ao conseguirem suprir a demanda global criada. Os processos de fusão são característicos do capitalismo financeiro organizado em mercados globais, onde as empresas deixam de lado a competição direta por mercados nacionais para explorarem conjuntamente o mercado global através do desenvolvimento de novas técnicas e da maximização das estruturas logísticas (SANTOS, 2007), protegidas da concorrência pelo monopólio global.

Esta gripe teve seus primeiros relatos no continente asiático, e mais tarde ficou conhecida como 'gripe suína' no continente latino-americano, tendo seus primeiros registros no México. Os lucros da empresa cresceram na proporção da intensidade e abrangência geográfica do medo disseminado pela grande mídia e pela influência política de alguns personagens ex-funcionários da empresa.

No caso do CIMB, a paranoia quando a "ataques inimigos" formada na retomada de velhas estratégias de acumulação por espoliação no Oriente Médio (HARVEY, 2003) foi seguida da paranoia quando as "pandemias globais". A partir da Guerra do Golfo, ambas as realidades acabam confluindo de forma a viabilizar a produção dos superlucros monopolistas desta empresa de biotecnologia.

De que forma são escolhidas as empresas de biotecnologia que comandam os mercados globais é o que passamos a responder no próximo item, examinando o tráfico de influência de Donald Rumsfeld entre os interesses corporativos da *Gilead Sciences Inc.* e o governo norte-americano. Esse tráfico de influência é legalizado e faz parte da vida política norte-americana, onde os *lobbies* políticos, diferentemente do Brasil, são vistos com 'bons olhos', especialmente do lado dos republicanos onde há "interesses econômicos e corporativos com peso no processo político-eleitoral" (FLORES, 2002, p. 10). Segundo Flores (2002, p. 10), "nas democracias, o interesse pela defesa e as medidas pertinentes são afetados pelo fato de que nelas os recursos públicos são gastos também tendo em vista a eleição ou reeleição".

2.4.1 Donald Rumsfeld no topo dos interesses privados

A empresa *Gilead Sciences Inc.* teve como um de seus presidentes justamente Donald Rumsfeld, que fora secretário de defesa em 1975 (o mais jovem a ocupar este cargo). Conhecido no meio militar - chamado por vezes de 'senhor das guerras' -, Rumsfeld presidiu a empresa no período de 1997-2001, quando deixou a companhia para reingressar na política como secretário de defesa do governo G. Bush.

Rumsfeld com 25 anos de idade (1957) chega ao congresso como assistente, e em 1962 é eleito deputado pelo partido republicano e reeleito sucessivamente em 1964-66-68. Em seus quatro mandatos mostrou-se um político conservador em temas de política de defesa e assuntos exteriores. Dez anos depois já era bastante respeitado entre os militares, sobretudo por sua posição contrária ao Tratado de Ratificação de Armas Estratégicas (SALT) com a União Soviética.¹⁴

Rumsfeld se afasta brevemente da vida política quando os democratas venceram as eleições em 1977. É quando então passa a administrar a empresa *GD Searle*, do ramo farmacêutico, chegando ao cargo de presidente. Sob sua gestão reduz o número de funcionários da empresa em quase 60%, e recebe prêmios importantes da indústria farmacêutica como o *Outstanding Chief Executive Officer* (1980) e o *World Financial* (1981). Ele permanece na empresa até 1985, mas paralelamente também atuava como chefe-executivo da *General Instrument Corporation*, ligada à área de tecnologia avançada.

Em 1988 aceita o cargo de diretor da *Gilead Sciences Inc.*, empresa que ajudou a criar. Em 1997 assume a presidência da mesma, um ano após a descoberta do Fosfato de Oseltamivir, que ficaria conhecido como TAMIFLU. Em um dos informativos da empresa, a matéria intitulada "*Donald H. Rumsfeld Named Chairman of Gilead Sciences*" (Donald H. Rumsfeld nomeado presidente da *Gilead Sciences*), de 03/01/1997, assinala sua ascensão ao topo da empresa. Esse informativo afirma ainda que "*Mr. Rumsfeld, who joined Gilead as a director in 1988, is currently in private business and is distinguished for his accomplishments in both industry and government*" (Sr. Rumsfeld que se juntou à *Gilead Sciences* em 1988 como diretor, também atua em empresas privadas, destacando-se em seus

¹⁴ Disponível em <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rumsfeld.htm>. Acessado em 02/10/2010.

trabalhos nas indústrias e no governo). Como percebe-se, as conexões governamentais de Rumsfeld não são ocultas pela empresa, enquadrando-se no ato de normalidade conferido a tais ações na sociedade norte-americana.

Rumsfeld deixa o cargo na *Gilead* em 2001, substituído por James M. Denny, com quem trabalhou conjuntamente na empresa GD Searle. Em suma, Rumsfeld (Figura 1) possuía ligações com empresas farmacêuticas desde a década de 1970, e paralelamente, ocupava cargos de influência no governo.

Essa importante figura política e empresarial norte-americana atua justamente na defesa dos interesses da indústria de biotecnologia e tecnologias militares avançadas, coincidentemente o momento quando ocorre a transposição de tecnologias de uso *dual* a partir do complexo industrial-militar.

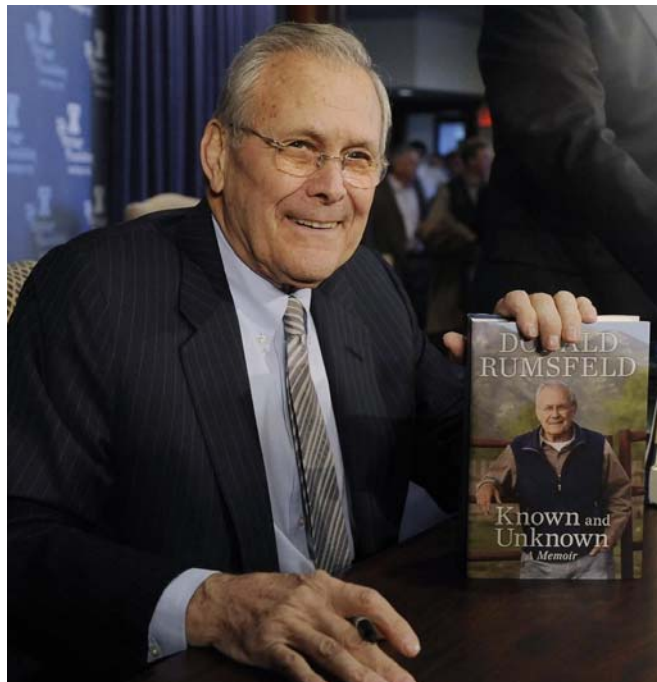


Figura 3: Donald Rumsfeld divulgando seu livro "Know and Unknow: A Memoir" em 22/02/2011.

Fonte:

<http://dalje.com/en/foto.php?id=19&rbr=20622&idrf=858019> acessado em 05/05/2012.

A partir de 2005 torna-se mais perceptível que Rumsfeld mesclou interesses privados e públicos no que diz respeito a *Gilead*, quando alertou o senado norte-americano, através de carta, que era necessário prevenir as tropas militares estadunidenses estacionadas por todo o mundo contra as novas gripes que surgiam

no planeta. Foi então que o Pentágono comprou aproximadamente 58 milhões de dólares em doses do antiviral TAMIFLU. Em novembro do mesmo ano, o senado aprova o “Fundo de Emergência para Combate a uma Possível Pandemia Gripal”, que reservará 7,1 bilhões de dólares para a compra desse mesmo medicamento. Em junho de 2006, o presidente George W. Bush elogia a atitude dos congressistas ao autorizarem esse fundo “necessário” à guerra ao terror. Em Washington, o presidente afirma:

"I applaud those members of Congress who came together in a fiscally responsible way to provide much needed funds for the war on terror and continued Hurricane Katrina recovery, as well as for securing our border and protecting against a possible avian flu pandemic," Bush said in a statement read to White House reporters.¹⁵ (BUSH, 16 de junho de 2006)¹⁶

O *lobby* de Rumsfeld teve efeito imediato no senado por sua influência no meio político e militar. O propósito real era vender um medicamento produzido pela *Gilead* ao Estado. Essa ação colaborou para que a receita da empresa praticamente quadruplicasse num intervalo de apenas um ano: em 2004 estava em torno de US\$ 258 milhões, e no ano seguinte, em mais de US\$ 1 bilhão. Em 2010 os lucros da *Gilead* aumentam ainda mais, e sua receita chega próximo aos cinco bilhões de dólares.

As preocupações manifestadas por Dwight D. Eisenhower nos idos de 1950, parecem mais válidas que nunca, uma vez que os políticos se transformaram em promotores das empresas do Complexo Industrial-Militar-Biotecnológico. Figuras ligadas à política, ao meio militar e às empresas de biotecnologia, procuram manipular o orçamento do país em prol de benefícios pessoais. A permeabilidade do governo reside no caráter decisivo das doações privadas à campanha eleitoral; tornando a política americana dependente dos *lobbies* que financiam as candidaturas políticas.

A ação de Rumsfeld desnuda apenas a ‘ponta do *iceberg*’ do tráfico de influência privado no meio político norte-americano. Ao aprofundarmos as pesquisas,

¹⁵ Reportagem disponível sob o título: “Tamiflu and Relenza Emergency Use Authorization Disposition Letters and Question and Answer Attachments”. Disponível em <http://www.fda.gov/Drugs/DrugSafety/PostmarketDrugSafetyInformationforPatientsandProviders/ucm216249.htm> acessado em 05/05/2011.

¹⁶ “Eu aplaudo os membros do Congresso que reservaram fundos muito necessários para a guerra contra o terror [...] juntamente com a necessidade de recuperação dos danos causados pelo furacão Katrina e também assegurar nossa proteção contra uma possível pandemia de gripe aviária”. (Tradução do Autor)

outros nomes surgiram em tela ao comporem tanto o corpo administrativo da *Gilead* quanto cargos no governo americano.

2.4.2 *John Madigan, braço direito de Rumsfeld*

John Madigan torna-se administrador no Conselho Administrativo da *Gilead* em 2005. Antes ele atuava em uma das maiores empresas de telecomunicações dos Estados Unidos, como diretor executivo da *Tribune Company*, que incluía jornais e revistas como *Hartford Courant*, *Orlando Sentinel*, *South Florida Sun-Sentinel*, *Baltimore Sun*, *Daily Press* e *The Morning Call*, entre outros. A mesma também possui 23 canais de televisão abertos no país, que segundo a própria empresa, alcançam 80% das famílias americanas, além de, em parceria com a *Tribune Interactive*, gerenciar os diários *Chicago Tribune* e *Los Angeles Times*, e seus sites associados como *cars.com*, *apartments.com* e *topix.com*, que atraem em torno de 20 milhões de visitantes por mês.

Quando assumiu o cargo nessa empresa, John Madigan fazia parte do Conselho de negócios do Departamento de Defesa, administrando as compras governamentais. Além de ser um dos ‘barões’ da mídia estadunidense, tornou-se braço direito de Donald Rumsfeld no Departamento de Defesa, cuidando dos negócios desse departamento. Coincidência ou não, seu perfil interessa ao corpo administrativo da empresa, conforme enaltecido pelo presidente da *Gilead* James Denny: “o amplo conhecimento em negócios e com os meios de comunicação além de sua experiência financeira serão valiosos para que a *Gilead* continue a crescer” (Foster City, Califórnia 13/12/2005).

2.4.3 *Norbert W. Bischofberger*

Atual vice-presidente executivo de pesquisa e desenvolvimento da *Gilead*, Norbert W. Bischofberger (Figura 4) pertence ao quadro da empresa desde 1990. Tornou-se vice-presidente em 2000, e em 2007 assume o cargo de diretor científico. É PHD em química orgânica, e realiza pesquisas em química orgânica e enzimologia aplicada na Universidade de Harvard, uma das instituições universitárias mais renomadas do país.



Figura 4: Norbert W. Bischofberger atual vice presidente Executivo da empresa Gilead Sciences Inc.
Fonte: www.gilead.com



Figura 5: Alguns membros do Conselho Administrativo da empresa posam para fotos. No centro da fotografia, o descobridor do Fosfato de Oseltamivir (Tamiflu) Norbert W. Bischofberger.
Fonte: <http://www.gilead.com/AR2011/#/stockholder>

Bischofberger diz em entrevista ao *'Austrian Times at'* que "A ameaça através de uma bactérias ou vírus é maior do que uma guerra nuclear" (01/05/2009)¹⁷. Esse

¹⁷ Entrevista concedida para o jornal *'Austrian Times at'* Disponível em <http://www.austriantimes.at/?id=12991> acessado em 05/05/2012.

cientista de origem austríaca liderou a equipe que desenvolveu o único fármaco capaz de combater o vírus H1N1.

Atualmente, ainda que a Roche produza e distribua o TAMIFLU, os direitos de propriedade ainda pertencem a *Gilead*, com Bischofberger participando com uma pequena porcentagem da receita da venda do produto. Segundo a Revista *Forbes*, Bischofberger recebeu em torno de 4 milhões de dólares em 2008 - considerado o ano mais crítico da epidemia Gripe 'A' - pelos direitos de comercialização do antiviral. Talvez por isso tenha afirmado que “a descoberta desse medicamento foi uma benção”¹⁸, ao defender que as pandemias são as maiores ameaças para a humanidade e que novas bactérias ou agentes virais são mais perigosas que o potencial de uma guerra nuclear.

2.4.4 James M. Denny

Membro do conselho de administração da *Gilead* desde 1996, sucedeu a Donald Rumsfeld na presidência entre 2001 e 2008. Porém, antes de ocupar o cargo de presidente, atuou como membro do conselho administrativo da empresa. Atualmente, atua como conselheiro independente.

Enquanto presidente da *Gilead* atuava também como vice-presidente da empresa *Sears, Roebuck & Co.*, uma rede de lojas de departamentos com mais de 2.700 unidades espalhadas pelos EUA, Canadá e Inglaterra.

Por sua vez, seu sucessor John Martin elogia o colega dizendo:

“Jim Denny tem uma contribuição fundamental para a nossa empresa durante esses cinco anos junto à mesma, esperamos que sua forte liderança enquanto presidente. O Conselho Administrativo da empresa esta se esforçando para fazer com que sua posse torne-se um sucesso, tanto para a *Gilead* quanto para seus empregadores e acionistas”. (Foster City, CA, January, 22, 2001)¹⁹.

Essa mesma fonte relata a saída de Rumsfeld:

“Sr. Denny esta assumindo as responsabilidades de Donald Rumsfeld, o qual ocupava o cargo desde 1997, membro da *Gilead* desde 1988, demitiu-

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ Texto original: “Jim Denny has been a key contributor to our company for five years,, and we look forward to his strong leadership as Chairman. TheBoard of Directors is committed to making Jim’s tenure a successful one for *Gilead*, its employes and our stockholders”. Disponível em http://www.gilead.com/pr_980181660 acessado em 05/05/2011.

se do cargo para servir ao governo Bush como secretário de Defesa” (*idem*)²⁰.

John Martin destaca ainda o excelente trabalho de Rumsfeld pelo papel importante na ascensão da empresa, e manifesta a ansiedade para que a administração de James Denny torne a empresa ainda maior. Averiguamos na pesquisa que Denny e Rumsfeld se conheciam desde os tempos da *GD Searle*, e na Gilead desde 1996.

De fato, os números de venda do TAMIFLU crescem consideravelmente na presidência de James Denny. O site da Gilead relata faturamento de aproximadamente 12,8 milhões de dólares apenas em *royalties* pela venda de medicamentos nos três primeiros meses de 2001, e que esforços estavam sendo feitos para a distribuição do medicamento em hospitais e farmácias do Japão e da Europa, iniciando uma internacionalização do TAMIFLU usando a rede global da empresa Roche.

No mesmo período, relatórios apresentados à FDA apontaram que o medicamento quando tomado diariamente durante uma semana torna-se um poderoso combatente à nova variedade da gripe, e que suas reações são mínimas, tanto em jovens como em pessoas mais idosas.

2.4.5 John F. Cogan

Economista influente no cenário político estadunidense, John Cogan faz parte do conselho administrativo da Gilead desde 2005. É professor de Políticas Públicas na Universidade de Stanford desde 1980, com pesquisas na área de orçamento, política fiscal, segurança social e de saúde. No cenário político ocupou vários cargos como secretário adjunto do Departamento do Trabalho dos EUA (1981-83), Diretor do Escritório de Administração e Orçamentos dos EUA (OMB) e Diretor Associado de Economia do Governo (1983-86), e novamente em 1988-89 atuou como diretor adjunto da OMB.

Sua vida política esteve ligada principalmente à era Reagan (1981-89). Cogan defende o neoliberalismo em seus trabalhos acadêmicos, fazendo duras críticas ao keynesianismo e à intervenção do Estado. No artigo intitulado “Novo Keynesianismo

²⁰ Texto original: “Mr. Denny is assuming the responsibilities from Donald H. Rumsfeld, Who has held the position of Chairman since 1997. Mr Rumsfeld, a member of Gilead’s Board since 1988, has resigned to serve the Bush Administration as Secretary of Defense”.

vs. Velho Keynesianismo: Gastos do governo multiplicados”, Cogan trata o programa adotado pelo governo de Obama como "*new keynesian*" (novo keynesianismo)²¹, afirmando que seus “resultados nunca serão os esperados pela administração” (COGAN, 2010, p.4). No mesmo artigo apresenta gráficos comparando os gastos governamentais com o PIB do país, onde os primeiros extrapolam o que o governo poderia gastar e acabariam por estagnar ainda mais a economia americana (COGAN, 2009).

O governo de Ronald Reagan torna o neoliberalismo a "doutrina oficial da política econômica do governo dos Estados Unidos, a qual permaneceu durante toda a década de 1980" (MARIANI, 2007, p. 2). Esse pensamento político acarretou na inversão do papel do Estado durante o período do *Welfare State*, trazendo consequências sociais em razão dos fortes ajustes fiscais exigidos. Para Wallerstein:

[...] o centrismo liberal e a economia keynesiana ficaram subitamente fora de moda. Margareth Thatcher lançou o chamado neoliberalismo, que era na realidade um conservadorismo agressivo de um tipo que não era visto desde 1848, e que envolveu uma tentativa de reverter a redistribuição do Estado de bem-estar, de modo a beneficiar as classes superiores e não as classes mais baixas (2004, p. 61)

O atual governo de Obama procura restabelecer algumas políticas sociais, daí as críticas de Cogan às políticas adotadas pelo governo.

2.4.6 Carla Anderson Hills

Hills faz parte do corpo administrativo da Gilead e merece destaque pela importância no meio político (Figura 5). Participou do conselho administrativo de empresas como Coca-cola e Rolls-Royce. No meio político, Hills foi assessora de comércio exterior no governo Bush, e atuou como procuradora geral do Departamento de Defesa, também foi Secretária de Habitação e Desenvolvimento dos EUA durante o governo de Gerald Ford (Figura 6). Atualmente é vice-presidente do Conselho de Relações Exteriores e co-presidente do Conselho Executivo Internacional de Estudos Estratégicos, além de ser presidente do comitê Nacional de Relações China-EUA.

Hills também fez parte do Departamento de Defesa na era Bush, juntamente com o então secretário de defesa Donald Rumsfeld, onde defendia o direcionamento

²¹ Título original: *New Keynesian versus Old Keynesian: Governmente spending multipliers.*

de todas as forças do país na luta contra o terrorismo (novembro de 2001). Em janeiro de 2007, Hills torna-se membro do conselho administrativo da Gilead.



Figura 6: Carla Anderson Hills na conclusão do tratado do NAFTA, em 1992.

Fonte:

http://www.americanbar.org/directories/women_trailblazers/carla_anderson_hills/carla_anderson_hills-photos.html.



Figura 7: Carla Anderson Hills empossada como Secretária de Habitação e Desenvolvimento dos EUA pelo presidente Gerald Ford em 1975.

Fonte:

http://www.americanbar.org/directories/women_trailblazers/carla_anderson_hills/carla_anderson_hills-photos.html.

No período, os lucros da empresa continuaram crescendo de forma vertiginosa, como balanço da empresa sobre o primeiro trimestre de 2007:

- Receitas totais apontam para US\$ 1,3 bilhões, alta de 48% em relação ao primeiro trimestre de 2006;
- Recorde de venda de produtos US\$ 840,2 milhões, alta de 50% se comparado aos primeiro trimestre de 2006;
- Lucro por ação (EPS, Earnings Per Share) de US\$ 0,85 e lucro por ação sem contar despesas (GAAP, Princípios Contábeis Geralmente Aceitos) de US\$ 0,93.

O TAMIFLU representou 167,9 milhões dos 258 milhões de dólares arrecadados pela Gilead em 2004, valor este auferido somente de *royalties* do TAMIFLU.

2.4.7 Gayle Wilson Edlund

Gayle Wilson Edlund graduou-se em licenciatura em Biologia pela Universidade de Stanford, e chegou a membro do conselho administrativo da Gilead, onde atua desde outubro de 2001. Esposa do ex-senador e ex-governador republicano pela Califórnia Pete Wilson (1991-1999), pertence à ala republicana. Edlund também atua na bastante conhecida *Broad Daylight Inc.*, que desenvolve *softwares*, e também é administradora do Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech).

Na Gilead, recebe elogios do então presidente da empresa James M. Denny por seus trabalhos e sua importância no corpo administrativo da empresa:

“[...] estamos muito contentes em acolher Gayle Wilson à *Gilead Sciences Inc.* no conselho administrativo, sua carreira no meio político, educação pública, ciência e tecnologia vai beneficiar muito a empresa, principalmente para desenvolver e comercializar novos medicamentos para doenças potencialmente fatais” (Foster City, Califórnia, 25/10/2001).

Sua importância junto à empresa deriva também da influência de seu marido no meio político com estreitos laços com Donald Rumsfeld. Em 2001 ele torna-se braço direito do então secretário. O ex-governador atuava ainda como membro do Conselho de Política de Defesa e Segurança Nacional dos EUA.

As ligações entre a Gilead e políticos republicanos e militares tornam-se cada vez mais consolidadas, explicando a rapidez com que essa empresa passou a fornecer medicamentos aos militares e viu seus projetos relacionados à biodefesa norte-americana serem aprovados.

Apresentados alguns dos 'Falcões da Biodefesa', detalharemos a partir do próximo capítulo essas parcerias público-privado surgidas na área de biodefesa.

CAPÍTULO III: A Emergência do Complexo industrial-militar-biotecnológico

Para compreender a proposta de uma ramificação biotecnológica do CIM faz-se necessário remontarmos ao período da Guerra Fria. É inegável que esse confronto global trouxe enormes temores entre a população, bem como deve-se reconhecer que muitos avanços tecnológicos derivam desse período. Os CIM's demandaram enorme investimento por parte do poder público, e foi perceptível que os EUA avançaram mais que a URSS na criação de tecnologias de uso *dual*, ou seja, que poderiam ser usadas para fins de guerra e de uso civil.

Nas décadas de 1970-80, a crise mundial abalou as estruturas hegemônicas, tanto do capitalismo quanto do modelo soviético, mas foram os EUA que conseguiram prevalecer, saindo novamente dessa crise em posição de liderança (esse foi também um momento crucial para que a economia soviética entrasse em colapso).

Os CIM's eram formados por empresas que produziam armas bélicas e, na maioria dos casos, essas empresas eram chefiadas pelos próprios militares. Gigantescas corporações surgiram, e a partir desses CIM's, outros complexos industriais de menor porte foram desenvolvidos. É exatamente um desses complexos industriais apoiados no CIM que pretende-se dar maior ênfase, na forma de “complexo-industrial-militar-biotecnológico”.

3.1 O interesse pela Biotecnologia

Já na década de 1950, tanto os militares estadunidenses quanto os soviéticos demonstraram interesse por armas biológicas, por ser de fácil manuseio e de baixo custo de produção, de transporte facilitado e de grande eficácia (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2002). As potências da época resolveram, então, iniciar um processo de produção em massa de vírus e bactérias e também de antídotos. Em 1951, os EUA possuíam um laboratório específico para esse fim, localizado em Maryland, na base militar de Detrick (idem, 2002).

Os estudos para aperfeiçoar tais armas foram intensos, e depois de algum tempo, novas pesquisas e desenvolvimento geravam armas cada vez mais letais, ainda que até certo ponto “controláveis”. Tal avanço na área da biotecnologia foi tão rápido que, no fim da década de 1950, quando Fidel Castro tomou o poder em Cuba,

os militares elaboraram um plano de invasão à ilha caribenha que deveria iniciar-se com um ataque biológico para deixar soldados e civis cubanos vulneráveis (MILLER, ENGELBERG, BROAD, 2002).

Esse avanço relacionado à biotecnologia como arma - Material de Defesa (MD) - foi “nas últimas quatro décadas missão única do Departamento de Defesa” (MARTINEZ, 2007, p. 5), e como havia pouca urgência em desenvolver armas e medicamentos que pudessem combater tais ameaças, ainda “não existia a necessidade de receber o aval de comercialização dos novos produtos pela FDA” (idem, 2007, p. 8). Por isso o avanço foi lento porque considerados ‘satisfatórios’ durante esses quarenta anos, pois segundo o coronel Collen K. Martinez, “o desenvolvimento de medicamentos para combater um possível ataque biológico demanda tempo e dinheiro” (2007, p. 16).

Quando em 1969 o então presidente Richard Nixon decretou o fim das pesquisas biotecnológicas para fins bélicos, o Departamento de Defesa secretamente deu continuidade às pesquisas, porém, somente para a produção de MD para proteger combatentes em campo de batalha.

Essa realidade começa a mudar a partir do início do século XXI, pois no pós-11 setembro de 2001 houve a necessidade de acelerar o processo de produção em massa de produtos para combater os ataques contra civis com cartaz que continham o antraz. Estes episódios levaram o governo a investir ainda mais nessa área, que deixa de ser privilegio único do Departamento de Defesa.

Novas empresas de biotecnologia entraram no jogo para suprir a súbita urgência de desenvolvimento desses produtos, criando-se assim os projetos para a biodefesa do país. Tais projetos consistiam basicamente na ideia de “unir pequenas empresas de biotecnologia com o Estado, onde o Estado entraria com ajuda financeira e a empresa com o desenvolvimento dos novos produtos” (MARTINEZ, 2007, p. 10), Por serem pequenas empresas, poderiam dar maior atenção para desenvolver única e exclusivamente o produto que o Estado necessita.

Houve também mudanças na FDA para agilizar a autorização para a comercialização de novos produtos farmacêuticos, pois até 2002 era praticamente impossível conseguir autorização para comercializar novos produtos. No entanto, o Congresso aprova a ‘Lei do animal’, a qual existia uma regra onde:

(...) para licenciamentos de novos produtos, na ausência de testes em humanos, se pelo menos um (dois na maioria dos casos) testes em animais abordassem resultados satisfatórios, com infecções ou doenças causada pelo agente biológico, forneceria dados suficientes para que o produto pudesse ser usado de forma semelhante em seres humanos (MARTINEZ, 2007, p. 8).

Novas tecnologias desenvolvidas a partir dos CIM's, afinal, auxiliaram na superação da crise dos anos 70, e o efeito "*spin-off*" contido no CIMB era importante demais para ser negligenciado.

3. 2 *Soft Power e o poder de persuasão da grande mídia*

A emergência do CIMB no século XXI pode ser melhor compreendida com o conceito de *soft power* de Joseph Nye:

O conceito básico de poder é a habilidade de influenciar outros a fazer o que você quer. Há três maneiras de se fazer isto: uma delas é ameaçá-los com galhos; a segunda é comprá-los com cenouras; e a terceira é atraí-los ou cooperar com eles para que queiram o mesmo que você. Se você conseguir atraí-los a querer o que você quer, te custará menos cenouras e galhos (NYE, 2004, p. 3).

Na metáfora de Nye podemos encaixar o papel da grande mídia no processo de disseminação do medo de pandemias e ataques terroristas com armas de destruição em massa, aí incluídas as armas biológicas. Mas qual a razão de empregarmos o conceito de *soft power* quando se trabalhou até agora apenas com militares, administradores e políticos? Para responder a essa questão pretende-se apontar três pontos básicos: primeiro, deve-se atentar à questão das estratégias de segurança nacional; segundo, ao papel dos intelectuais e, terceiro, ao papel da mídia e sua influência sobre a opinião pública.

3.2.1 Das estratégias de segurança nacional ao projeto de Biodefesa

Num primeiro momento deve-se atentar que a segurança nacional não tem necessariamente relação direta com a segurança pública (salvo em caso de guerra). A segurança nacional diz respeito ao Estado, que para Costa (s. d., p. 124-125) se percebe materialmente em quatro pontos:

- A estabilidade e inviolabilidade dos limites fronteiriços do Estado;

- A capacidade de se traduzir a soberania nacional, bem como a capacidade nacional de se projetar poder no exterior, em um conjunto de medidas que proporcione ganhos sociais e econômicos para a população nacional;
- A solidez e impessoalidade do sistema constitucional, assim como a impermeabilidade em relação a pressões externas e;
- Garantia de previsibilidade legal das relações político-eleitorais e econômicas.

Pode-se também abordar a segurança nacional numa modelagem tridimensional, abrangendo os aspectos políticos, jurídicos e militares, cada qual com sua especificidade, sendo que o vértice político é centralizado e articulado ao Estado, onde legitima-se suas ações ao ligá-las à segurança nacional. Ao referir-se à questão jurídica, esta “proporciona um ambiente de certezas” (COSTA, s. d., p. 125); já na dimensão militar, esta garante a aplicação dura das estratégias nacionais.

No caso dos Estados Unidos, seu projeto de segurança nacional compreende algumas características singulares advindas de sua supremacia ante qualquer possível adversário, como por exemplo a:

“conciliação encarada como fraqueza e o compromisso como apaziguamento, os conceitos de defesa e política externa foram subsumidos pelo de segurança nacional, o paradigma protegeria valores centrais dos Estados Unidos, como liberdade individual, liberdade de iniciativa econômica e mercados abertos, um sistema militar de abrangência global, impedimento do controle da Eurásia por uma única potência, contenção passaria a ser entendida como ‘coerção gradual e toda e qualquer legitimidade às demandas ou políticas do inimigo seria negada e, como contraponto, a autonomia e os interesses norte-americanos eram inegociáveis, tudo assegurado pela ameaça nuclear” (MCCGWIRE, 2001 *apud* COSTA, s. d., p. 126).

Entretanto, após os atentados do 11/09 ocorre uma mudança de atitude por aqueles que formulam a política de segurança nacional estadunidense, pois o modelo de segurança da Guerra Fria parecia estar defasado. A proposta de MccGwire (2001) para a nova segurança nacional norte-americana seria:

em termos de relacionamento inter-estatal, a troca da exclusão pela inclusão e da inimizade pela rivalidade; diplomaticamente, uma postura de compromisso e não de intransigência, de multilateralidade e não de unilateralismo; no exercício de poder, a conciliação em vez de conflito, a equivalência em vez de superioridade; e em termos de segurança, a

cooperação substituir a coerção, a confiança substituir a intimidação (*apud* COSTA, s. d., p. 126-127).

Ou seja, adquire relevância na segurança nacional norte-americana o discurso para conquistar a confiança do outro no exercício de seu poder, ocultando assim as ações militares duras onde se fizessem interessantes. Os atentados ocorridos em setembro de 2001 deram a entender que as ameaças terroristas somente seriam debeladas com base num esquema cooperativo de segurança global. Daí a frase de Bush que a “Guerra contra o terror é uma guerra de todos”.

Ademais, subjaz ao discurso de Bush que “quem não estiver a favor esta contra” (MCCGWIRE, 2002, p. 28), obrigando novamente os atores nacionais a decidirem-se de qual lado estão, muito semelhante ao o que acontecia durante a Guerra Fria. Entretanto, nesse momento o inimigo não vem a ser necessariamente um Estado, mas pode ser um grupo ‘terrorista’ localizado em algum Estado falido.

A chamada ‘Doutrina Bush-Cheney’ afirmava o caráter preventivo das ações militares norte-americanas, onde a ameaça fosse localizada. Rapidamente o Pentágono disseminou a ideia da vinculação entre atos de terror e “uso de armas de destruição em massa, armas que podem ser facilmente escondidas, entregues clandestinamente e usadas sem aviso” (NSS – 2002 *apud* HENDERSON, 2004, p. 8). Nessa classificação de ‘ameaça iminente’, entram até mesmo simples cartas contendo pó de antraz até a disseminação de vírus e bactérias produzidos em laboratório por todo o planeta, justificando-se assim a ascensão do CIMB.

Félix Guattari diz que os Estados “vêm seu tradicional papel de mediação reduzir-se cada vez mais e se colocam, na maioria das vezes, ao serviço conjunto das instâncias do mercado mundial e dos complexos militar-industriais” (1990, p. 10). Mas é preciso resgatar também Edward Soja (1993) com a visão do espaço como fator ativo, produzido e produtor das relações sociais, para entendermos que os CIM’s correspondem à modelos de reorganização sócioespacial, com dinâmicas próprias ante ao Estado e ao mercado mundial. As indústrias de biotecnologia, auxiliadas pela grande mídia, entram no processo de impor novos produtos à sociedade civil.

No ano de 2001 ocorrem os atentados às torres gêmeas e ao Pentágono, indicando a suposta a vulnerabilidade do país em sua segurança nacional. No mesmo ano, surgem cartas contendo carbúnculo, conhecido como antraz, disseminando o medo na população, justificando as ações do congresso

estadunidense no sentido de elaborar projetos emergenciais que criassem normas e regras para a biossegurança.

Lançado no governo Bush, o '*Project Bioshield*' (Projeto Escudo de Biodefesa), foi sancionado em 2004, prevendo o repasse de quase 6 bilhões de dólares para Biodefesa, em especial para a criação da vacina contra o antraz²². Desse montante, praticamente toda a verba (5,6 bilhões de dólares) fora destinada somente a esse projeto, e 1/5 deste valor somente a uma empresa, a VaxGen, empresa de biotecnologia de pequeno porte e que iniciaria um processo de produção em massa da vacina²³.

Entretanto, após vencer a licitação a VaxGen realiza uma fusão (semelhante ao caso da Gilead Sciences Inc.) com outra empresa do ramo, a Diadexus²⁴. A verba de mais de 800 milhões de dólares destinava-se à produção de mais de 75 milhões de doses da vacina num período de 3 anos, porém a empresa faliu e o projeto não pode ter continuidade.

A crítica a ação emergencial do congresso surge com o coronel Coleen K. Martinez, quando aponta que o próprio Departamento de Defesa tinha em mãos toda a tecnologia necessária para desenvolver as vacinas, não havendo a necessidade de passar a missão às mãos de pequenas empresas (apud MARTINEZ, 2007).

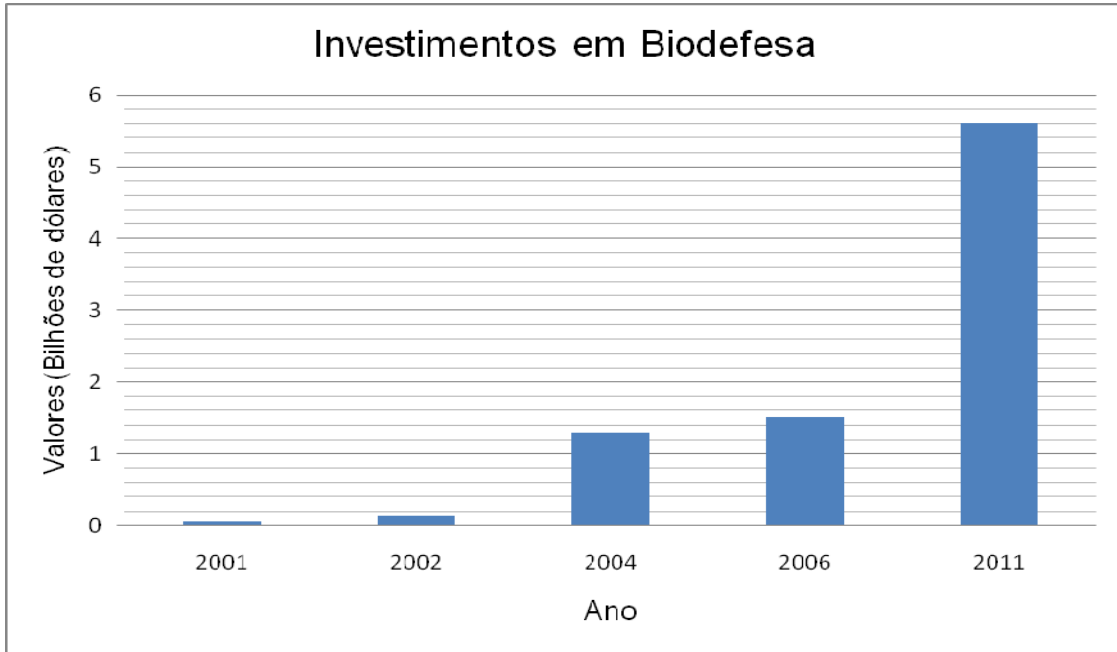
Como dissemos, a criação de fundos destinados à Biodefesa teve montantes extraordinário após 2001. Nesse ano, segundo o coronel, foram destinados apenas 60 milhões de dólares para as pesquisas, já em 2002 esse valor alcança os 150 milhões de dólares, e a partir de 2003, pula para 1,5 bilhão, chegando em 10 anos a expressivos 5,6 bilhões de dólares (Gráfico 1).

Gráfico 1: Investimentos do governo estadunidense em Biodefesa - 2001/2011

²² Essas informações percorreram vários meios de comunicação na época, e a esperança do governo Bush era de que a população estadunidense ficasse mais tranquila e protegida contra possíveis ataques terroristas. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2004/07/040721_washingtonng.shtml acessado em 09/10/2012.

²³ Disponível em <http://www.news-medical.net/news/2004/11/04/6115.aspx> Acessado em 09/10/2011.

²⁴ No mundo globalizado a onda de fusões entre grandes empresas tornam-se o cerne dessa nova fase do sistema capitalista, o capitalismo financeiro. Disponível em <http://www.news-medical.net/news/20100529/25/Portuguese.aspx> acessado em 09/10/2011.



Org: RUNDVALT, 2012.

A pretensão do governo era de em dez anos aumentar em praticamente 100 vezes os valores gastos em biodefesa. Entretanto, esse projeto não teve muito sucesso por conta de várias irregularidades. Assim mesmo, a discussão de um projeto de biodefesa continuou entre os congressistas, e após uma curta interrupção do Projeto de Biodefesa, o mesmo é retomado em 2007, quando o senador Joe Lieberman apresenta ao congresso o *“Project Bioshield: Actions Needed to Avoid Repeatings Past Mistakes”*²⁵ (23/10/2007). Neste relatório, o congressista ressalta a necessidade de retomar o projeto, pois tanto a população civil quanto os militares estariam a mercê de novos ataques bioterroristas:

A ASPR (Sociedade Americana de Pesquisas Científicas) é responsável por todo o processo de contratação para o Projeto ‘Escudo de Biodefesa, incluindo pedidos de emissão de informações e solicitações de propostas, autonomia para contratar e determinar quais serão os contratados, desde que cumpram os requisitos mínimos estipulados no contrato. A mesma terá um site contendo informações detalhadas de todas as solicitações para licitação oriundas desse projeto (*Project Bioshield 2007*, p. 7).

A proposta de retomada do Projeto de Biodefesa ficou conhecido como *“Bioshield Two”*. A ASPR (Sociedade Americana de Pesquisas Científicas) tornava-se o órgão regulador das atividades de produção e estocagem dos materiais de

²⁵ Projeto Escudo de Biodefesa: Ações Necessárias para Evitar a Repetição de Erros do Passado. Tradução do autor.

biodefesa para evitar os erros e irregularidades cometidos no passado. Três fatores listados que contribuíram para o fracasso do projeto anterior foram:

Primeiro: a empresa que ganhou a licitação para iniciar a produção das encomendas, a VaxGen, encontrava-se em estágio inicial de desenvolvimento da vacina, surgindo assim, muitas críticas referentes à sua produção. Segundo: a empresa assumiu riscos ao assinar o contrato e tinha ciência da necessidade de urgência. Terceiro: nenhuma das partes discutiram claramente os requisitos para iniciarem o processo. (*Project Bioshield 2007*, p. 8).

Percebe-se que a empresa VaxGen é citada quando mencionado o estágio embrionário das pesquisas para a elaboração da vacina contra o antraz, que não deveria ser delegada à uma empresa tão pequena. O documento cita ainda que a empresa não realizou as pesquisas necessárias, nem atingiu resultados de eficácia da vacina. Outra irregularidade apontada no primeiro projeto é de que o governo exigia a fabricação de 75 milhões de doses da vacina, porém, a empresa deveria entregar apenas 1/3 ou 25 milhões de doses em dois anos²⁶.

Ainda, as justificativas da ASPR quando perguntada a respeito da escolha dessa empresa, alegavam a urgência da fabricação e produção do medicamento, e que as chances de sucesso giravam em torno de 80 a 90%. Entretanto, a própria empresa relatou de que as chances de sucesso estariam apenas entre 10 a 15%, reconhecendo que era justamente pelo fato de que suas pesquisas ainda estavam num estágio embrionário²⁷.

Mas determinadas lideranças políticas norte-americanas pressionavam pela emergência do CIMB. Emergência essa apontada por Martinez, quando diz que “até 2001 não era prioridade investir fora do Departamento de Defesa, pois era somente para uso exclusivo dos militares, e esse investimento nunca ultrapassava os 60 milhões de dólares” (2007, p. 29). E após o 11/09/2001 “o governo reconhece a

²⁶ ASPR’s decision to launch the VaxGen procurement contract for the rPA anthrax vaccine at an early stage of development, combined with the delivery requirement for 25 million doses within 2 years, did not take the complexity of vaccine development into consideration and was overly aggressive. Citing the urgency involved, ASPR awarded the procurement contract to VaxGen several years before the planned completion of earlier (2007, p. 8).

²⁷ At the time of the award, ASPR officials had no objective criteria, such as Technology Readiness Levels (TRL), to assess product maturity. They were, however, optimistic that the procurement contract would be successful. One official described its chances of success at 80 percent to 90 percent. However, a key official at VaxGen told us at the same time that VaxGen estimated the chances of success at 10 percent to 15 percent. When we asked ASPR officials why they awarded the procurement contract when they did, they pointed to a sense of urgency at that time and the difficulties in deciding when to launch procurement contracts (2007, p. 9).

importância de investir em Biodefesa, onde praticamente triplica o investimento nessa área (150 milhões de dólares), entretanto serve apenas para particulares” (*idem*, 2007, p. 31).

Com esse crescimento vertiginoso nos investimentos em Biodefesa, as vacinas para o antraz e a varíola começaram a ser aplicadas em militares por volta de 2003 quando da invasão ao Iraque, como em relatos expostos por Michael Moore em seu livro “Cartas da Zona de Guerra: Algum dia voltarão a confiar na América?” de 2004. As tropas seriam os primeiros ‘laboratórios humanos’, apontando assim os primeiros lucros das empresas ligadas ao CIMB. Em uma das cartas um soldado relata que:

O presidente Bush afirmou em seu discurso, nas eleições de 2002, que modificaria o programa de vacinação contra o antraz para atender as normas de segurança. Claro que isso não aconteceu. [...] a vacina contra o antraz é algo muito controverso, que contém em sua fórmula uma substância perigosa chamada Squalene. A história é bem longa, mas para resumir posso dizer que o governo adicionou Squalene em alguns poucos lotes para testar nos soldados. Aconteceu, é claro que eu recebi várias unidades dessa substância quando me vacinaram. (MOORE, 2004, p. 125)

As cartas contendo antraz trouxeram pânico também aos civis, esse foi um dos principais motivos que levou o governo estadunidense a priorizar e ampliar os projetos de Biodefesa no início deste século.

No início de 2013, quando a "guerra ao terror" parecia findar e tudo aparentava estar caminhando para uma possível estabilidade, ocorre um atentado na famosa corrida de Boston, reacendendo o alerta contra o terrorismo. E, paralelamente a esse episódio, na mesma semana do atentado, mais exatamente no dia 17/04/2013, a polícia especial intercepta cartas contendo uma substância tóxica mortal, a ricina²⁸, uma endereçada ao presidente Barack Obama e outra ao deputado republicano Roger Wicker. Estaríamos presenciando em *dejà vu* de 2001?

Mas enfim, o temor na sociedade norte-americana não seguiu as mesmas proporções de 2001, demonstrando que as "ameaças" de pandemias globais de vírus mobilizam mais a opinião pública. Entretanto, ainda é cedo para falarmos se a

²⁸ De acordo com Leila dos Santos Macedo, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz e presidente da Associação Nacional de Biossegurança (ANBio), a ricina é uma proteína encontrada na mamona, presente em sua semente e no bagaço, resultantes da produção de óleo. Segundo a especialista em microbiologia e imunologia, essa substância, mesmo em “pequeníssimas quantidades” pode ser letal. Informações disponíveis em <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/04/substancia-ricina-enviada-em-carta-obama-tem-origem-na-mamona.html> acessado em 20/04/2013.

produção de MD contra ataques biológicos e bacteriológicos ganhará ainda outro impulso.

No próximo item pretende-se demonstrar exatamente como a Biodefesa 'migrou' do uso militar para o uso civil, e abordar mais detalhadamente o caso do TAMIFLU e das gripes aviária e suína (Gripe 'A').

3.2.2 TAMIFLU, remédio para gripes e para a crise

Entre 2008-09, a mídia internacional noticiou uma suposta elevada letalidade do vírus da gripe H1N1, associada a sua característica de pandemia global, provocando verdadeira histeria planetária. Falava-se inclusive na repetição da terrível "gripe espanhola", que dizimou parcela expressiva da população ocidental no início do século passado.

Um dos principais meios de comunicação *on-line* brasileiro noticiou de três a quatro vezes por dia, entre junho e julho de 2009, sobre a possibilidade da pandemia H1N1 chegar ao país. Noticiava ainda quase que instantaneamente os casos de óbito ocorridos no país naquele ano²⁹

Porém, a história inicia-se em 2005, quando outra histeria fabricada havia sido ensaiada com o surto da gripe aviária. Mas foi com o H1N1, que o governo Bush alcançou criar o bilionário "Fundo de Emergência para Combate a uma possível Pandemia Global", base financeira de novos ramos do CIMB. Como apontamos anteriormente, seu secretário de Defesa a época, Donald Rumsfeld, fora justamente o presidente da empresa *Gilead Sciences Inc.* no período de 1997 a 2001, e ainda hoje possui ações da companhia. Essa empresa de biotecnologia era quem detinha os direitos patenteados³⁰ do antiviral TAMIFLU, o único medicamento reconhecido oficialmente como eficiente para o tratamento da gripe H1N1.

A empresa, mesmo pequena na época, consegue superar todas as expectativas de lucro ao colocar o TAMIFLU no mercado. Em sua estratégia de crescimento, funde-se com a Roche, utilizando a capacidade de comercialização mundial dessa farmacêutica. A fabricação conjunta do antiviral ocorre no período em que o "Fundo de Emergência para Combate a uma Possível Pandemia Gripal" era

²⁹ Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/arquivo>. Acessado em 11/09/2009.

³⁰ No momento em que o pânico dominava o mundo, a única empresa detentora da patente era a *Gilead Science Inc.*, que junto com a Roche, produziam e comercializavam esse medicamento.

aprovado com o montante extraordinário de 7,1 bilhões de dólares, justamente para a compra do medicamento para conter uma possível pandemia de gripe.

Conforme relato do presidente da Gilead:

Essa ameaça global de uma pandemia em potencial da gripe aviária tem desafiado os governos, funcionários da saúde pública e da indústria farmacêutica para que se unam em parceria com a finalidade de estabelecer um plano global de luta contra esta doença mortal. Além desta ameaça, os surtos de gripe sazonal resultam em centenas de milhares de mortes a cada ano em todo o mundo. Nós terminamos nossa disputa com a Roche, em um esforço para trabalhar em conjunto, com a máxima diligência, para atender a essa necessidade global de saúde pública (John C. Martin).

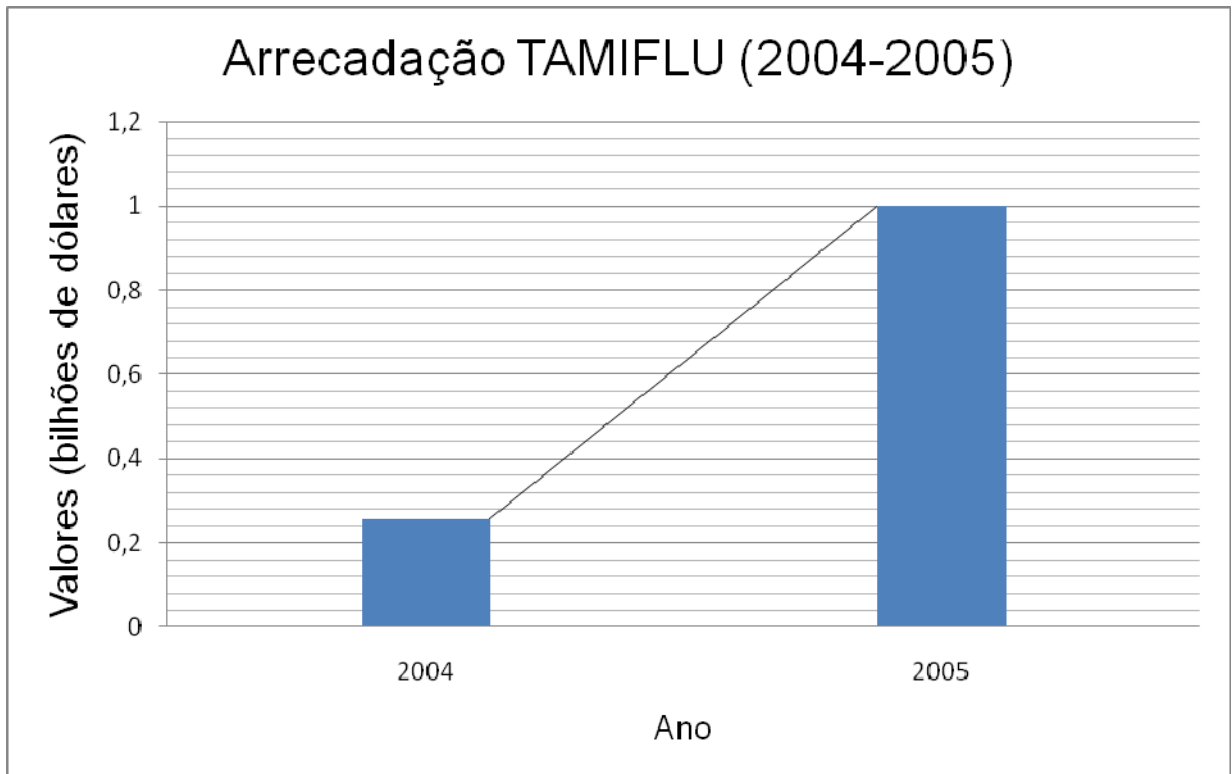
Acrescenta também que:

Como a Gilead Sciences Inc. foi a descobridora do Tamiflu e a empresa que desenvolveu todo o processo de produção e fabricação do mesmo, a empresa espera adquirir experiência junto com a Roche, unindo-se para dar um suporte para a produção desse importante produto. Em comum acordo, a Roche renunciou os custos de acordos anteriores, criando novos caçulos para o pagamento dos *royalties* futuros (John C. Martin).

Esses *royalties* ficariam em torno de 14 a 22%, conforme o volume de vendas em cada ano. Como a Roche produzia o medicamento antes dessa fusão, pagaria à Gilead um montante estimado em 65,5 milhões de dólares conforme valores retroativos, tais valores remetiam somente a 2004, eliminando assim sua dívida e iniciando uma nova parceria a partir de 2005.

No gráfico 2 destaca-se os anos de 2004-2005, em que houve a fusão das empresas Gilead Sciences Inc. e Roche, ano também do primeiro surto de Gripe aviária no continente asiático. Quando surge o surto da “Gripe Suína” (nome popularizado pela mídia referente ao vírus H1N1), essas empresas já haviam acumulado lucros extraordinários com o surto da “Gripe Aviária”.

Gráfico 2: A ascensão na arrecadação da empresa Gilead Sciences Inc. com o recebimento dos *Royalties* referentes à comercialização do TAMIFLU.



Obs.: Os valores encontram-se disponíveis no site de divulgação da própria empresa Gilead.
Org: RUNDVALT, 2012.

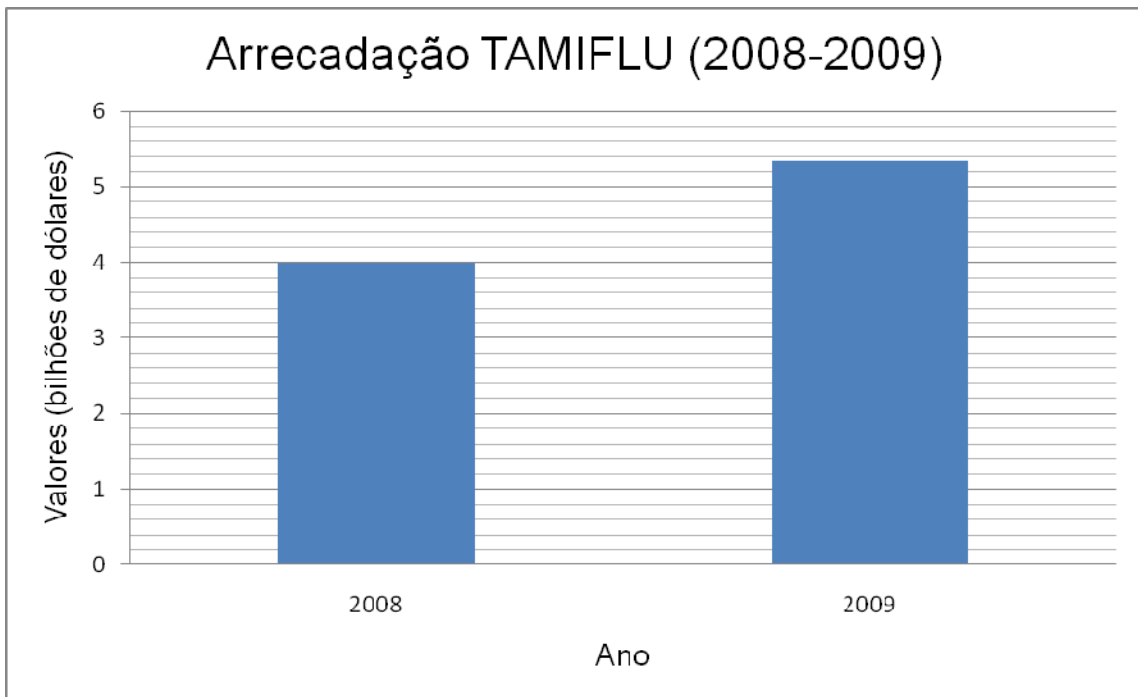
Os superlucros destas empresas vieram de seu caráter monopolista e globalizado, mas somente foram possíveis com a primeira pandemia do vírus da Gripe aviária e com a aprovação do fundo emergencial criado pelo governo americano para vacinar as tropas que estavam naquela região. Nesse período, até mesmo o Japão anunciou ter estocado medicamento suficiente para atender a 45% de sua população³¹.

Nos anos de 2008-09 um novo surto da gripe assola o mundo, começando pelo continente americano e espalhando-se rapidamente pelos quatro cantos do mundo. Em 2008, a Gilead Sciences Inc. anuncia outro *boom* em sua receita, agora batendo em 5,34 bilhões de dólares, crescimento de 26% em relação a 2007.

É perceptível nessa curva de ascensão da arrecadação da empresa sua correspondência com os períodos das supostas pandemias gripais, quando vendas dos medicamentos antigripais ascendem na mesma proporção. O gráfico 3 apresenta justamente essa correlação positiva entre a ascensão dos lucros da empresa *Gilead Sciences Inc.* nos anos de 2007 e 2008 e a “gripe suína”.

³¹ Informações contidas no ‘Portal da Saúde’ onde compara-se a quantidade de doses do medicamento compradas pelos países.

Gráfico 3: Arrecadação com *Royalties* do Tamiflu nos anos de 2007-08 - surto da gripe 'A'



ORG: RUNDVALT, 2012.

Conforme percebe-se, o crescimento da arrecadação da empresa gira em torno de 1 bilhão de dólares a cada surto de gripe, primeiro a gripe aviária onde somente o continente asiático foi afetado, e depois a gripe 'suína' que teve início na América do Norte, mais precisamente no norte do México e sul dos Estados Unidos.

Os casos de gripe inicialmente chamados de 'Gripe Suína', e posteriormente de Gripe 'A' ou 'Nova Gripe A' devido à semelhança do RNA com a gripe espanhola (H1N1), tiveram uma rápida disseminação pelo mundo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) disponibilizava em seu site dados referentes a casos e mortes oriundas dessa gripe, reforçando que o primeiro caso foi diagnosticado em 08 de Março de 2009. Por ser um vírus de fácil dissipação, em poucos meses praticamente todos os países do mundo tinham diagnosticado algum caso da 'nova' gripe.

Como os dados eram divulgados diariamente pela OMS, optou-se por usar o intervalo de um mês para se ter uma noção de como esse vírus dissipou-se pelo mundo. A figura 8, publicada em 05/05/2009, traz dados da OMS sobre o número de casos e de óbitos causados pela gripe H1N1, sendo que naquele mês foram registrados 1124 casos e 26 mortes em 21 países.

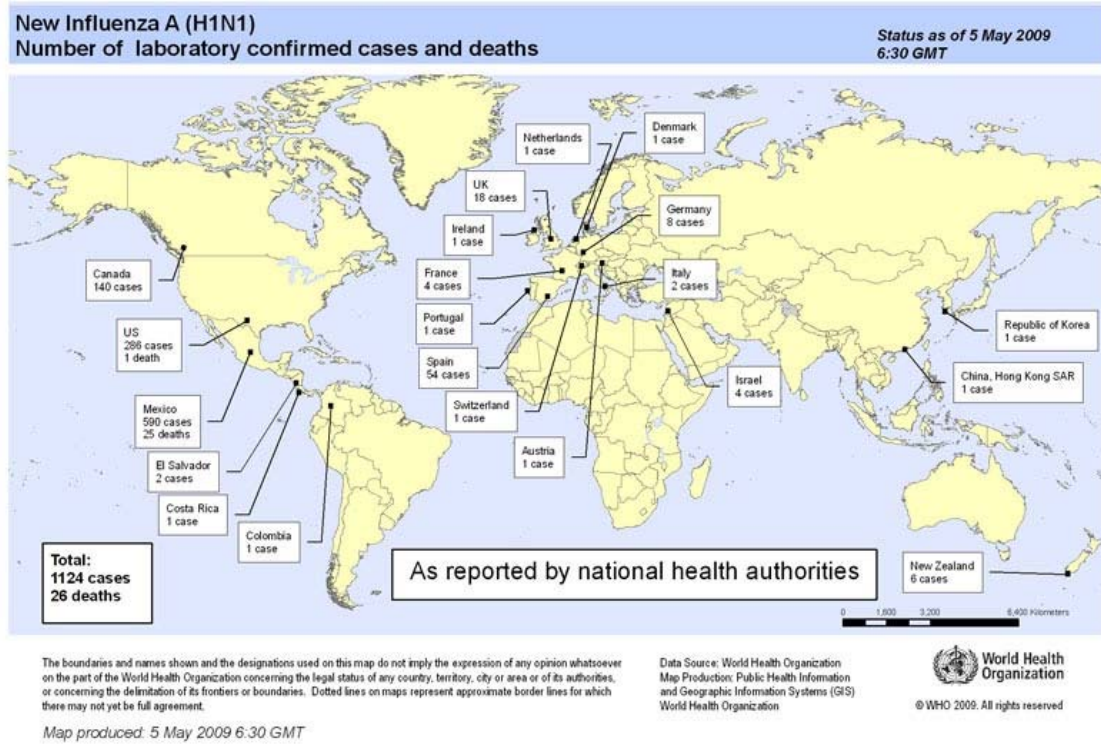


Figura 8: Números de casos e mortes confirmadas em Maio de 2009
 Fonte: Organização Mundial da Saúde (05/05/2009).
 Disponível em <http://www.who.int> acessado em 20/11/2012.

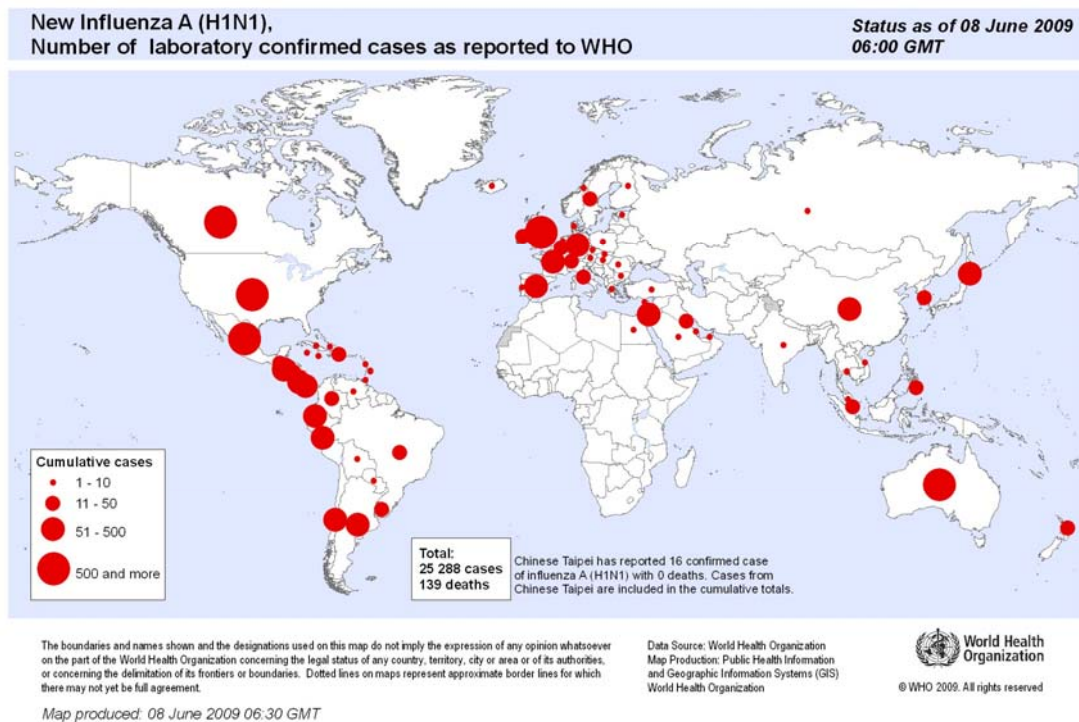


Figura 9: Números de casos e mortes confirmadas em Junho de 2009
Fonte: OMS (08/06/2009)

Já no mês de Junho do mesmo ano (Fig. 9) percebe-se que no intervalo de um mês os casos aumentaram vinte vezes e o número de mortos cinco vezes se comparados ao mês anterior e também o número de países com casos confirmados também aumentou, países como Brasil, Chile, Austrália e Rússia confirmaram alguns casos.

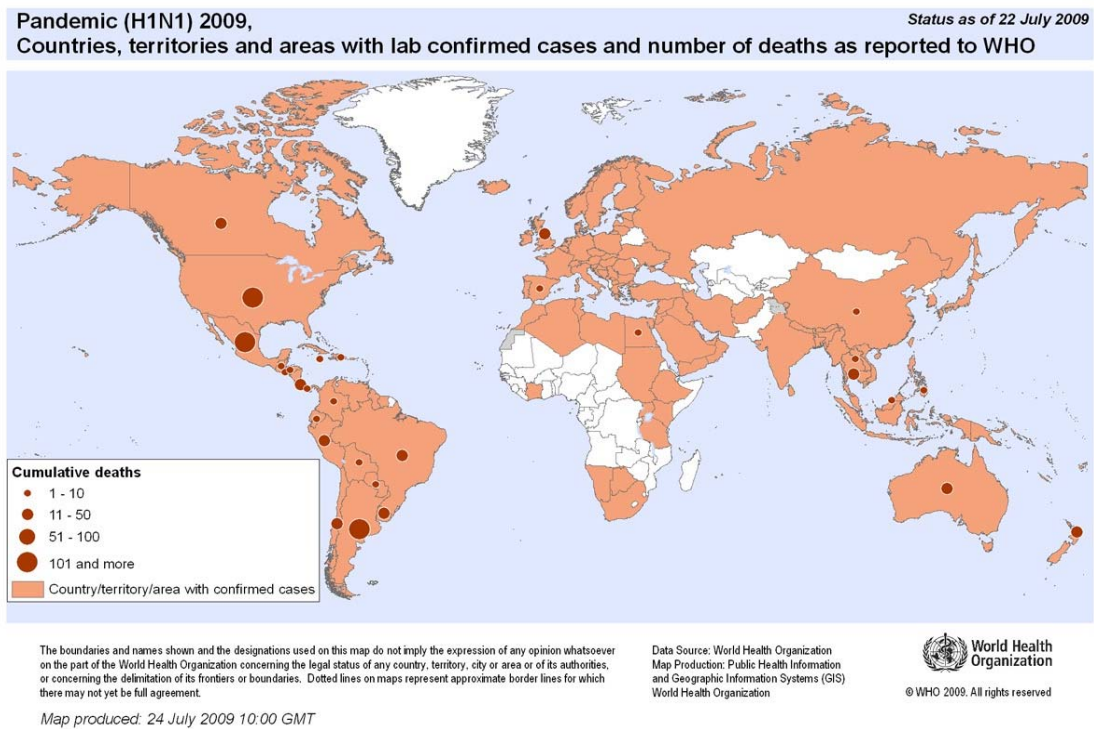


Figura 10: Países, territórios e áreas com casos e número de mortes reportadas pela OMS
Fonte: OMS dados de 22/07/2009 mapa divulgado em 20/07/2009.

No mês de Julho a OMS muda suas formas de divulgação, devido à grande dispersão do vírus pelo mundo, apontando apenas o número de mortes confirmadas e países com os casos confirmados e não-confirmados (Fig. 10), dispensando o número de casos que nesse momento não viria ao caso segundo a OMS.

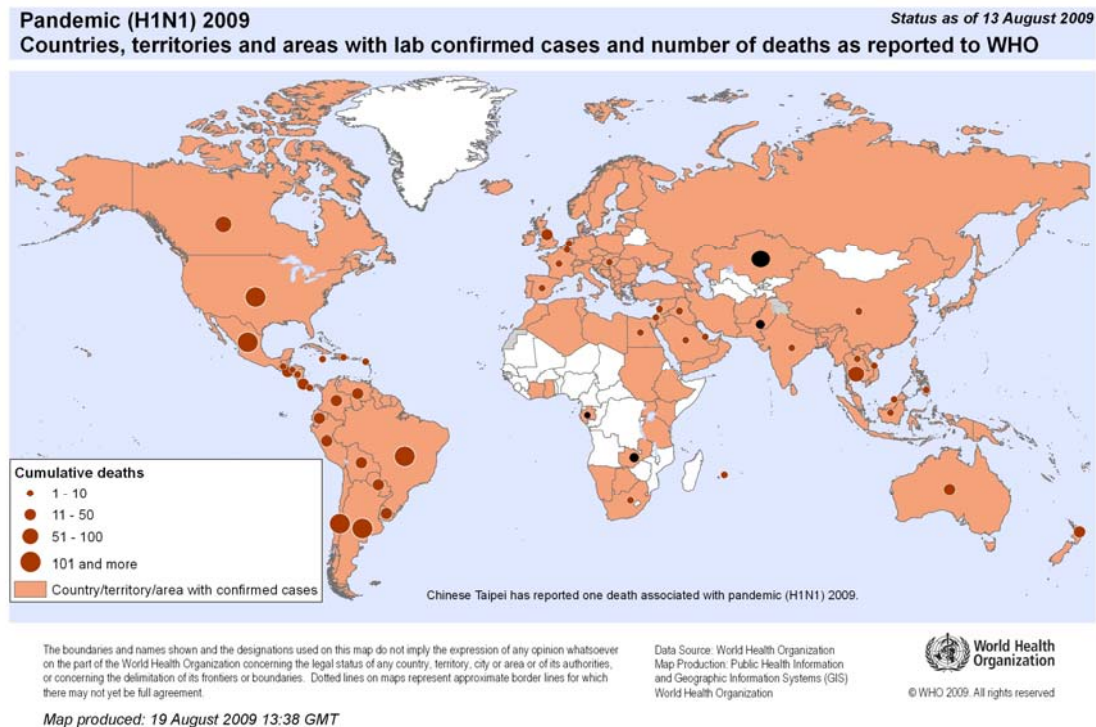


Figura 11: Países, territórios e áreas com casos e número de mortes reportadas pela OMS
 Fonte: OMS dados de 13/08/2009 mapa produzido em 19/08/2009.
 ORG: RUNDVALT, 2012.

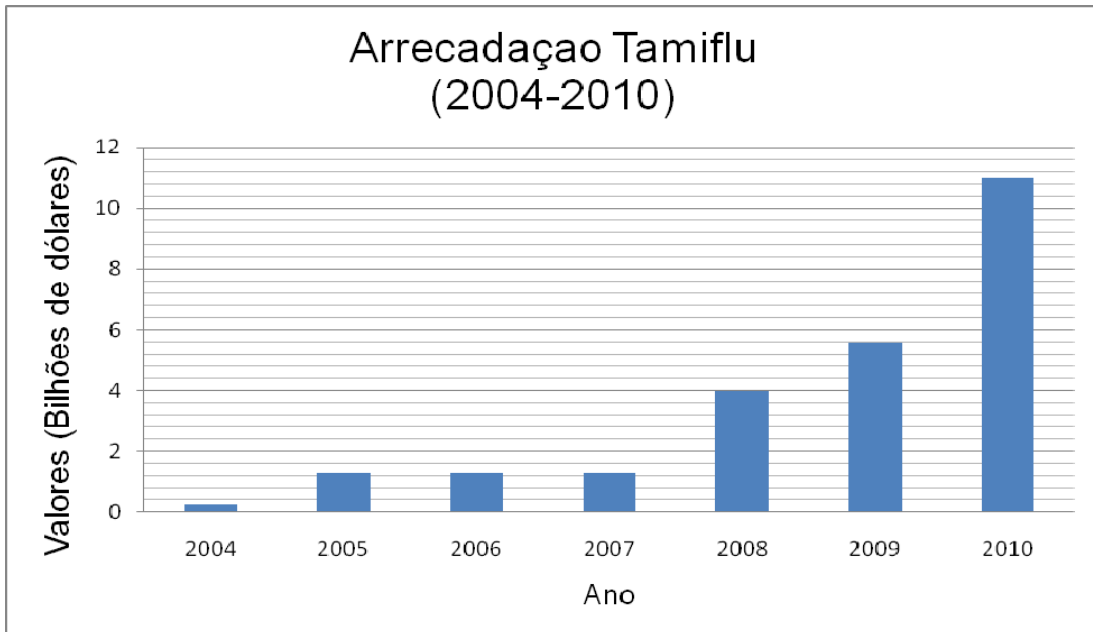
Segundo a OMS em Agosto de 2009 uma grande parte do mundo já tinham casos confirmados, com relação ao mês de Julho mais três países confirmam a chegada do vírus, no continente asiático Paquistão e Cazaquistão e no continente africano Gabão e Zâmbia destacados no mapa com a marcação preta (Fig. 11).

Resta-nos esperar para ver se esses superlucros continuarão com novas ondas de gripe. Entretanto, ressalta-se que os dados acima correspondem a apenas um produto dessa empresa, e a receita da empresa tem bilhões de dólares a mais com outros produtos que circulam pelo mercado mundial, como o Truvada, usado na prevenção do HIV.

Como era de se esperar, a biotecnologia tornou-se uma demanda da própria população civil com os temores de pandemias gripais disseminados pela grande mídia. Esse é um uso inesperado da biotecnologia, pois a partir dos anos de 1970, quando os primeiros resultados desse ramo começaram a surtir efeito, melhorando a qualidade de vida, Alvin Toffler usava o termo “Usina biotecnológica, ou seja, uma tecnologia biológica” (1971, p. 168), quando hoje usa-se o termo ‘biotecnologia’, que nada mais representa que seu uso como tecnologia dual.

No gráfico 4 temos uma relação entre a curva de arrecadação do Tamiflu nos anos de surtos de gripe com anos ditos 'normais' para a empresa. Valores que correspondem à arrecadação com as vendas do Tamiflu entre os anos de 2004 a 2010.

Gráfico 4: Arrecadação do antiviral Tamiflu entre os anos de 2004 a 2010.



ORG: RUNDVALT, 2012.

Fato excepcional acontece em 2010 quando um 'efeito da precaução', onde os governos compraram muitas doses do medicamento para estocar caso houvesse novo surto da gripe naquele ano, ou seja, uma 'ação preventiva', pois segundo informações levantadas pela mídia, os estoques de medicamento poderiam ser insuficientes se ocorresse um novo surto.

Essa ascensão de vendas do TAMIFLU guardam relação direta com os grandes meios de comunicação, que formam, juntamente com os *lobbies* de interesse, as bases civis do CIMB.

3.2.3 A mídia e seu papel na sociedade moderna

Em 2009 como demonstrado acima o mundo foi assolado por sucessivos temores, ajudados principalmente pela mídia quanto a uma nova pandemia de gripe mundial. Mas o quê vem a ser uma pandemia? Essa palavra era usada pelos antigos filósofos gregos para denominar algo que pudesse alcançar toda uma população:

Galeno utilizou o adjetivo pandêmico em relação a doenças epidêmicas de grande difusão. A incorporação definitiva do termo pandemia ao glossário médico firmou-se a partir do século XVIII, encontrando-se o seu registro em francês no "Dictionnaire universel français et latin", de Trévoux, de 1771. Em português foi o vocábulo dicionarizado como termo médico por Domingos Vieira, em 1873. O conceito moderno de pandemia é o de uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente. Exemplo tantas vezes citado é o da chamada "gripe espanhola", que se seguiu à I Guerra Mundial, nos anos de 1918-1919, e que causou a morte de mais de 20 milhões de pessoas em todo o mundo³².

Nossa pesquisa destacou os noticiários relacionados à Gripe H1N1 veiculados por um dos principais meios de comunicação do Brasil, pois mesmo as empresas Gilead e Roche sendo, respectivamente, estadunidense e sueca, os meios de comunicação interferem radicalmente nas decisões tomadas pela população civil.

Para Milton Santos, as técnicas da informação são “principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares” (2007, p. 38), nesse caso a disseminação e propagação do medo de pandemia gripal sem medir as consequências. Mais adiante, o geógrafo diz que essas técnicas de informação “são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim o processo de desigualdades” (SANTOS, 2007, p. 39):

Estamos diante de um ‘novo encantamento’, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim. Esse imperativo e essa onipresença da informação são indícios, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer. Se a informação tem hoje essas duas caras, a cara do convencer torna-se muito mais presente, na medida em que a publicidade se transformou em algo que antecipa a produção. [...] as empresas não podem existir sem publicidade, que se tornou o nervo do comércio. (SANTOS, 2007, p. 39-40)

A parceria empresas/mídia torna-se o cerne da comercialização de bens de consumo, a primeira interessada em vender produtos, a segunda em vender “informação”. Para isto, em nome do sensacionalismo “falsificam-se os eventos, já que não é propriamente o fato o que a mídia nos dá, mas uma interpretação, isto é, a notícia” (SANTOS, 2007, p. 40).

Silvio Caccia Bava vai mais além quando se refere à mídia usando o termo ‘coronelismo eletrônico’ ao dizer que “oligarquias regionais exercem um ‘coronelismo

³² Disponível em <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/endemia.htm>. Acessado em 02/10/2010.

eletrônico' que assegura às elites e a seus políticos o controle da informação no seu território de domínio" (2009, s. p.)

O recorte temporal das pesquisas de matérias e entrevistas relacionadas à Gripe 'A' abrange o período de 29/06/2010 a 29/07/2010 (ver anexos), onde os aparelhos midiáticos estavam dando total atenção à nova doença global. A revista selecionada foi a VEJA online, do Grupo Abril, uma das revistas mais lidas no Brasil, e a maior do país com periodicidade semanal no formato impresso.

No período da pandemia gripal, o semanário publicou enquetes diariamente em seu site. No período de um mês, foram 56 reportagens referentes ao tema. Percebe-se também que as reportagens ganharam uma atenção maior da revista quando do primeiro caso fatal da doença, e então as reportagens tornam-se bastante sensacionalistas quando o termo referido era "a nova gripe".

De 29/06/2009 a 06/07/2009, verificou-se uma notícia por dia sobre o assunto, mas no 10/07/2009, quando é registrado o primeiro caso fatal da nova gripe, o número de reportagens é de duas, sendo uma delas com o título bastante alarmante "Gripe Suína faz primeira vítima fatal em SP" (Veja on-line 10/07/2010, 16h08min)³³ (Fig. 11). A matéria traz ainda um mapa-múndi relatando a situação e as medidas de prevenções adotadas pelos países. Esse mapa ainda encontrava-se disponível no site da revista (<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/mapa-gripe-pelo-mundo>) no período da pesquisa.

³³ Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/gripe-suina-faz-primeira-vitima-tatal-sp>. Acessado em 05/10/2010.

The image shows a screenshot of the Revista Veja website. At the top, there is a banner for the iPad app: "Chegou a VEJA no seu iPad®. Todo sábado, baixe por apenas US\$ 4,99." Below the banner is a navigation menu with categories like "Notícias", "Temas", "Multimídia", and "Blogs e Colunistas". A search bar is located on the right side of the menu. The main content area is titled "Saúde" and features a news article dated "10/07/2009 - 16:08". The article is about a fatal case of swine flu in São Paulo, with the headline "Gripe suína faz primeira vítima fatal em SP". The text of the article states: "A Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo anunciou nesta sexta-feira a morte da primeira pessoa vítima da gripe suína no estado. Trata-se de uma menina de 11 anos, da cidade de Osasco, que faleceu no último dia 30, seis horas depois de ser atendida pelo serviço de emergência de uma instituição particular, o Hospital Sino-Brasileiro." To the right of the article is a yellow sidebar with the "veja" logo and the text "Ler é indispensável." and "EDITORIA Abril".

Figura 12: Notícia da Revista Veja on-line
 Fonte: Revista Veja on-line.

No dia seguinte, a Revista Veja foca a precariedade do atendimento nos hospitais do estado de SP: “*cresce reclamação sobre diagnóstico*” diz a enquete da reportagem, após o anúncio do primeiro falecimento em decorrência do novo vírus.

Mas diante do alarme de uma pandemia global, a população quase não percebeu que ocorria uma mobilização de governos do mundo inteiro para a compra do medicamento, com mais de 900 milhões de dólares gastos com os novos medicamentos e mais de 600 milhões comprados por governos e empresas privadas, e isso apenas em 2009. A figura 12 destaca um folder informativo a respeito da gripe ‘A’ com informações semelhantes ao elaborado pela OMS, afixadas no transporte coletivo do Rio Grande do Sul durante a pandemia.



Figura 13: Interior de um ônibus no RS com folder explicativo

Fonte: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/bem-estar/noticia/2012/07/anvisa-dispensa-uso-de-receita-controlada-para-liberacao-do-tamiflu-a-pacientes-com-sintomas-de-gripe-a-3817626.html>

Foto: Luiz Armando Vaz/ Agência RBS

No anexo podem ser consultadas todas as enquetes referentes às datas onde ocorreram as notícias referentes ao tema, demonstrando os tons alarmistas quanto à pandemia instaurada no mundo, críticas ao governo e ao modelo do sistema público de saúde... Esses anexos expõem o *frenesi* criado pelos meios de comunicação e tornam-se interessantes, por isso a opção de deixá-los em anexo com a página principal.

Optou-se por realizar um recorte temporal de um mês nas reportagens referentes à gripe, pegando entre os dias 29/06/2009 a 30/07/2009 onde apenas nessa edição on-line foram constatadas 56 reportagens sobre o tema. Sempre que surgiu 'novidades' como falecimento ou novos casos confirmados o site da revista era atualizado rapidamente, chegando a ter várias reportagens num curto espaço de tempo. Caso de uma reportagem onde imagem impactante aos olhos do leitor junto com uma chamada em tons alarmistas criam certo sensacionalismo para uma notícia percebendo-se assim as palavras de Milton Santos (1998), pois estamos lendo algo interpretado e não o que realmente está acontecendo (Fig. 13).

As reportagens ainda podem ser encontradas no site <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/arquivo> ou até mesmo digitando as palavras 'gripe suína' ou gripe 'A' no campo de buscas que as reportagens aparecem.

Como afirmava o mestre da propaganda nazista, Joseph Paul Goebbels, "uma mentira contada mil vezes torna-se uma verdade", o que torna-se ainda mais verdadeiro para a manipulação midiática do século XXI quanto as verdadeiras taxas de letalidade dessa 'nova' gripe.

03/07/2009 - 12:19

Gripe suína

Disseminação é 'irrefreável'



(AFP)

A disseminação do vírus da gripe suína pelo mundo é irrefreável, afirmou na quinta-feira a chefe da Organização Mundial da Saúde (OMS), Margaret Chan. Ela ressaltou, no entanto, que a maioria dos pacientes reportam apenas sintomas leves e se recuperam por completo dentro de uma semana - e geralmente sem a necessidade de tratamento médico.

Margaret falou durante a abertura de um encontro de dois dias em Cancun, no México, com o objetivo de discutir a nova pandemia mundial. "Pelo que vemos hoje, com bem mais de 100 países reportando

casos, uma vez que uma pandemia de um vírus começa, sua dispersão internacional é irrefreável", disse a chefe da OMS a líderes e representantes de 50 países, segundo a rede britânica BBC.

Os efeitos mais fortes da doença, segundo Margaret, ocorrem entre mulheres grávidas e pessoas que já estavam com a saúde debilitada antes de contraírem o vírus. Esses pacientes têm maiores riscos de complicações e, por isso, devem ser monitorados. "Para uma pandemia de severidade moderada, esse é um dos nossos maiores desafios: ajudar as pessoas a entenderem quando elas não precisam se preocupar e quando elas têm que buscar cuidados com urgência".

Figura 14: Notícia da Revista Veja on-line

Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/disseminacao-irrefreavel>

Mas todo esse *frenesi* acerca da gripe H1N1 disseminado pela mídia realmente tinha razão de ser? Os dados da Figura 14 parecem indicar isto, com uma taxa de letalidade de quase 10%. Mas, julgamos necessário realizar uma comparação usando dados do Ministério da Saúde quanto a outro problema de saúde pública que presenciamos atualmente, principalmente no Brasil, a Dengue.



Figura 15: Dados oficiais de casos e mortes oriundos da Gripe H1N1 (Gripe A) em 2009

Fonte: Ministério da Saúde (2009) Abril a Setembro de 2009.

O Quadro 1 traz o número de casos de dengue no Brasil para o ano de 2009. Embora os períodos sejam diferentes da Figura 15, é possível perceber que a pandemia de dengue foi muito mais abrangente que a da H1N1.

Tabela 1: Casos confirmados de Dengue na Brasil em 2009

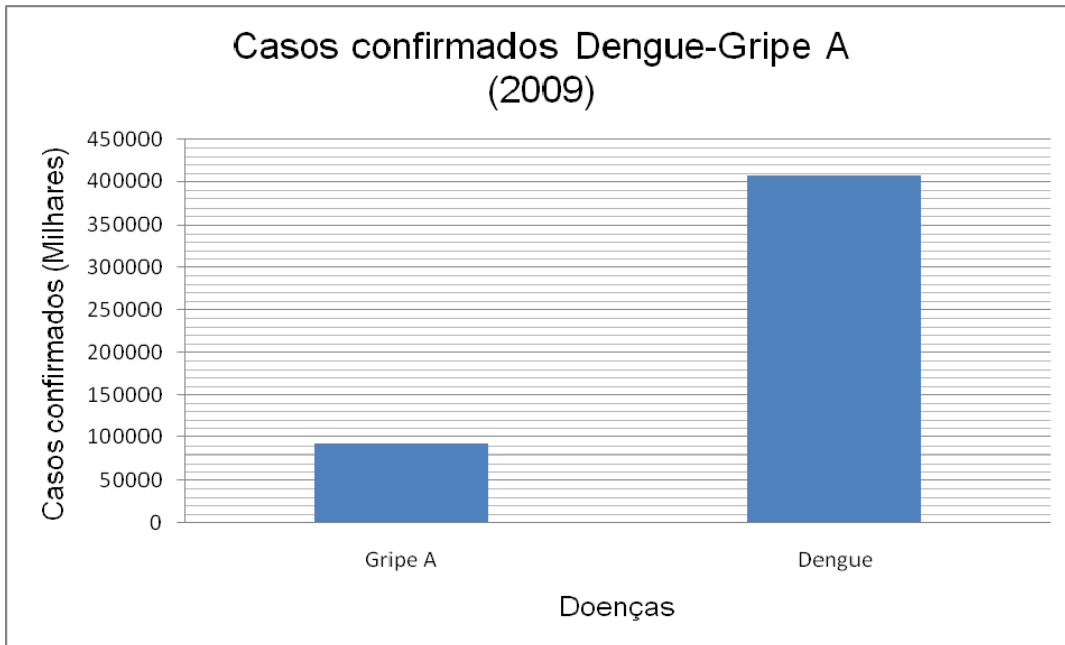
Região e UF	2009
Norte	49.427
RO	6.823
AC	18.106
AM	1.886
RR	4.388
PA	9.145
AP	2.635

TO	6.444
Nordeste	136.713
MA	1.914
PI	4.360
CE	12.250
RN	2.973
PB	884
PE	5.477
AL	3.904
SE	3.275
BA	101.676
Sudeste	136.768
MG	69.720
ES	50.482
RJ	10.365
SP	6.201
Sul	8.164
PR	7.732
SC	209
RS	223
Centro Oeste	75.811
MS	12.441
MT	35.501
GO	26.531
DF	1.338
Total	406.883

Fonte: SVS/SES

No Gráfico 5 podemos perceber que mesmo com números elevados de casos confirmados da gripe H1N1, estes não chegam a 1/6 dos casos da dengue no Brasil. Quanto à incidência destas pandemias, se a gripe N1N1 e a Dengue estiveram distribuídas por todas as regiões do país, a concentração dos casos desta última foram maiores nas regiões tropicais do país (anunciadas apenas três mortes na Região Sul, em 2009).

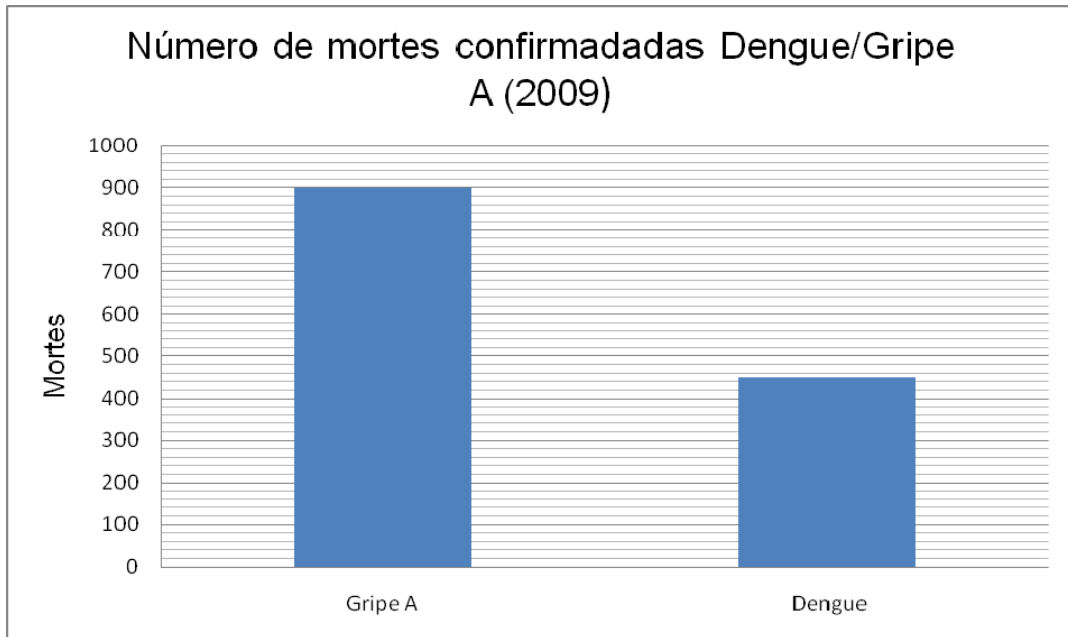
Gráfico 5: Comparativo dos casos confirmados de Dengue e Gripe A em 2009



Fonte: Ministério da Saúde e OMS.
ORG: RUNDVALT, 2013.

A diferença presente no Gráfico 5 é gritante, enquanto a gripe A tinha 9248 casos confirmados, a dengue tinha mais de 400 mil casos confirmados, isso em apenas seis meses do ano de 2009, período de inverno para a gripe e verão para a dengue. O Gráfico 6 trás informações sobre o número de mortes em 2009 referentes às duas doenças.

Gráfico 6: Relação de mortes confirmadas Dengue-Gripe A em 2009



Fonte: Ministério da Saúde e OMS
ORG: RUNDVALT, 2013.

Observa-se a partir do Gráfico 6 que há uma inversão nos valores, enquanto foram registradas 899 mortes de pessoas com a Gripe A, esse valor chegou a 451 com a dengue.

Embora a taxa de letalidade da H1N1 seja aproximadamente o dobro da dengue cabe nos perguntarmos se isto não ocorreu justamente por tratar-se de uma variante nova de gripe, para a qual o organismo ainda não desenvolveu anti-corpos.

O Brasil possui muitas deficiências em políticas de saúde pública, e em 2009, diante do foco midiático na pandemia da gripe aviária, acabamos por 'deixar de lado' uma pandemia muito mais perigosa que tem sido a Dengue.

3.3 Da célere autorização, aos céleres lucros

Todo novo medicamento não dispõe de dados científicos sobre efeitos colaterais à saúde humana, e não poderia ser diferente com o Tamiflu.

Para o coronel Martinez (2007), a biotecnologia foi um privilegio dos militares durante quatro décadas, e para se conseguir a permissão de comercialização na FDA, os rígidos processos de pesquisa e avaliações levariam "no mínimo 14 a 15 anos" onde são "investidos em torno um bilhão de dólares para conseguir o aval de comercialização" (MARTINEZ, 2007, p.3). Este aval passa por:

- Descoberta do agente;
- Estudos pré-clínicos (tanto em laboratórios quanto em animais);
- Eficácia comprovada em humanos ou animais;
- Fabricação do produto, caracterização e liberação pelo FDA.

Entretanto, esse tempo para o Tamiflu foi encurtado alegando-se a urgência decorrente dos atentados do 11/09/2001, quando os senadores mudaram os critérios de licença para novos medicamentos enquadrados no “*Animal Rule*” (Lei do animal) de 2002, o qual diz que (MARTINEZ, 2007, p. 8):

- O Departamento de Defesa pode usar medicamentos que estejam apenas em testes para humanos, desde que, os mesmos estejam em campo de batalha;
- Um medicamento está propício ao uso humano se os resultados forem satisfatórios em animais, no qual o animal em teste reaja de forma positivo ao medicamento dado um período de dois anos.

O encurtamento do tempo do Tamiflu foi um dos fatores primordiais para acelerar o processo de comercialização desse medicamento, segundo documento da própria FDA (ver anexo documento FDA pg. 118), pois o risco de pandemia da gripe H1N1 parecia iminente e havia a necessidade emergencial de autorizar o uso desse medicamento ainda que sem resultados prévios sobre o impacto à saúde humana.

Assim, a empresa de Rumsfeld consegue através de trâmites legais e dentro das novas leis acelerar um processo de comercialização do medicamento por todo o mundo. Como nas palavras de Alvin Toffler (1998, p. 82-83), nas guerras da “terceira onda não seriam usadas armas de grande porte, mas prevalecerá o discurso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reconstituirmos as relações entre a empresa de biotecnologia *Gilead* e a máquina política norte-americana através de figuras como Donald Rumsfeld, esperamos ter nos afastado das "teorias da conspiração" de sites desconhecidos ou de círculos de redes sociais.

Nesse sentido, ao final do trabalho convém resgatar o pensamento do geógrafo Yves Lacoste quando salienta que “o raciocínio geopolítico não é por essência 'de direita' ou 'de esquerda'. É um instrumento conceitual que permite apreender toda uma margem da realidade” (2004, p. 261). Essa extensão do CIM ao ramo da biotecnologia foi beneficiada com o direcionamento de atenção do público global às pandemias virais, mobilizando mais os discurso que as armas. Manipulando a opinião pública, os interesses privados puderam obter superlucros, numa estratégia geopolítica muito bem elaborada. Ainda para Lacoste, o raciocínio geopolítico:

(...) é utilizado por homens que não são espíritos puros; eles têm, cada um sua preferência ideológica e sustentam, mais ou menos conscientemente, certas causas. Mas as que não são os fundamentos epistemológicos da referência ao tempo ou ao espaço que se devem incriminar, mas as teses políticas que eles pretendem demonstrar (2004, p. 261).

A ativação do CIMB representa o reforço da via conservadora do poder norte-americano, onde o propósito maior do tráfico de influência nas esferas governamentais não parece ser ajudar na reestruturação econômica do país ou mesmo na reconquista da hegemonia abalada, mas sim, a pura e simples apropriação privada dos fundos públicos.

Esse tráfico de influência com fins à apropriação privada foi estudado através do Projeto de Biodefesa dos EUA, apresentado no senado estadunidense no pós 11/09/2001, que acelera o modo de produção de vacinas e antídotos para a defesa, modificando o próprio processo de Segurança Nacional, tornando-o mais flexível diante da alegada insuficiência dos meios convencionais. Os *lobbies* da biodefesa se valem das difusas "novas ameaças" que partem de "inimigos" do Estado que não possuem uma delimitação territorial precisa.

O projeto de Biodefesa modificou inclusive o trâmite burocrático no âmbito da FDA, de modo a acelerar o licenciamento, produção, fabricação e comercialização

de produtos farmacêuticos considerados essenciais à segurança nacional. A FDA demorava em torno de 14 anos para permitir a entrada de um novo produto farmacêutico no mercado, com as mudanças esse tempo encurtou-se para no máximo 2 anos.

Detivemos-nos também no caso do Tamiflu (Fosfato de Oseltamivir), descoberto apenas em 1996 por Norbert Bischofberger e já comercializado no ano de 2002 entre o Departamento de Defesa estadunidense para fins militares, aproveitando-se da aprovação no senado da “*Animal Rule*” (comprovada a eficácia em animais o produto poderia ser comercializado para humanos). A alegação era da urgência da vacina para os militares à mercê de ataques biológicos/bacteriológicos nos campos de batalha.

As compras do Tamiflu pelo Departamento de Defesa em 2005 foram possíveis quando Rumsfeld pede ao Congresso a aprovação de um Fundo de Emergência para o Combate a uma Possível Pandemia Global, reservando em torno de 7 bilhões de dólares para a compra do mesmo. Nossas pesquisas demonstraram que grande parte do corpo administrativo da *Gilead Sciences Inc.* tinha trânsito também no setor de defesa estadunidense e entre a ala dos republicanos oriunda da Escola de Chicago, além de pessoas influentes também no meio midiático.

Portanto, essa ascensão do CIMB se deu primeiramente na execução de projetos de lei de criação de fundos públicos direcionados para compras governamentais de produtos de empresas de biotecnologia privadas. Esses *lobbies* de interesse são aceitos com naturalidade nos Estados Unidos, ainda que estimulem a ‘troca de favores’ entre os políticos e os empresários.

Mas apenas as compras governamentais estadunidenses não seriam viabilizadoras dos superlucros monopolistas plea *Gilead/Roche*. Era preciso desvelar os demais mecanismos de venda do medicamento a população civil, que encontra oportunidade na disseminação do medo de uma pandemia de gripe a nível global. Com a gripe ‘A’ ou “gripe suína” houve um clima de histeria geral, favorecido pelo sensacionalismo da grande mídia, fazendo catapultar as vendas do Tamiflu.

Por parte do governo dos Estados Unidos, os investimentos na área de Biodefesa, em 2001, foram de 60 milhões de dólares, em 2002 esse valor dobra e a pretensão do governo era de que em 10 anos esse valor fosse multiplicado em 100 vezes, chegando a 5,6 bilhões de dólares anuais.

Em contrapartida, a arrecadação somente de *royalties* do Tamiflu pela *Gilead*, durante a epidemia de gripe aviária no continente asiático em 2004 e 2005, passa de 258 milhões para 1 bilhão de dólares. Quando da gripe suína de 2008 e 2009, a arrecadação que já estava em 4 bilhões tem uma ascensão para 5,6 bilhões de dólares. Entre as duas pandemias, a empresa arrecadara cinco vezes mais, demonstrando os efeitos positivos da fusão com a Roche.

Até o governo brasileiro gastou milhões de dólares na compra do medicamento, e ainda assim criticado pela mídia ao reservar o suficiente para apenas 10% da população ou aproximadamente 20 milhões de doses, sobretudo quando comparado a outros países, como o Japão que formou estoque para atender 45% de sua população.

Analisamos também o papel dos meios de comunicação na ascensão do CIMB, destacando a presença no corpo administrativo da *Gilead* de John Madigan, detentor de algumas das maiores redes midiáticas estadunidenses. Na análise incluímos também a mídia digital do semanário *Veja* para ilustrar o sensacionalismo quanto à pandemia de gripe também no Brasil.

Desta forma, elucidamos todos os elos das imorais ligações entre empresários, políticos e militares em torno do CIMB, que se utilizam das ferramentas legais da democracia americana para a apropriação privada dos recursos públicos dentro e fora do país.

Esperamos ter contribuído com o entendimento dos mecanismos do CIMB para além dos trabalhos existentes sobre o tema, que geralmente gravitam em torno das ciências biológicas e da saúde pública. Os termos complexo militar-biomédico e complexo médico industrial-financeiro apareceram ligados justamente à área da saúde pública, sem realizarem uma crítica do CIMB. Desta forma, incorporamos às discussões, questões de segurança nacional, *soft power* e relações internacionais.

Em nenhum momento colocamos em xeque a importância da biotecnologia para o bem-estar humano, mas não podíamos silenciar quanto ao fato de que a biotecnologia de defesa tem possibilitado lucros exorbitantes a um pequeno grupo de corporações empresariais. Repetindo a fórmula de sucesso dos anos 80, quando a dinâmica empresarial foi novamente fortalecida depois da crise da década anterior com 'tecnologias sensíveis' ou '*high technology*', hoje são novamente empresas estadunidenses que saem à frente no que podemos chamar de corrida

biotecnológica. Esta é a ponta de lança para manter a hegemonia americana mesmo na fase de declínio nos ciclos sistêmicos de acumulação de Arrighi?

Os Estados Unidos herdaram a tecnologia dos CIM's no período da Guerra Fria, a partir de laboratórios para estudar única e exclusivamente a manipulação de outros seres vivos. Primeiro, criaram armas letais, em seguida MD, e agora medicamentos para combater e prevenir doenças.

Essa pesquisa não esgota o papel do CIMB na nova estratégia de segurança e defesa americana. Os inimigos da América hoje são difusos, "exigindo" velhas táticas de guerra, como ocorreu no Iraque e Afeganistão, e novas táticas como um 'Escudo de Biodefesa' contra ameaças de armas biológicas.

Enquanto escrevíamos a redação final desta dissertação, ocorreram novos episódios de cartas contendo ricina enviadas ao presidente Obama, assim como um novo surto de gripe aviária no continente asiático. Como se percebe, o discurso do medo implementado pelos CIMB's e alavancado pela grande mídia continua relevante.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. **Uma breve história da Geopolítica**. Rio de Janeiro. CENEGRI – Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais, 2011.

ALMEIDA, Maria Eneida de. O Desenvolvimento Biológico em Conexão com a Guerra. **Revista Saúde coletiva**. nº17, vol. 3 p. 545-564, Rio de Janeiro, 2007

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações**. Trad. Vera Ribeiro, revisão e tradução César Benjamin. Rio de Janeiro/São Paulo. Editora Unb – Instituto de Relações Internacionais. São Paulo, 2002.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo séc. XX: Dinheiro, Poder e as origens de nosso tempo**. Trad. Vera Ribeiro, revisão e Tradução César Benjamin Rio de Janeiro. São Paulo, UNESP, 1996.

AYERBE, Luis Fernando. **Ordem, Poder e Conflito no século XXI: esse mesmo mundo é possível**. São Paulo, UNESP, 2006.

BRIGOLA, Higor Ferreira. **O Paradigma do Choque de Civilizações de Samuel Huntington e o Interesse Nacional Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2009.

CARR, Edward Hallett. **The Twenty Crisis (1919 – 1939): An Introduction to the Study of International Relations**. Trad. Luiz Alberto Figueiredo Machado. Editora UnB – Instituto de Relações Internacionais, 2ª ed. 2001.

COSTA, Frederico Carlos de Sá. Sobre o Conceito de “Segurança Nacional”. **Revista Tensões Mundiais**. Vol 5, nº 9. Pgs. 123-140, 2009.

DAGNINO, Renato. Em que a economia de defesa pode ajudar nas decisões sobre a revitalização da Indústria de Defesa brasileira. **Revista Oikos**. Rio de Janeiro, nº 9, ano VII. 2008. ISSN 1808-0235. p.113-137.

FILHO, Niemeyer Almeida. PAULANI, Leda Maria. Regulação social e acumulação por espoliação – reflexão sobre as essencialidades das teses da financeirização e da natureza do Estado na caracterização do capitalismo contemporâneo. **Revista Economia e Sociedade**. Vol.20, nº 2, págs. 243-272, Campinas, 2011.

FIORI, José L. A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul. **Revista Oikos**, nº 8, ano VI. 2007. ISSN 1808-0235. Rio de Janeiro p.77-106, 2007.

_____. **Sobre o Poder Global**. Revista Novos Estudos - CEBRAP, nº 73. p. 61-72. Novembro, 2005.

FLORES, Mario Cesar. **Reflexões estratégicas**: repensando a defesa nacional. São Paulo: Ed. Realizações, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

GARCIA, Ana Saggiaro. Hegemonia e Imperialismo: Caracterizações da ordem mundial capitalista após a II Guerra Mundial. **Revista on line trabalho necessário**. nº 8, ano 10/2010. ISSN 1808-799X. p.1-20. Disponível em <http://www.uff.br/trabalhonecessario> acesso em 15/09/2010.

GILPIN, Robert. **The Political Economy of International Relations**. Nova Jersey. Editora Princeton University Press, 1987.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUATARRI, Félix. **As Três Ecologias**. Trad. Maria C. F. Bittencourt. Campinas-SP. Papyrus, 1990.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Uma Estratégia Militar para o Brasil. In: PINTO, J. R. Almeida, ROCHA, A. J. Ramalho, SILVA, R. Doring Pinho da (orgs.). **Reflexões sobre a Defesa e Segurança: Uma Estratégia para o Brasil**. Vol.1. Ministério da Defesa, Secretária de Estudos e de Cooperação, 2004.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 2ª ed. São Paulo, LOYOLA, 2003.

_____. **Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural**. 21ª ed. São Paulo, LOYOLA, 2011.

HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Improving the U.S. Public Diplomacy Campaign In the War Against Terrorism. Council on Foreign Relations, November 06, 2001: Documento disponível em: <http://www.cfr.org/terrorism/improving-us-public-diplomacy-campaign-war-againstterrorism/p.4215> acessado em 15/03/2012.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: A ascensão do capitalismo de desastre**. Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: Isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. 8ª ed. Trad. Maria Cecília França. Campinas-SP. Editora Papyrus, 2004.

MARTINEZ, Coleen K. **Biodefense Research Supporting the DoD: A New Strategic Vision**. Monografia entregue ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Abril, 2007.

MILLER, Judith; ENGELBERG, Stephen; BROAD, William: **GERMES: As Armas Biológicas e a Guerra Secreta da América**. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2002.

MOORE, Michael. **Cartas da Zona de Guerra: Algum dia voltarão a confiar na América? Vários tradutores**. São Paulo, Francis, 2004.

Nomination of Carla Anderson Hills to be U.S trade representative. Printed for the use of the Committee on Finance. U.S Government Printing Office Washington: 1989. January 27, 1989.

NYE, Joseph. **Soft Power: The Means to Success in World Politics.** Council Books for Breakfast, 2004.

RACY, Joaquim Carlos; SIBERFELD, Jean-Claude E. **Defesa Nacional, Complexo Industrial-Militar e Mobilização Industrial:** Apontamentos para a mobilização nacional.

REVISTA DE ECONOMIA MACKENZIE. Universidade Presbiteriana Mackenzie, nº3, ano III, 1998. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/3232.html> | psg. 53-71, acessado em 20/10/2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal.** 14^o ed. Rio de Janeiro. Record, 2007.

_____. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional.** 4^aed. São Paulo. Editora HUCITEC, 1998.

SOJA, Edward. **Geografias Pós-modernas: A Reafirmação do Espaço na Teoria Social.** Trad. Vera Ribeiro. 2^a ed. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1993.

Tamiflu and Relenza Emergency Use Authorization Disposition Letters and Question and Answer Attachments, Department of Health and Human services. Documento disponível em: <http://www.fda.gov/Drugs/DrugSafety/PostmarketDrugSafetyInformationforPatientsandProviders/ucm216249.htm> acessado em 05/05/2011.

TOFFLER, Alvin. **O Choque do Futuro.** Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. 9^a edição. Rio de Janeiro. Editora Artenova, 1971.

_____. **A Terceira Onda:** A morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização. Trad. João Távora. 5ª edição. Rio de Janeiro. Editora Record, 1980.

TOFFLER, Alvin. TOFFLER, Heidi. **Guerra e Anti-guerra:** Sobrevivência na Aurora do Terceiro Milênio. Trad. Luiz Carlos do Nascimento Silva. 4ª edição. Rio de Janeiro, 1998.

TURNER, Stanfield. **Queime Antes de Ler:** Presidentes, Diretores da CIA e Espionagem Internacional. Trad. Bruno Casotti. Rio de Janeiro. Editora Record, 2008.

VESENTINI, José William. Terrorismo e a nova ordem mundial. In CARVALHO, Leonardo Arquimimo de. (org.) **Geopolítica e Relações Internacionais.** p. 275-293. Editora Juruá, Curitiba, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Declínio do Poder Americano:** os Estados Unidos em um mundo caótico. Trad. Elsa T. S. Vieira. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 2004.

WALTERS, Vernon A. **Missões silenciosas.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Alexander Dugin - Hegemonia cultural, Gramsci e Alain de Benoist. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=65vv20wtvsQ> acessado em 07/01/2013.

Anvisa dispensa uso de receita controlada para liberação do Tamiflu a pacientes com sintomas de gripe A. Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/bem-estar/noticia/2012/07/anvisa-dispensa-uso-de-receita-controlada-para-liberacao-do-tamiflu-a-pacientes-com-sintomas-de-gripe-a-3817626.html> acessado em 05/10/2012.

Austrian Times at. Disponível em <http://www.austriantimes.at/?id=12991> acessado em 05/05/2012.

Bush defende união do povo americano na guerra ao terror. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u99986.shtml> 05/12/2011.

Biografia y Vidas: Donald Rumsfeld. Disponível em <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rumsfeld.htm> acessado em 02/10/2010.

Biotecnologia. Disponível em http://www.biotecnologia.ufc.br/biotecnologia_por_silveira.html acessado em 23/01/2013.

Bush sanciona lei para combater bioterrorismo. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2004/07/040721_washingtonng.shtml acessado em 09/10/2012.

Carla Anderson Hills: Photos. Disponível em http://www.americanbar.org/directories/women_trailblazers/carla_anderson_hills/carla_anderson_hills-photos.html 15/10/2012.

Centro de Informações sobre Medicamentos: Plantas Medicinais e Tóxicas. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/cimplamt/Edicoes%201/CIMPLAMT2.pdf> acessado em 16/12/2012.

Donald Rumsfeld discusses his book. Disponível em <http://dalje.com/en/foto.php?id=19&rbr=20622&idrf=858019> acessado em 05/05/2012.

Gilead and Roche End Tamiflu(R) Dispute; Expanded Collaboration Includes Gilead Role in Oversight of Manufacturing and Commercialization. Disponível em <http://www.gilead.com/news/press-releases/2005/11/gilead-and-roche-end-tamiflur-dispute-expanded-collaboration-includes-gilead-role-in-oversight-of-manufacturing-and-commercialization> acessado em 02/10/2010.

Gilead Board of Directors Appoints James M. Denny as Chairman. Disponível em <https://www.gilead.com/news/press-releases/2001/1/gilead-board-of-directors-appoints-james-m-denny-as-chairman> acessado em 10/05/2011.

Global Alert and Response. Disponível em <http://www.who.int/en/> acessado em 02/10/2010.

LINGUAGEM MÉDICA: Epidemis, endemia, Pandemia, Epidemiologia. Disponível em <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/endemia.htm> acessado em 02/10/2010.

News Release. Disponível em <http://www.gilead.com/AR2011/#/stockholder> acessado em 05/05/2011.

Notícias de Saúde. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/arquivo> acessado em 11/09/2009.

Substância ricina, enviada em carta a Obama, tem origem na mamona. Disponível em <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/04/substancia-ricina-enviada-em-carta-obama-tem-origem-na-mamona.html> acessado em 20/04/2013.

Tamiflu and Relenza Emergency Use Authorization Disposition Letters and Question and Answer Attachments. Disponível em <http://www.fda.gov/Drugs/DrugSafety/PostmarketDrugSafetyInformationforPatientsandProviders/ucm216249.htm> acessado em 05/05/2011.

VaxGen assina acordo definitivo para adquirir a diaDexus em ação por ação-fusão. Disponível em <http://www.news-medical.net/news/20100529/25/Portuguese.aspx> acessado em 09/10/2011.

VaxGen gets \$877.5 million to supply 75 million doses of anthrax vaccine. Disponível <http://www.news-medical.net/news/2004/11/04/6115.aspx> Acessado em 09/10/2011.

ANEXOS 1: REPORTAGENS

As matérias referentes à pandemia H1N1 que surgiu no ano de 2009 e o importante papel da mídia como disseminadora das informações, entre os dias de 29/07/2009 até 30/07/2009 foram registradas apenas na REVISTA VEJA ON LINE 56 reportagens relacionadas ao tema. Com atenção especial ao dia 10/06/2009 quando é anunciada a primeira vítima fatal da doença e chegam a quatro o número de reportagens no mesmo dia.

As reportagens pode ser encontradas em: <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/arquivo> digitando "Gripa A 2009".

29/06/2009



Saúde

29/06/2009 - 18:21

COMPARTILHAR IMPRIMIR



Tweet

Curtir

Exclusivo VEJA.com

Gripe A: morte de brasileiro foi "exceção", mas serve de alerta

Natalia Cuminale

A morte do caminhoneiro Vanderlei Vial, de apenas 29 anos, em decorrência da nova gripe no último domingo incita algumas dúvidas entre os brasileiros: se ele era saudável e não fazia parte do grupo de risco, por que então morreu? O primeiro óbito no Brasil de um rapaz jovem e saudável significaria que o vírus mudou e está mais perigoso que antes?

30/06/2009

Saúde

30/06/2009 - 08:04

Gripe suína

Uruguai tem primeira morte por gripe suína

MONTEVIDÉU, Uruguai (AFP) - O Uruguai registrou nesta segunda-feira seu primeiro óbito por gripe suína, informou o ministério da Saúde Pública. "No final do dia de hoje faleceu uma senhora em Montevideú, portadora de múltiplos problemas orgânicos, e os exames correspondentes revelaram a presença do vírus influenza A H1N1", destaca o ministério.

A mulher tinha 60 anos e estava internada em um hospital público. A vítima sofria de cardiopatia, diabetes e insuficiência renal, revelou o titular da Direção Nacional de Saúde, Jorge Basso.

Em seu último boletim sobre o avanço da gripe suína no Uruguai, publicado em 23 de junho passado, o ministério da Saúde informava 195 casos no país, com 12 internações.

Saúde

30/06/2009 - 08:16

Gripe suína

Chile tem 13 óbitos por gripe suína

SANTIAGO, Chile (AFP) - As autoridades de Saúde do Chile comunicaram nesta segunda-feira a 13ª morte por gripe suína no país, envolvendo um menino de 11 anos.

No total, o vírus A (H1N1) já infectou 6.211 pessoas no Chile, segundo o ministério da Saúde.

O menino morreu no dia 26 de junho passado, no hospital do porto de Talcahuano, no sul do país, uma região fria e úmida, que concentra a maior parte dos óbitos por gripe suína no Chile.

01/07/2009

Saúde

01/07/2009 - 19:41

Gripe suína

Casos no Brasil já chegam a 694

Os casos de gripe suína no Brasil chegaram a 694 nesta quarta-feira, com a confirmação de 14 novos pacientes pelo Ministério da Saúde. Cinco dos novos casos foram identificados no Rio Grande do Sul, quatro em São Paulo, três em Minas Gerais, um no Maranhão e um no Rio de Janeiro.

A quase totalidade dos 694 pacientes infectados já recebeu alta ou está em processo de recuperação, segundo o Ministério da Saúde. De acordo com a nota do governo, em 61,7% dos casos confirmados os pacientes foram infectados no exterior, enquanto 176 pessoas foram infectadas dentro do país, o que equivale a 25,4% do total. A Argentina é o provável local de infecção da maioria dos casos, seguida de Estados Unidos e Chile.

Até esta terça-feira o ministério acompanhava 1.049 casos suspeitos no país. As amostras com secreções respiratórias desses pacientes estão em análise laboratorial. Outros 1.041 casos foram descartados. Números da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que há 77.201 pacientes infectados pela doença em 35 países e 332 mortes provocadas pelo vírus influenza A (H1N1).

04/07/2009

Saúde

04/07/2009 - 19:17

H1N1

Brasil tem 56 novos casos de gripe suína

O Ministério da Saúde anunciou neste sábado 56 novos casos de contaminação pelo vírus A (H1N1) no país. Desde sexta, 13 pessoas foram diagnosticadas com o vírus no estado de São Paulo, oito no Rio de Janeiro, seis no Paraná, seis em Minas Gerais, quatro em Pernambuco, quatro na Bahia, quatro em Mato Grosso do Sul, três no Ceará, três em Santa Catarina, um no Amapá, um no Distrito Federal, um em Goiás, um em Mato Grosso e um no Rio Grande do Sul. Com os novos casos, o total de pessoas contaminadas desde o dia 8 de maio subiu para 812.

A maior parte dos casos está em São Paulo, que registra 338 vítimas. O Rio Grande do Sul conta com 102 casos. O Rio de Janeiro, com 91; e Minas Gerais, com 90. O Ministério da Saúde acompanha 1.414 casos suspeitos e aguarda o resultado da análise laboratorial de amostras dos pacientes. Outros 1.203 casos foram descartados.

10/07/2009

Saúde

10/07/2009 - 16:08

Pandemia

Gripe suína faz primeira vítima fatal em SP

A Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo anunciou nesta sexta-feira a morte da primeira pessoa vítima da gripe suína no estado. Trata-se de uma menina de 11 anos, da cidade de Osasco, que faleceu no último dia 30, seis horas depois de ser atendida pelo serviço de emergência de uma instituição particular, o Hospital Sino-Brasileiro.

A menina já apresentava sintomas - dor abdominal, vômito e febre - dois dias antes. No dia 29, teve febre de 39 graus, tosse, dores no corpo e vômitos, mas só foi levada ao hospital no dia 30, já com sinais de choque séptico. No setor de emergência foram feitos exames de raio-x, ultra-som, liquor e eletrocardiograma. A garota foi medicada e internada na Unidade de Terapia Intensiva, onde teve uma parada cardio-respiratória e morreu.

Saúde

10/07/2009 - 16:08

Pandemia

Gripe suína faz primeira vítima fatal em SP

A Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo anunciou nesta sexta-feira a morte da primeira pessoa vítima da gripe suína no estado. Trata-se de uma menina de 11 anos, da cidade de Osasco, que faleceu no último dia 30, seis horas depois de ser atendida pelo serviço de emergência de uma instituição particular, o Hospital Sino-Brasileiro.

A menina já apresentava sintomas - dor abdominal, vômito e febre - dois dias antes. No dia 29, teve febre de 39 graus, tosse, dores no corpo e vômitos, mas só foi levada ao hospital no dia 30, já com sinais de choque séptico. No setor de emergência foram feitos exames de raio-x, ultra-som, liquor e eletrocardiograma. A garota foi medicada e internada na Unidade de Terapia Intensiva, onde teve uma parada cardio-respiratória e morreu.

Saúde

10/07/2009 - 17:47

Saúde


Mapa da gripe A no mundo e no Brasil

Mapa da gripe no Brasil

Saiba mais: como se prevenir, a palavra dos médicos e vídeos sobre a gripe



Clique na imagem para acessar


INFOGRÁFICO

Copyright © Editora Abril S.A. - Todos os direitos reservados



Copyright © Editora Abril S.A. - Todos os direitos reservados

Saúde

10/07/2009 - 18:24

São Paulo

Zona Oeste concentra a maioria dos casos

André Pontes

A zona Centro-Oeste da cidade de São Paulo é a que concentra mais casos de gripe suína. De acordo com os dados da Consultoria Técnica em Vigilância Sanitária do município (Covisa), 26,2% das pessoas que estavam infectadas pelo vírus influenza A (H1N1) até o último dia 8 moram nesta região da capital paulista. A zona oeste faz divisa com Osasco, cidade em que foi confirmada a primeira morte causada pela gripe no estado.

Segundo Inês Romano, coordenadora da Covisa, a maioria das pessoas que contraiu a gripe no Brasil teve contato com alguém que viajou a outros países. Ela acredita que na zona oeste da cidade haja mais infectados justamente porque a região concentra boa parte dos bairros nobres da cidade, como Alto da Lapa, Pinheiros, Vila Mariana, Itaim Bibi e uma parte do Morumbi.

11/07/2009

Saúde

11/07/2009 - 15:14

Gripe suína

Osasco monitora colegas de menina morta com a doença

A Secretaria de Saúde de Osasco, município da Grande São Paulo, começou neste sábado a monitorar o estado de saúde das crianças que tiveram contato com a menina de 11 anos que morreu por causa da gripe suína, ou gripe A (H1N1). A garota é a primeira vítima fatal da doença no estado de São Paulo e a segunda no país.

Agentes da Vigilância Epidemiológica da cidade foram destacados para encontrar as crianças que estiveram com a menina na escola ou na van de transporte escolar.

A coordenadora da Vigilância Epidemiológica, Carnecy Lopes de Almeida, informou que os agentes conversam com colegas de classe da menina e de seu irmão e outras pessoas que usaram o mesmo transporte escolar. A Vigilância pede que os pais fiquem atentos aos sintomas da gripe.

13/07/2009

Saúde

13/07/2009 - 10:16

Gripe suína

Vírus vai circular no país, diz infectologista

O Brasil corre grande risco de chegar ao estágio de transmissão sustentada do vírus da gripe suína, avalia o diretor do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, David Uip. Neste estágio, o vírus A (H1N1) passaria a circular livremente no Brasil e poderiam ocorrer contaminações sem vínculo com viagens ao exterior ou pessoas que adquiriram a doença em outros países.

"É muito provável que isso ocorra", afirmou o médico, em entrevista concedida por telefone. "Não chegamos a esse estágio ainda e estamos fazendo de tudo para evitá-lo, mas pode ser uma questão de tempo." Mesmo que o Brasil venha a atingir o estágio, não há razão para pânico. A letalidade da gripe suína é baixa - atinge 0,45% dos pacientes infectados. "É uma taxa muito similar à da gripe comum", destaca Uip.

Saúde

13/07/2009 - 15:21

Pandemia

Gripe suína causa segunda morte no RS - a terceira no país

A Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul informou nesta segunda-feira que mais uma pessoa morreu por causa da gripe suína no estado. De acordo com o secretário de Saúde do RS, Osmar Terra, a vítima é uma criança de nove anos que morava em Sapucaia do Sul e teria contraído o vírus do irmão.

O garoto apresentou os sintomas no dia 1º de julho, mas só no dia seguinte foi levado ao Hospital das Clínicas de Porto Alegre, onde morreu no dia 5. De acordo com o secretário, o irmão da vítima contraiu o vírus em sua escola de um professor que viajou recentemente à Argentina.

14/07/2009

Saúde

14/07/2009 - 20:07

Pandemia

Homem de 28 anos é a 4ª vítima da gripe suína no Brasil - a 2ª em SP

A Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo informou na noite desta terça-feira que mais uma pessoa morreu de gripe suína no estado. A vítima, um homem de 28 anos que morava em Botucatu, é a quarta pessoa a morrer no Brasil vítima de infecção pelo vírus A (H1N1).

De acordo com a nota divulgada pela Secretaria, o homem morreu no último dia 10 de julho no Hospital de Clínicas de Botucatu. Ele começou a apresentar os sintomas - febre, dor de cabeça, náusea, vômito, tosse e congestão nasal - no dia 1º de julho, mas só procurou o atendimento médico no dia 4, quando foi internado.

16/07/2009

Saúde

16/07/2009 - 12:56

Gripe suína

Caminhoneiro do RS é a quinta vítima fatal da doença no Brasil



(AFP)

A gripe suína fez mais uma vítima fatal no Brasil. A Secretaria Municipal da Saúde de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, confirmou nesta quinta-feira a terceira morte no estado – a quinta no país. O caminhoneiro Dirlei Pereira, de 35 anos, morreu na madrugada desta quinta. Segundo o secretário de Saúde da cidade, Luiz Augusto Schneider, a vítima sofria de hipertensão.

Ele estava na Argentina e voltou para o Brasil no dia 29 de junho, quando chegou à cidade de Porto Xavier (RS). Como apresentava os sintomas da doença, foi retido pela Vigilância Sanitária e logo foi internado em um hospital

na cidade de Santa Rosa. Pereira chegou a receber alta, no dia 4 de julho, e voltou a Itaqui, sua cidade natal, onde voltou a se sentir mal. Depois de procurar o serviço de saúde, o caminhoneiro foi encaminhado para a Santa Casa de Uruguaiana, referência no tratamento de gripe suína, onde acabou morrendo.

Saúde

16/07/2009 - 15:40

Pandemia

Total de mortos pela gripe suína chega a 11. Vírus "circula" no país, reconhece o governo

Já chega a 11 o total de mortos por gripe suína no Brasil. Na tarde desta quinta-feira, foram confirmadas outras quatro mortes pela doença no Rio Grande do Sul - duas no município de Santa Maria e outras duas em Passo Fundo. Somando-se a morte confirmada na manhã desta quinta, o total de mortos no estado chega a sete. No Rio de Janeiro, a Secretaria de Saúde confirmou a primeira morte causada pela doença no estado. Já em Osasco, na Grande São Paulo, a prefeitura confirmou a segunda morte causada pelo vírus A (H1N1) na cidade.

Saúde

16/07/2009 - 18:11

Gripe suína

Ministro afirma que Brasil está preparado para lidar com a doença

Apesar da admissão de que o vírus da gripe suína circula no Brasil, o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, afirmou nesta quinta-feira que o momento é de tranquilidade. "É natural que quando surge uma doença nova surjam dúvidas. Mas o momento é de tranquilidade. Nós temos tudo o que é necessário para dar conta da doença", afirmou Temporão.

O ministro lembrou que o grau de letalidade da doença ainda é muito pequeno, 0,5% no mundo. E ressaltou que todas as pessoas que apresentarem os sintomas da nova gripe - febre acima de 38°C, tosse, dor de cabeça intensa, dores musculares e nas articulações, irritação dos olhos e fluxo nasal devem procurar seus médicos ou um posto de saúde. O encaminhamento para um hospital de referência em tratamento da nova gripe deve ser feita pelo médico.

17/07/2009

Saúde

17/07/2009 - 13:14

Gripe suína

OMS decide parar de contar novos casos



(AFP)

A Organização Mundial de Saúde (OMS) informou, nesta sexta-feira, que não irá mais contabilizar os números de pessoas infectadas pela gripe suína. De acordo com a entidade, a pandemia está se espalhando pelo mundo de maneira muito rápida e, por isso, a Organização irá se concentrar em atualizar as informações de novos países onde o vírus Influenza A (H1N1) tenha chegado. "A OMS não irá mais divulgar tabelas globais com os números de casos confirmados em todos os países", diz o comunicado.

"Nas pandemias do passado, os vírus de influenza precisaram de mais de seis meses para se espalharem tanto quanto o vírus da

gripe A se disseminou nas últimas seis semanas", diz o texto. A agência de saúde da Organização das Nações Unidas (ONU) pediu aos países que ainda não foram afetados pela enfermidade que, caso isso venha a acontecer, informem à OMS o quanto antes. A entidade solicitou ainda que os locais que já foram afetados "monitorem de perto os acontecimentos incomuns".

Saúde

17/07/2009 - 17:23

Pandemia

Exército vai ajudar no controle da gripe suína

O Exército vai entrar em ação para tentar controlar o avanço da gripe suína no Brasil. A atuação dos soldados começa nos postos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) instalados em 31 cidades de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Na quinta-feira, a Secretaria de Saúde gaúcha afirmou que o estado é uma porta de entrada do vírus A (H1N1) no país, já que o Rio Grande do Sul faz fronteira com Argentina e Uruguai.

Sete, das 11 mortes registradas no país em decorrência da doença, ocorreram em cidades gaúchas - duas em Santa Maria, duas em Passo Fundo, uma em Uruguaiana, uma em Sapucaia do Sul e outra em Erechim. Em nota, o Comando de Operações Terrestres do Exército diz que, em coordenação com os órgãos de saúde regionais, planejou o emprego de equipes para distribuição de material informativo e preenchimento de formulários de controle de viajantes.

20/07/2009

Saúde

20/07/2009 - 08:54

Gripe suína

Ministério muda protocolo e prioridade é evitar mortes



O principal objetivo do Ministério da Saúde a partir de agora será evitar as mortes causadas pela gripe suína, e não mais tentar conter a disseminação do vírus. A informação foi publicada em reportagem da edição desta segunda-feira do jornal *Folha de S. Paulo*. A doença, tratada cada vez mais como epidêmica no Brasil, já matou 15 pessoas no país.

A nova recomendação é para que as

21/07/2009

Saúde

21/07/2009 - 09:58

Exclusivo VEJA.com | Gripe suína

Médico diz que falta Tamiflu para combater doença em Uruguaiana

Natalia Cuminale



Diariamente, o médico pneumologista Cláudio Crespo atende cerca de cem pacientes com suspeita de gripe suína na Santa Casa de Uruguaiana, cidade de 126.000 habitantes localizada no extremo oeste do Rio Grande do Sul e que faz fronteira com a Argentina - onde o número de vítimas fatais da gripe chega a 165. Em Uruguaiana, ocorreram três dos 15 óbitos registrados no Brasil até esta segunda-feira devido à influenza A (H1N1) - por isso, o município decretou situação de emergência. De acordo com o relato do médico, o quadro na cidade é preocupante: ele estima que 4% da população esteja com

algum tipo de gripe, mas é impossível saber se se trata da suína ou não. Além disso, os hospitais estão lotados e há poucas doses do antigripal que pode combater o novo mal. Diante da situação, o pneumologista sentencia: haverá mais mortes nos próximos dias, a menos que o remédio seja distribuído em larga escala. Leia a seguir, os principais trechos da entrevista, feita por telefone.

Saúde

21/07/2009 - 12:59

Gripe suína

Mortes chegam a 700; OMS recomenda suspender aulas

O vírus H1N1 já matou mais de 700 pessoas em todo o mundo desde que surgiu, em abril, e os países deveriam considerar a suspensão das atividades escolares para controlar sua difusão, disse na terça-feira a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Há duas semanas, a estimativa da OMS era de 429 mortos. A agência salientou que cabe às autoridades nacionais decidirem quais medidas tomarem.

Em artigo publicado na segunda-feira na revista *Lancet Infectious Diseases*, pesquisadores britânicos disseram que os governos precisam preparar planos sobre quando e como fechar escolas em caso de agravamento da epidemia da dita gripe suína.

Saúde

21/07/2009 - 16:48

Pandemia

Mortos pela gripe suína chegam a 22. Paraná anuncia 1ª morte

Já chega a 22 o número de mortos por causa da gripe suína no país. Na noite desta terça-feira, a Secretaria de Saúde do Paraná confirmou a primeira morte por causa da doença no estado. Também à noite, a Secretaria de Saúde de Osasco, na Grande São Paulo, anunciou a terceira vítima fatal da doença na cidade. Agora, o estado de São Paulo contabiliza nove mortes por gripe suína.

Mais cedo, a Secretaria da Saúde de São Paulo confirmou cinco novas mortes causadas pela doença no estado. Dos cinco novos casos registrados, quatro são da capital e um da região de Campinas. Somando-se às três vítimas que já haviam sido registradas e à nova de Osasco, o estado tem nove mortes no total.

22/07/2009

Saúde

22/07/2009 - 09:53

Gripe suína

Rio confirma mais 4 mortes - total no país vai a 29. Governo distribui remédio

O total de mortes por causa da gripe suína no Brasil já chega a 29. Na noite desta quarta-feira, a Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro confirmou quatro novas vítimas fatais da doença no estado, todas na capital. Com isso, o total de mortos pela gripe no Rio subiu para cinco. Mais cedo, foi a vez da Secretaria de Saúde de São Paulo confirmar que o estado já tem 12 vítimas fatais da doença. O mais novo caso é o de um menino de 1 ano e 6 meses que morreu no dia 18 de julho, na região do ABC Paulista. Mais cedo, as prefeituras de Valinhos e Itapetininga haviam divulgado outras duas mortes pela doença.

23/07/2009

Saúde

23/07/2009 - 21:20

Pandemia

Mortos pela gripe suína no país já chegam a 34

O Ministério da Saúde informou na noite desta quinta-feira que subiu para 34 o número de mortes causadas pela gripe suína no Brasil. O maior número de casos fatais da doença está no Rio Grande do Sul, onde 16 pessoas morreram até agora. Outros 12 casos foram registrados em São Paulo, 5 no Rio de Janeiro e 1 no Paraná.

De acordo com o governo, de 25 de abril a 18 de julho, foram confirmados mais 1.566 casos de contaminação pelo vírus A (H1N1) no país. O Ministério da Saúde ainda analisou, no período, 8.328 casos suspeitos de algum tipo de gripe, com maior concentração no Sul e Sudeste do país. Destes, 18,8% tiveram diagnóstico positivo para a gripe suína; outros 6,34% (528 casos) tiveram diagnóstico para a gripe comum.

24/07/2009

Saúde

24/07/2009 - 19:06

Gripe suína

São Paulo confirma mais quatro mortes. Total no país chega a 33

A Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo anunciou nesta sexta-feira a morte de mais quatro pessoas por causa da gripe suína - duas na capital e duas na região de Campinas.

Segundo nota da secretaria, morreram na cidade de São Paulo uma menina de 4 anos e um homem de 58. Na região de Campinas, faleceram uma mulher de 37 anos que estava grávida e outra de 20.

De acordo com o órgão, a menina foi internada no dia 16 de julho com crise de broncoespasmo e morreu três dias depois. A secretaria disse que a garota tinha histórico de internações por crises de asma e bronquiolite.

Saúde

24/07/2009 - 20:39

Pandemia

Gripe suína não é motivo para pânico

Uma onda de medo se espalhou entre os brasileiros nas últimas semanas, à medida que a gripe suína começou a fazer vítimas fatais no país. Até a sexta-feira passada, 33 mortes foram associadas à infecção pelo vírus H1N1, responsável pela transmissão dessa nova cepa gripal, em quatro estados - São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul. Somadas à notícia de que, desde abril, a gripe suína já matou 800 pessoas em 160 países, tais mortes semearam um terreno fértil para se imaginar que sair às ruas ou permanecer com outras pessoas em locais fechados se tornou um perigo.

26/07/2009

Saúde

26/07/2009 - 14:45

Pademia

RS registra 12ª morte por gripe suína. Total vai a 34

O estado do Rio Grande do Sul já soma 12 mortos por causa da gripe suína. Um rapaz de 20 anos morreu vítima do vírus A (H1N1) na noite de sábado na cidade de São Sebastião do Caí. Agora, o total de mortes pela doença no Brasil já chega a 34.

Na noite de sexta-feira a Secretaria de Saúde de São Paulo anunciou que o estado registra 16 mortes pela doença. Duas, das quatro novas mortes registradas, foram na capital, e as outras duas na região de Campinas.

A nova vítima gaúcha, segundo informações do jornal *Zero Hora*, é Eder Curvelo Roth, de 20 anos, que estava internado há 13 dias no Hospital de Montenegro, embora morasse em São Sebastião do Caí. Ele era calçadista e tinha problemas de pressão provocado pela obesidade.

Saúde

26/07/2009 - 19:19

Pandemia

RS registra mais 5 mortes por gripe suína. Total vai a 38

A secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul confirmou na noite deste domingo que o estado registrou cinco novas mortes por causa da gripe suína. Uma delas havia sido divulgada durante a tarde pela prefeitura da cidade de Montenegro. Agora, o número de vítimas fatais da doença no estado chega a 16 e, no Brasil, a 38.

Das novas mortes no Rio Grande do Sul, duas ocorreram na cidade de Passo Fundo, uma em Caxias do Sul, uma em Uruguaiana e outra em Montenegro. Na primeira cidade morreram duas gestantes, uma de 31 anos, cujo óbito foi registrado em 16 de julho, e outra de 25, que morreu no dia 20.

27/07/2009

Saúde

27/07/2009 - 15:45

Gripe suína

Instituto Butantan pode produzir 44 milhões de vacinas

O Instituto Butantan, em São Paulo, informou nesta segunda-feira que tem capacidade para produzir 44,2 milhões de doses de vacina contra o vírus influenza A (H1N1), causador da gripe suína.

O volume de vacinas que deve ser produzido pelo instituto, porém, ainda não está definido, já que o governo ainda negocia com fabricantes internacionais a compra de insumos contra a doença. A estimativa é que as doses de imunização fiquem prontas para uso em 2010.

Saúde

27/07/2009 - 20:03

Pandemia

Mortes por gripe suína sobem para 45. SP registrou mais 4

Já chega a 45 o total de mortos pela gripe suína no Brasil. Na tarde desta segunda-feira, a Secretaria de Saúde de São Carlos, no interior de São Paulo, confirmou a primeira vítima fatal da doença na cidade - a 20ª no estado. Segundo a Secretaria, a paciente era uma mulher de 32 anos que morreu no último domingo. Ela não havia viajado a outros países e nem tido contato com pessoas que voltaram do exterior.

28/07/2009

Saúde

28/07/2009 - 08:08

Gripe suína

Bebê nasce infectado com vírus H1N1 na Tailândia. A mãe estava doente

Autoridades sanitárias da Tailândia informaram nesta terça-feira que um bebê nascido no país contraiu o vírus da nova gripe H1N1 enquanto estava no útero. O bebê nasceu prematuro no sábado. Os médicos decidiram realizar uma cesárea na mãe, que estava no sétimo mês de gravidez. A mulher, com 24 anos, fora infectada com o vírus.

"O bebê está estável. Nós agora analisamos como o bebê foi infectado. Este caso de infecção de um bebê antes do parto é o único que identificamos", disse a médica Suriya Coohahrat, autoridade sanitária da província de Ratchaburi, onde a grávida foi internada. A mãe ainda continua muito doente no hospital.

Saúde

28/07/2009 - 09:17

Influenza A

Vírus da gripe suína pode se tornar resistente ao Tamiflu



Tamiflu (AFP)

O uso indiscriminado do Tamiflu para combater gripes que nem sempre são caracterizadas como gripe suína, pode levar à ineficiência do medicamento quando ele for de fato necessário. A opinião é do médico Peter Holden, especialista em pandemia de gripe da Associação Médica Britânica. Segundo ele, na Grã-Bretanha, a responsabilidade é das autoridades de saúde que costumam se contradizer em orientações dadas à população. Alguns afirmam que o remédio pode ser usado quando a pessoa quiser, outros dizem que é preciso prescrição

Saúde

28/07/2009 - 11:24

Gripe suína

Nordeste tem primeira morte. No país, há 46

A Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa, na Paraíba, confirmou na manhã desta terça-feira o primeiro caso de morte causado pelo vírus da Influenza A (H1N1), a chamada gripe suína, no estado. O paciente morreu na madrugada desta terça no Hospital Universitário Lauro Vanderlei, que fica no campus da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde estava internado desde o último dia 21. Ele teria se infectado durante um congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), em Brasília.

Saúde

28/07/2009 - 15:03

Pandemia

Brasil tem 56 mortos por gripe suína. RS tem 19 vítimas fatais

O total de mortes pela gripe suína no Brasil subiu para 56 nesta terça-feira. No fim da tarde, a Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul confirmou três novas vítimas fatais no estado - duas em Caxias do Sul e uma em Uruguaiana. As mortes de Caxias já haviam sido anunciadas pela Secretaria de Saúde da cidade. Durante o dia, a Secretaria de Saúde de São Paulo confirmou sete novas vítimas fatais da doença no estado. Pela manhã, a Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa, na Paraíba, confirmou o primeiro caso de morte pelo vírus A (H1N1) no estado.

29/07/2009

Saúde

29/07/2009 - 16:23

Pandemia

São Caetano confirma 1ª morte por gripe suína

A prefeitura de São Caetano, na Grande São Paulo, anunciou nesta quarta-feira a primeira morte na cidade causada pela gripe suína. A vítima era um homem de 38 anos que estava internado no Hospital Mário Covas, em Santo André, e morreu na manhã desta quarta. Com isso, sobem para 29 as mortes causadas pelo vírus A (H1N1) em São Paulo. No país, o total chega a 58.

Ainda não se sabe se a vítima de São Caetano havia viajado ao exterior. De acordo com a prefeitura, o município investiga ainda o caso de uma funcionária de uma creche, de 42 anos, que morreu nesta madrugada no Hospital Santa Cecília, em São Paulo, com suspeita da doença.

30/07/2009

Saúde

30/07/2009 - 12:42

Gripe suína

América Latina é a região mais atingida pela pandemia, diz OMS



A América Latina é a região mais afetada pela pandemia de gripe suína, segundo informações divulgadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Das 816 mortes causadas pela Influenza A, cerca de dois terços foram registrados na América Latina. A rapidez com que a doença se espalhou pela região sul deve-se ao fato de ser inverno na região – o tempo frio facilita a propagação do vírus.

Lucros das empresas em períodos de crise

Jornais divulgam lucros da empresa Suíça Roche com as vendas do TAMIFLU no mesmo período dos noticiários referentes ao medo de uma pandemia, curiosamente a empresa dispara na venda do medicamento enquanto o mundo passa por uma crise econômica.



Roche diz estar longe da crise

por Saúde Business Web
08/07/2009

Com foco em medicamentos para o tratamento de câncer e hepatite, a farmacêutica espera crescer ainda mais com a queda do dólar

A farmacêutica Roche passou longe da crise. Com o foco voltado no tratamento de doenças como câncer e hepatite, o laboratório lucrou no período com os medicamentos Herceptin e MabThera. De acordo com informações da companhia, o setor farmacêutico não foi muito afetado pela crise mundial.

Os produtos do setor hospitalar correspondem a 70% do faturamento atual da empresa e cerca de US\$ 50 milhões foram destinados à pesquisa clínica. Para o segundo semestre, a companhia espera crescer ainda mais. Além disso, a queda do dólar neste ano deve elevar as margens de lucro da Roche.

Representantes dos diversos segmentos que compõem a saúde suplementar concordam que o setor de saúde tem conseguido enfrentar as adversidades e até mesmo apresentar um pequeno crescimento frente à crise. A conclusão foi obtida num encontro sobre a análise da crise econômica no mundo, em 30 de junho.

GAZETA DO POVO

Vida e Cidadania | Vida Pública | Voto Consciente | Diários Secretos | Mundo | Economia

Opinião | Colunas | Ensino | Pós & Carreira | Viver Bem | Rural | Saúde | Gente | Fórmula 1 | GAZ+ | Animal | Tecnologia | Turismo | Automóveis | Im

Águas do Amanhã | Blogs | Cinema | Delivery | Charges | SMS | Mobile | Guias | Obituário | Clube do Assinante | Anteriores | **EDIÇÃO DO DIA** | Digite um

VIDA E CIDADANIA

>> PANDEMIA

Tamiflu faz lucro da Roche disparar

Publicado em 25/07/2009 | THE NEW YORK TIMES

Fale conosco



Nova Iorque - As vendas do Tamiflu dispararam desde que a pandemia da gripe suína foi confirmada em abril, aumentando os lucros da farmacêutica que o fabrica, Roche. A gigante, sediada na Suíça, revelou nesta semana que as vendas de Tamiflu durante o primeiro semestre de 2009 triplicaram, atingindo a marca de US\$ 931 milhões, grandemente reforçadas pelas compras destinadas à estocagem feitas por governos e empresas.

Apesar do aumento nos pedidos, a Roche garante ser capaz de atender a demanda, afirma Severin Schwan, chefe-executivo da empresa. De acordo com o executivo, os pedidos realizados agora serão atendidos até o fim do ano. Ele ainda aponta que a Roche, em parceria com terceiros, irá aumentar sua capacidade de produção para 400 milhões de cartelas/ano até o início de 2010, quatro vezes a capacidade atual.

Mé

BLOG

>> Blog Vi



O seu lixo

ATUALIZ

UOL BUSCA Web Notícias
UOL Economia Últimas Notícias

BOLSAS Bovespa ↑ 1,22% | 71.534,69 CÂMBIO Dólar comercial ↑ 0,35% | R\$ 1,7090 | [Dólar parale](#)

- [> Blogs e Colunas](#)
- [> Cotações](#)
- [| Bolsas de Valores](#)
- [| Câmbio](#)
- [| Fundos](#)
- [| Índices Econômicos](#)
- [> Empresas](#)
- [> Empregos](#)
- [> Finanças Pessoais](#)
- [| Calculadoras](#)
- [| Controle suas Finanças](#)
- [| Dicionário Financeiro](#)
- [| Guias Financeiros](#)
- [| Investimentos](#)
- [| Perfil do Investidor](#)
- [> Imposto de Renda](#)
- [> Últimas Notícias](#)

23/07/2009 - 13h52

Lucro da Roche recua 29% no semestre, mas vendas de Tamiflu triplicam

Valor

SÃO PAULO - O lucro do grupo farmacêutico suíço Roche somou 4,05 bilhões de francos suíços (US\$ 3,8 bilhões) no primeiro semestre de 2009, sendo que no mesmo período do ano passado a companhia tinha sido de 5,73 bilhões de francos suíços. A queda nesta comparação, portanto, foi de 29%.

Segundo informou a empresa nesta quinta-feira, as despesas classificadas como excepcionais foram o principal fator de limitação dos ganhos. No período, estas despesas somaram 2,4 bilhões de francos suíços, em sua maior parte gerados pela aquisição da Genentech por US\$ 47 bilhões, em operação anunciada em março.

Excluindo os itens excepcionais, o lucro operacional da Roche avançou 20%, para 8 bilhões de francos suíços entre janeiro e junho. Ainda por este critério, o lucro líquido apresentou avanço de 11% na moeda suíça.

As vendas do grupo no período cresceram em 2 bilhões de francos suíços, para 24 bilhões de francos suíços, o que representou um aumento de 10% nas moedas locais e 9% em francos suíços.

ANEXOS 2: DOCUMENTOS

Projeto de Biodefesa

GAO

United States Government Accountability Office

Testimony
Before the Committee on Homeland
Security and Governmental Affairs,
U.S. Senate

For Release on Delivery
Expected at 10:00 a.m. EDT
Tuesday, October 23, 2007

PROJECT BIOSHIELD**Actions Needed to Avoid
Repeating Past Mistakes**

Statement of Keith Rhodes, Chief Technologist
Center for Technology and Engineering,
Applied Research and Methods



GAO-08-208T

Projeto de Biodefesa II

United States Government Accountability Office

GAO

Report to the Ranking Minority Member,
Subcommittee on National Security and
International Relations, Committee on
Oversight and Government Reform,
House of Representatives

January 2007

CHEMICAL AND
BIOLOGICAL
DEFENSE

Management Actions
Are Needed to Close
the Gap between Army
Chemical Unit
Preparedness and
Stated National
Priorities



GAO-07-143



United States Government Accountability Office
Washington, DC 20548

July 24, 2009

Congressional Committees

Subject: *Project BioShield Act: HHS Has Supported Development, Procurement, and Emergency Use of Medical Countermeasures to Address Health Threats*

This report formally transmits the attached briefing in response to section 247d-6c of title 42 of the United States Code. (See the enclosure.) The statute required the Comptroller General to examine the Department of Health and Human Services' (HHS) support for the development and procurement of and authority for the emergency use of medical countermeasures to address chemical, biological, radiological, and nuclear threats to public health, and provide the results to the congressional committees by July 21, 2009.¹ HHS determines priorities for medical countermeasure procurement based on those chemical, biological, radiological, and nuclear agents that have been identified by the Department of Homeland Security as posing a material threat to the U.S. population that could affect national security. We provided the briefing to staff of your committees to satisfy the mandate reporting requirement on July 20, 2009, and July 21, 2009.

We are sending copies of this report to the Secretary of HHS, the Secretary of Homeland Security, and other interested parties. In addition, the report will be available at no charge on the GAO Web site at <http://www.gao.gov>.

If you or your staff have any questions regarding this report, please contact me at (202) 512-7114 or bascetta@gao.gov. Contact points for our Offices of Congressional Relations and Public Affairs may be found on the last page of this report. Key contributions to this report were made by Karen Doran, Assistant Director; George Bogart; Natalie Herzog; Amy C. Leone; Roseanne Price; and Rasanjali Wickrema.

Cynthia Bascetta

Cynthia A. Bascetta
Director, Health Care

Enclosure

¹The Project BioShield Act of 2004 also required the Comptroller General to review other issues, such as how HHS has used its Project BioShield Act contracting and purchasing authorities to enhance its ability to procure medical countermeasures, and the extent to which HHS has sufficient internal controls in place to manage and ensure the appropriate use of its Project BioShield Act contracting and purchasing authorities. We address these issues in a separate report, *Project BioShield: HHS Can Improve Agency Internal Controls for Its New Contracting Authorities*, GAO-09-820 (Washington, D.C.: July 21, 2009).

Documento que autoriza a rápida comercialização do Tamiflu

07/05/13 Postmarket Drug Safety Information for Patients and Providers > Tamiflu and Relenza Emergency Use Authorization Disposition Letters and Question ...



U.S. Food and Drug Administration
Protecting and Promoting Your Health

[Home](#) [Drugs](#) [Drug Safety and Availability](#) [Postmarket Drug Safety Information for Patients and Providers](#)

Drugs

Tamiflu and Relenza Emergency Use Authorization Disposition Letters and Question and Answer Attachments



DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES

Food and Drug Administration
Silver Spring MD 2099

June 22, 2010

Thomas R. Frieden, MD, MPH
Director
Centers for Disease Control and Prevention
1600 Clifton Rd., MS D-14
Atlanta, GA 30333

Re: Disposition of Certain Antiviral Drugs—Zanamivir and Oseltamivir Phosphate

Dear Dr. Frieden:

This letter responds to your request regarding the disposition of certain zanamivir and oseltamivir phosphate drugs upon termination of the authorization of emergency use that was issued on April 27, 2009, pursuant to section 564(b)(1) of the Federal Food, Drug, and Cosmetic Act (the Act), 21 U.S.C. § 360bbb-3.

Attachment 1 provides Questions and Answers Regarding Terminating Certain Emergency Uses of Tamiflu and Relenza.

Attachment 2 provides Update Regarding Stockpiled Antivirals at or Nearing Expiration.

Sincerely,

Margaret Hamburg, M.D.
Commissioner of Food and Drugs

ATTACHMENT 1:

Questions and Answers Regarding Termination of the Emergency Use Authorizations (EUAs) for Tamiflu (oseltamivir) and Relenza (zanamivir)

During the 2009 H1N1 influenza public health emergency, FDA issued Emergency Use Authorizations (EUAs) that authorized certain unapproved uses of Tamiflu and Relenza.

www.fda.gov/Drugs/DrugSafety/PostmarketDrugSafetyInformationforPatientsandProviders/ucm216246.htm

1/7